

O ANO 1000

A VIDA NO INÍCIO DO
PRIMEIRO MILÊNIO

ROBERT LACEY
E DANNY DANZIGER



NA LISTA DOS MAIS VENDIDOS DO *SUNDAY TIMES*




EDITORA
CAMPUS



O ANO
1000

Tradução

Alfredo B. Pinheiro de Lemos



Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro e receba gratuitamente informações sobre os lançamentos e promoções da Editora Campus.

Consulte também nosso catálogo completo e últimos lançamentos em www.campus.com.br

ROBERT LACEY
E DANNY DANZIGER

O ANO 1000

A VIDA NO INÍCIO DO
PRIMEIRO MILÊNIO



EDITORA
CAMPUS

Do original
The Year 1000
Tradução autorizada do idioma inglês da edição publicada
por Little, Brown and Company
© Copyright 1999 by Robert Lacey & Danny Danziger

©1999, Editora Campus Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5.988 de 14/1 2/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros meios.

Capa
Luciano Mello
Monika Mayer

Copidesque
Ana Paula Lessa da Cunha

Editoração Eletrônica
Domus Design Gráfico

Revisão Gráfica Kátia
Ferreira Edna
Cavalcante

Projeto Gráfico
Editora Campus Ltda.
A Qualidade da Informação
Rua Sete de Setembro, 111 - 16º andar
20050-002 Rio de Janeiro RJ Brasil
Telefone: (021) 509-5340 FAX (021) 507-1991
e-mail: info@campus.com.br
ISBN 85-352-0431-8

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato
Nacional dos Editores de Livros, RJ

L142a

Lacey, Robert
O ano 1000 : a vida no início do primeiro milênio / Robert Lacey, Danny
Danziger; tradução Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos. - Rio de
Janeiro : Campus, 1999

Tradução de: The year 1000 Inclui
bibliografia ISBN 85-352-0455-5

1. Inglaterra - Condições sociais - Até 1066. 2. Grã-Bretanha -
História - 979-1016. 3. Ano mil da era cristã. I. Título

99-0705
CDU **942**

CDD 942.01

99 00 01 02

5 4 3 2 1

Para todos os nossos associados e
companheiros da revista *Cover*

O *lavrador alimenta todos nós*. A página de janeiro do Calendário de Trabalho de Julius, produzido na oficina de escrita da Catedral de Canterbury, por volta de 1020.

Agradecimentos

Este livro teve sua origem numa idéia de Danny Danziger, que aprendeu muito pouco da história inglesa quando estudava na Harrow School. Mais aplicado foi seu colega de turma Tyerman, hoje o dr. Christopher Tyerman, chefe do Departamento de História em Harrow. Gostaríamos de agradecer a Christopher pelo conhecimento histórico com que supervisionou nosso trabalho, embora a responsabilidade pelos erros, é claro, seja toda nossa.

Como jornalistas atuantes, nossa proposição era formular as perguntas sobre a vida cotidiana e os hábitos que os livros de história convencionais costumam ignorar. As perguntas seriam encaminhadas a alguns dos mais eminentes historiadores e arqueólogos especializados. Christopher ajudou-nos a escolhê-los. Gostaríamos de agradecer a esses expertos por tolerar nossa ignorância e dispensar tempo para responder às perguntas; e em muitos casos, também por revisar os esboços iniciais. Passamos os últimos dezoito meses no ano 1000. Eles passaram a maior parte de suas vidas ali. Nossa dívida com seus conhecimentos e generosidade é incalculável.

Dra. Anna Abulafia, Lucy Cavendish College, Cambridge

Dra. Debby Banham, Newnham College, Cambridge

Dr. Matthew Bennett, Royal Military College, Sandhurst

Dr. Mark Blackburn, Museu Fitzwilliam, Cambridge

Dr. John Blair, Queen's College, Oxford

Professor Don Brothwell, Universidade de York

Dra. Michelle Brown, Departamento de Manuscritos,
Biblioteca Britânica, Londres

Professor James Campbell, Worcester College, Oxford

Professor Thomas Charles-Edwards, Jesus College, Oxford

Sr. Eric Christiansen, New College, Oxford
Reverendo John Cowdrey, St. Edmund-Hall, Oxford
Dra. Katie Cubitt, Universidade de York
Dr. Ken Dark, Universidade de Reading
Professor Christopher Dyer, Universidade de Birmingham
Dr. Richard Hales, Universidade de Kent
Dr. Ros Faith, Wolfson College, Oxford
Richard Falkiner, expert em moedas e medalhas
Professor Richard Fletcher, Universidade de York
Dr. Simon Franklin, Clare College, Cambridge
Dr. Richard Gameson, Universidade de Kent
Dr. George Garnett, St. Hugh's College, Oxford
Professor John Gillingham, Escola de Economia de Londres
Professor Malcolm Godden, Pembroke College, Oxford
Professor James Graham-Campbell, University College, Londres
Dr. Allan Hall, Universidade de York
Dr. Richard Hall, Conselho de Arqueologia de York
Dr. David Hill, Universidade de Manchester
Dr. Peregrine Hordern, All Souls College, Oxford
Dr. James Howard-Johnston, Corpus Christi College, Oxford
Dr. Gillian Hutchinson, Museu Marítimo, Greenwich
Dr. Andrew K.G. Jones, Universidade de Bradford e Conselho de Arqueologia de York
Dr. Paul Joyce, St. Peter's College, Oxford
Dr. Simon Keynes, Trinity College, Cambridge
Dr. Ken Lawson, St. Paul's School, Londres
Dra. Henrietta Leyser, St. Peter's College, Oxford
Dr. John Maddicott, Exeter College, Oxford
Dr. Ailsa Mainman, Conselho de Arqueologia de York
Dr. Patrick McGurk, Birkbeck College, Londres
Professor Henry Mayr-Harting, Christ Church, Oxford
Professora Rosamond McKitterick, Newnham College, Cambridge
Dra. Patrícia Morison, All Soul's College, Oxford
Professora Janet Nelson, King's College, Londres

Dr. Andy Orchard, Emmanuel College, Cambridge
Dr. Christopher Page, Sidney Sussex College, Cambridge
Steve Pollington, Da Engiscan Gesidas (os Companheiros Ingleses)
Dr. Eric Poole e Georgina Poole, tradutores de documentos clássicos
J. Kim Siddorn, Regia Anglorum
Dr. Richard Smith, Downing College, Cambridge
Professor Alfred Smyth, St. George's House, Windsor Castle
Professora Pauline Stafford, Universidade de Huddersfield
Dr. Andrew Wathey, Royal Holloway College, Londres
Dr. Leslie Webster, Biblioteca Britânica, Londres
Professor Christopher Wickham, Universidade de Birmingham
Sr. Patrick Wormald, Christ Church, Oxford

Todas as entrevistas foram realizadas por Danny Danziger, com exceção daquelas com Richard Falkiner, dr. David Hill, dr. Patrick McGurk, dra. Patricia Morison. Steve Pollington, dr. Eric e Georgina Poole, e J. Kim Siddorn, que foram entrevistados por Robert Lacey. No Museu Britânico, a dra. Michelle Brown foi bastante gentil para dispensar tempo a ambos os autores e nos deixar examinar o Calendário de Trabalho de Julius.

Gostaríamos de expressar um agradecimento particular ao trabalho do dr. Patrick McGurk, que efetuou a mais meticulosa pesquisa acadêmica sobre o Calendário de Trabalho de Julius até hoje, e ao dr. Eric e Georgina Poole, que fizeram uma tradução completa do texto do calendário para o inglês moderno. Cópias dessa tradução estão disponíveis a pedido para os autores, a/c da editora.

Regia Anglorum é uma sociedade cujos quinhentos membros se reúnem para reconstituir a vida e os tempos dos vikings, anglo-saxões e outros habitantes das ilhas britânicas no século que levou à conquista normanda, em 1066. Para informações sobre as quarenta seções regionais de Regia Anglorum, entre em contato com J. Kim Siddorn, 9 Durleigh Close, Bristol BS13 7NQ; e-mail: 101364.35@compuserve.com; Internet: <http://www/ftch.net/~re-gia>. Somos gratos ao inspetor de autenticidade da sociedade, Roland Williamson, por revisar o manuscrito.

Os autores desejam agradecer pela ajuda: os funcionários da Sala de Manuscrito e da Sala de Leitura da Biblioteca Britânica, além do

peçoal de reprodução fotográfica; Fionnuala Jervis, que visitou a Aventura Viking, em Dublin, e o Museu Nacional da Irlanda, por nossa conta; Leonard Lewis; a equipe da Biblioteca de Londres; Andrew e Malini Maxwell-Hyslop; os funcionários e sócios sempre prestativos da livraria John Sandoe, que descobriram recônditos tratados anglo-saxões; o especialista em poda Gordon Taylor; dr. John Taylor; dra. Penny Wallis; o pessoal da aldeia anglo-saxônia em West Stow, Suffolk; o Centro Viking Jorvik, Coppergate, York, e o Conselho Arqueológico de York; o Museu Shaftesbury, Dorset; o Museu da Abadia de Shaftesbury, Dorset; a Casa da Abadia, Malmesbury; Dorothy White.

Também queremos agradecer a nossos agentes literários, Jonathan Lloyd e Michael Shaw, da Curtis Brown; nossos inspirados editoradores na Little, Brown — Philippa Harrison, em Londres, e Bill Phillips, em Nova York — e também Betty Power, nossa imensamente eficiente editoradora de texto em Boston. Obrigado a Ruth Cross por seu índice remissivo meticoloso e satisfatório.

Foi Nina Drummond quem sugeriu que este livro fosse lançado sob a forma de um calendário, a fim de refletir o ritmo da vida no ano 1000. Ela bateu à máquina o manuscrito, desencavou livros e artigos obscuros e, na companhia de Osric, seu fiel *springer spaniel* anglo-saxão, visitou aldeias e abadias anglo-saxônicas, e molhou os pés ao percorrer o caminho que os vikings atravessaram para lutarem a Batalha de Maldon. Este livro não seria possível sem ela... nem sem Sandi Lacey. Sua contribuição para o projeto e os conceitos humanos do texto está presente em cada capítulo.

Nossa outra grande dívida é com nossos sócios e colegas na *Cover*, a pequena revista de grandes palavras e ilustrações que fundamos em 1997. Iniciamos a pesquisa para este livro na mesma ocasião em que começamos a trabalhar na primeira edição de ensaio da revista. O prazer e o sucesso dos dois projetos devem muito à equipe editorial e administrativa, que continuaram a produzir números novos e brilhantes da revista, enquanto nós investigávamos o Viagra do milênio, como fazer um encantamento para um enxame de abelhas, ou como curar uma dor de cabeça anglo-saxônica. Este livro é dedicado a eles... e, através deles, a nossos leais assinantes e leitores.

Danny Danziger e Robert Lacey
Novembro de 1998

Sumário

* * *

*Ilustrações dos capítulos mensais do Calendário de Trabalho de Julius c. 1020,
Catedral de Canterbury, cortesia da Biblioteca Britânica.*

Capa – Orelha – Contracapa

O Calendário de Trabalho de Julius

A Maravilha da Sobrevivência 14

Janeiro . Para Todos os Santos 17

Fevereiro . Bem-vindo a Engla-lond 29

Março . Cabeças por Comida 41

Abril . Banquete 51

Maio . Riqueza e Lã 63

Junho . A Vida na Cidade 77

Julho . O Hiato da Fome 89

Agosto . Remédios 101

Setembro . Pagãos e *Pannage* 113

Outubro . Jogos de Guerra 125

Novembro . As Mulheres e o Preço de uma Carícia 137

Dezembro . O Fim de Tudo, ou um Novo Começo? 149

O Espírito Inglês 161

Notas 167

Bibliografia 171

Índice Analítico 176

Acolho efusivamente o seu desejo ansioso de saber alguma coisa sobre os feitos e ditos dos grandes homens do passado, e de nossa nação em particular.

— *Beda, o Venerável* (673-735)

* * *

E há os que não têm qualquer memorial; os que perecem como se nunca tivessem existido; e se tornam como se nunca tivessem nascido; e seus filhos depois deles. Mas estes são homens misericordiosos, cujas virtudes não foram esquecidas.

— *Ecclesiasticus, capítulo xlv, versículo 9*

* * *

Não ousamos alongar este livro muito mais, pois perderia a moderação e provocaria a antipatia dos homens por seu tamanho.

— *Aelfric, mestre-escola de Cerne Abbas, mais tarde abade de Eynsham* (c. 955-1020)

O CALENDÁRIO DE TRABALHO DE JULIUS

A Maravilha da Sobrevivência

* * *

FOI UM CARVALHO QUE FORNECEU A TINTA, de uma protuberância parecida com um furúnculo que se projetava de sua casca. Uma vespa roera a madeira para depositar seus ovos ali. A árvore, numa reação de defesa, formou uma bolsa em torno da intromissão, circular e com uma capa dura, cheia de um ácido transparente. "Encaustum" era como chamavam a tinta no ano 1000, do latim *caustere*, "morder", porque o líquido das protuberâncias no carvalho literalmente mordida o pergaminho, que era esfolado da pele de cordeiro, bezerro ou cabrito. A tinta era um líquido pastoso naquele tempo. Você esmagava os nódulos do carvalho em água de chuva ou vinagre, engrossava com goma arábica, depois acrescentava sais de ferro, para colorir o ácido.

A tonalidade escolhida por aquele escriba em particular proporcionou um matiz meio marrom à sua tinta preta. O livro é bem pequeno, não mais grosso ou mais alto do que qualquer volume de capa dura em sua estante. Encoste a mão em sua superfície flexível e ainda sedosa: estará tocando na História. Quase que dá para sentir o cheiro. Você está em contato físico com algo que foi criado há quase mil anos, por volta do ano 1020, provavelmente por um clérigo que trabalhava na oficina de manuscritos da Catedral de Canterbury.

Esse documento antigo é conhecido hoje como o Calendário de Trabalho de Julius. Com sua combinação de cálculos de calendário e desenhos impressionistas (ver página 6), é o mais antigo documento sobrevivente do seu tipo na Inglaterra. Proporciona a base para este livro moderno que você tem nas mãos e começa a ler agora, um milênio depois. Nosso livro é uma tentativa de olhar

para trás e descobrir como era a vida na Inglaterra no ano 1000. Devemos a sobrevivência do documento a um colecionador de livros do século XVII, Sir Robert Cotton, que o recuperou da dispersão de manuscritos que se seguiu à dissolução dos mosteiros por Henrique VIII. Sir Robert guardou o pequeno volume em sua grande biblioteca em Westminster. Cada estante era decorada com o busto de um imperador romano — Tibério, Augusto, Diocleciano, Nero, Vespasiano, Júlio César. Esses ressonantes nomes imperiais tornaram-se a base para o sistema de catalogação de Cotton. Tibério D. III indicava um livro guardado na prateleira marcada com um D, terceiro volume a partir da extremidade, por baixo do busto de Tibério. Nosso calendário de trabalho estava guardado por baixo do busto de Julius, ou Júlio César.¹

No momento em que este livro foi escrito, o Calendário de Trabalho de Julius estava preservado por trás das colunas acaneladas do Museu Britânico, mas no ano 2000 deve ser transferido para a nova e espetacular Biblioteca Britânica, ao lado da estação de St. Pancras. Ao longo dos séculos, o calendário perdeu as grossas capas de madeira entre as quais foi originalmente prensado, para evitar que o pergaminho revertisse ao formato do animal de que viera. Apresenta os arranhões e rabiscos das gerações... além das cicatrizes do outrora obrigatório carimbo vermelho do antigo Museu Britânico.

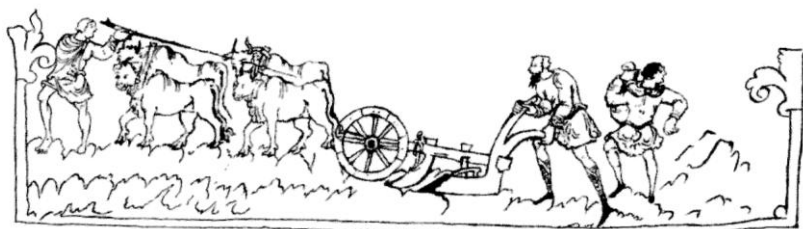
Na disposição, é curiosamente contemporâneo, com doze meses em doze páginas, com um cabeçalho que tem o nome do mês específico e o signo zodiacal. Seu propósito era religioso, relacionar os dias sagrados e os dias de festivais a serem celebrados pela igreja naquele mês, provavelmente como um manual de instruções para os jovens monges. As 365 linhas de versos em latim são de pé-quebrado e monótonos. Pode-se imaginar os jovens oblatas entoando esses versos, enquanto eram introduzidos nos rituais do ano cristão. Nesse sentido, o calendário pertence a um mundo que desapareceu há muito tempo. Mas no espírito e aparência não é muito diferente de um calendário de doze folhas pendurado na parede de uma moderna cozinha.

Trata-se do mais antigo exemplar sobrevivente de um inglês expondo sua vida numa rotina diária, manipulando o tempo, considerando as estações e conduzindo a vida espiritual. Os dias do mês estão relacionados por baixo do signo zodiacal. No fundo de cada

folha há um pequeno desenho delicado, que ilustra o trabalho de cada mês: um lavrador barbudo com um arado empurrado por bois, pastores conversando enquanto olham para as ovelhas, dois homens fazendo a colheita em harmonia, enquanto um terceiro descansa. O desenhista tem um traço ágil e animado, descrevendo seres humanos reais, não fantoches. As figuras são musculosas e barrigudas, carecas, exibem verrugas, franzem o rosto... em suma, demonstram alegria e preocupação. São pessoas como nós.

Convencionou-se que a história inglesa moderna começa em 1066 com a chegada de Guilherme o Conquistador e os normandos, mas aqui voltamos a um período anterior, o final da Inglaterra dos anglo-saxões, onde os personagens alegres e decididos do Calendário de Trabalho de Julius abrem a porta para um mundo que é ao mesmo tempo estranho e curiosamente familiar. Assim, seja bem-vindo ao ano 1000, e *Lege Feliciter*, como Beda, o Venerável disse outrora: Que você possa ler em felicidade!²

JANEIRO



PARA TODOS OS SANTOS

SE VOCÊ CONHECESSE UM INGLÊS NO ANO 1000, ficaria impressionado de imediato com sua altura, mais ou menos a mesma da média atual.³ Acredita-se em geral que somos mais altos do que os nossos ancestrais, o que sem dúvida é verdade quando comparamos nossa estatura com o tamanho de gerações mais recentes. Desnutridos e com uma superpopulação, os habitantes da Inglaterra georgiana ou vitoriana não podiam igualar nossa saúde e físico ao final do século XX.

Mas os ossos retirados das sepulturas na Inglaterra nos anos em torno de 1000 contam uma história de um povo forte e saudável, os anglo-saxões, que ocuparam a maior parte das ilhas britânicas desde a partida dos romanos. Nove em cada dez viviam em campos verdejantes e sem poluição, com uma dieta simples e sadia, que desenvolvia braços e pernas vigorosos... e dentes muito saudáveis. Foi nos séculos subseqüentes ao primeiro milênio que a superpopulação em áreas restritas começou a afetar a estatura e saúde dos europeus ocidentais. Escavações de sítios arqueológicos medievais posteriores revelam corpos que já são menores do que aqueles nos anos em torno de 1000. Os arqueólogos que estudaram esses séculos dizem que quase podem ver a devastação da Peste Negra nos esqueletos cada vez mais frágeis e insalubres.⁴

A vida era simples. As pessoas usavam túnicas que pareciam sacos, com os meiões de que tanto rimos nos filmes de Monty Python, embora em cores que não eram tão indistintas. Apesar da falta de pigmentos químicos no ano 1000, as tinturas vegetais naturais podiam produzir uma ampla variedade de tons fortes e alegres, com vermelhos, verdes e amarelos brilhantes. Era um mundo sem

botões, que ainda teriam de ser inventados. As roupas eram presas com fivelas e cordões.

Vivia-se pouco. Um menino de doze anos tinha idade suficiente para prestar um juramento de fidelidade ao rei. As meninas casavam no início da adolescência, muitas vezes com homens que eram bem mais velhos. A maioria dos adultos morria na casa dos quarenta anos; as pessoas que passavam dos cinquenta anos eram consideradas veneráveis. Ninguém "se matava de trabalhar", mas os sinais de artrite nos ossos de sepulturas anglo-saxônicas indicam que a maioria das pessoas levava uma vida de árduo trabalho braçal... e o Calendário de Trabalho de Julius apresenta diversas formas que esse trabalho braçal podia assumir. Ao longo do fundo da página do mês de janeiro, vemos o lavrador passar com seu arado, abrindo sulcos na terra úmida e muitas vezes cheia de argila, com a pesada lâmina de ferro que era típica da paisagem rural inglesa.

"O lavrador alimenta a todos nós", declarou Aelfric, o mestre-escola de Wessex que ensinou a seus discípulos, de 987 a 1002, fazendo-os observar e analisar as diferentes atividades econômicas que se desenvolviam ao seu redor. "O lavrador nos dá o pão e o que beber."⁵

Parece-se algo lento e primitivo, o pesado arado arrastado pelos bois. Mas em comparação com as tecnologias agrícolas em muitas outras partes do mundo naquela época, o arado de roda e lâmina de ferro do noroeste da Europa era excepcional, permitindo que apenas dois homens arassem um acre inteiro, com a ajuda de animais, que não apenas proporcionavam o "cavalo-vapor", mas também fertilizavam as plantações com seu estrume.

O arado com roda era a base da vida para a população inglesa por volta do ano 1000. Abria o solo para o ar e a água, permitindo que os minerais solúveis alcançassem camadas mais profundas, ao mesmo tempo em que arrancava as ervas daninhas e as jogava para o lado, a fim de definharem ao ar livre. Não era uma invenção nova. Na metade do primeiro século da era cristã, o historiador romano Plínio o Velho descreveu um artefato assim em uso no norte dos Alpes. As evidências sugerem que essa máquina poderosa e de fácil manejo foi o elemento crucial no cultivo das terras conquistadas às florestas no noroeste da Europa.⁶ Um homem para segurar o arado, outro para conduzir os bois, induzindo e cantando, ou mesmo, quando era necessário, forçando os animais a se

adiantarem com uma vara: o desenho mostra os sulcos da terra que acabou de ser revirada, o segredo da maneira como o solo foi subjugado no curso dos séculos anteriores. Eis por que, na passagem do milênio, a Inglaterra foi capaz de sustentar uma população de um milhão de habitantes.

A página do calendário em que o arado de rodas foi desenhado representava também outra tecnologia prática e desenvolvida: a medição do tempo. Hoje consideramos os calendários como um fato corriqueiro. Empresas os distribuem gratuitamente no Natal. Mas o desafio de formular um sistema funcional de datas consumiu as energias das mentes mais brilhantes por séculos, cada cultura e religião projetando seu próprio sistema de cálculo. Na Cristandade, a confusão derivava em grande parte da determinação do festival mais importante da Igreja, a Páscoa.

Os antigos cristãos debatiam o assunto acaloradamente. Cristo fora crucificado quando os judeus se reuniam em Jerusalém para o seu festival da Páscoa. Portanto, a época da Páscoa dos cristãos dependia do calendário lunar judeu, baseado no ciclo de 29 dias e meio, de lua nova a lua nova. Mas planejar uma sequência de festivais religiosos no ano inteiro significava que o calendário lunar tinha de ser ajustado à rotação das estações em 365 dias e um quarto, baseado no ciclo anual do sol... e qualquer que seja a maneira que se tente espremer 29 1/2 em 365 1/4 não dá.

"Tamanha era a confusão naquela época", relatou Beda, o Venerável, o grande cronista da época, descrevendo as discussões sobre o calendário na Inglaterra em meados do século VI, "que a Páscoa era às vezes observada duas vezes no mesmo ano. Assim, quando o rei encerrara a Quaresma e respeitava a Páscoa, a rainha e suas acompanhantes ainda jejuavam e celebravam o Domingo de Ramos."⁷

O rei era Oswy de Northumbria, o mais setentrional dos antigos reinos anglo-saxões. Oswy seguia o calendário dos monges de influência irlandesa de Lindisfarne, responsáveis pela conversão da Northumbria. Enquanto isso, sua esposa recente, Eanfled de Kent, permanecia fiel aos cálculos romanos, pelos quais fora criada, em Canterbury. Um sínodo de sábios foi convocado em Whitby, na costa do Yorkshire, para resolver esse e vários outros conflitos de prática religiosa. Ressentimentos profundos afloraram.

"A Páscoa é observada por homens de diferentes nações e línguas sempre na mesma ocasião, na África, Ásia, Egito, Grécia e no

resto do mundo", argumentou o representante de Canterbury. "Os únicos que estupidamente contestam o mundo inteiro são os irlandeses e seus parceiros na obstinação, os pictos e britônicos, que habitam apenas uma parte das duas ilhas mais ao norte do oceano."⁸

"É estranho que nos chame de estúpidos", protestou a delegação irlandesa, citando o Apóstolo João como a autoridade para seu calendário. Eles defenderam seu sistema de manipulação dos ciclos da lua e do sol com a superioridade desdenhosa da fé mais antiga, já que os irlandeses haviam se tornado cristãos muito antes dos ingleses. São Patrício fundara sua igreja na Irlanda um século e meio antes de Agostinho, enviado do Papa Gregório, chegar a Canterbury para criar a igreja da Inglaterra. Além disso, foram missionários da Irlanda, não do Kent, que cristianizaram a Escócia e o norte da Inglaterra.

Mas quando a convenção à beira-mar concluiu seus debates, foi Canterbury que prevaleceu. Foi uma vitória, em termos de política da igreja, da autoridade centralizadora do Papa em Roma. Em termos de calendário, a decisão permitiu que Beda, o monge de Tyneside, que era ao mesmo tempo um cronista histórico e um mestre da matemática, desenvolvesse um sistema de fixação de datas que acabaria com a discussão de uma vez por todas.

Às vésperas do ano 2000, o inglês se interessa e se prepara para a passagem do segundo milênio graças a Greenwich, com seu tempo exato e a linha zero de longitude. Graças a Beda, o Venerável, o inglês do passado também pôde se interessar pela passagem do primeiro milênio, marcada e prevista. Claro que não devemos procurar por domos ou monumentos especiais ao milênio no ano 1000. Era uma data que, em princípio, só podia significar alguma coisa para as pessoas que datavam sua história a partir do nascimento de Jesus. Mesmo na Cristandade, havia interpretações variadas a respeito. Mas se algum país empenhou-se em fixar datas que reconheceríamos hoje, foi a Inglaterra; e isso aconteceu por causa de Beda, o Venerável, que popularizou o uso do sistema do Anno Domini, através de sua obra famosa *De Tetnporum Ratione* (Sobre o Cálculo do Tempo).

Feito em 725, *De Tetnporum Ratione* baseou-se nos cálculos da Páscoa de um estudioso cético do século VI, Dionysius Exiguus (Dionísio o Pequeno). Ao compilar as tabelas da Páscoa para o Papa João I, Dionísio comentou, quase que de passagem, como era

impróprio que a Igreja se baseasse no calendário pagão dos romanos,⁹ ainda mais porque seus anos remontavam ao grande perseguidor dos cristãos, Imperador Diocleciano. Não faria mais sentido, sugeriu Dionísio, datar a era cristã do nascimento do Salvador, que poderia ser designado como o ano 1 ?

O estudioso cometeu dois grandes erros a esta altura. O conceito de zero ainda não entrara no pensamento matemático ocidental, baseado nos numerais romanos. Assim, a era cristã de Dionísio perdia os doze meses do ano 0 necessários para se chegar ao começo do ano 1. Ainda mais importante, o ano que Dionísio escolheu para o nascimento de Cristo era quatro anos depois da morte do notório Rei Herodes, que ficara enfurecido, de uma forma tão memorável, com o nascimento em Belém de um rei dos judeus rival. A descrição do Evangelho do nascimento de Cristo como ocorrido no reinado de Herodes significa que Jesus provavelmente nasceu em 4 a.C, ou mesmo antes (o que também significa que o segundo milênio de seu nascimento deveria ser celebrado em 1996 ou 1997, não em 2000).

Beda percebeu esse erro no proposto ano 1 de Dionísio, mas evidentemente achou que os poucos anos de imprecisão importavam menos do que o conceito extraordinário de datar a história de acordo com os "Anos da Graça", a era do reinado de Cristo na Terra. Quando escreveu sua grande *Ecclesiastical History of the English People*, em 731, Beda usou o sistema de data do Anno Domini. Ao final do século seguinte, quando os escribas da *Anglo-Saxon Chronicle* iniciaram seu trabalho de registrar a história inglesa, ano a ano, foi o sistema de Beda que eles adotaram.

Persistia a confusão sobre o dia do verdadeiro início do ano cristão. Beda considerou que o ano deveria começar com o nascimento de Cristo, a 25 de dezembro. Mas, seguindo essa lógica através de nove meses de gravidez, chega-se ao dia 25 de março, a Festa da Anunciação, ou Dia de Nossa Senhora, celebrada pela igreja em comemoração da visitação do anjo Gabriel a Maria, com a notícia de que ela esperava o Cristo criança. Para um cristão, isso representava a mais antiga manifestação da Presença Divina neste mundo. Assim, o Dia de Nossa Senhora foi celebrado por séculos como o verdadeiro início do ano. Na década de 1660, Samuel Pepys ainda expôs essa confusão em seus *Diaries*, iniciando seu cálculo dos anos no Dia de Nossa Senhora (25 de março), mas também registrando

a data consular romana de 1º de janeiro como o "Dia do Ano-novo".

Toda essa complexa mistura dos imponderáveis sol, lua, estrelas e os acréscimos falíveis da história humana está representada nas páginas do Calendário de Trabalho de Julius, que apresenta os doze meses romanos com que estamos familiarizados, sobrepondo as filigranas da elaboração cristã. As colunas de aparência misteriosa no lado esquerdo de cada página, com letras e numerais, são parte do mecanismo para calcular a Páscoa e outros festivais religiosos. Os chamados números Dourados indicam a ocorrência da lua nova, enquanto as letras Dominicais mostram onde cairão os domingos em qualquer ano determinado, já que esse calendário não se relaciona com um conjunto específico de doze meses. É um calendário perpétuo. As codificações complicadas são como o interior de um computador, deixando o leigo aturdido, mas abrindo o caminho do conhecimento para aqueles que compreendem o código.

A dois e meio centímetros da esquerda da página, há uma coluna de numerais romanos, marcando o dia do mês de acordo com o complicado sistema romano de contar as coisas de trás para a frente. Iam de KL, Calendas, o primeiro dia do mês, passando pelas Nonas e os Idos, o meio do mês, que caía no dia 13 ou 15. Mas é o texto à direita da data que realmente importa, pois ali estava relacionado o principal propósito do calendário, os nomes dos santos e festivais religiosos que deveriam ser observados.

O bem e o mal são companheiros ativos das pessoas no ano 1000. Quando se dizia que alguém tinha o Diabo no corpo, os outros consideravam literalmente. Jack Frost — a personificação da temperatura de congelamento — não representava o "tempo" para as pessoas que tinham de sobreviver sem aquecimento central através de um úmido inverno medieval. Em vez disso, era a personificação da maldade, um parente do Diabo, enregelando narizes e dedos, tornando o solo duro demais para se trabalhar. Era um de uma legião de pequenas criaturas, elfos, duendes e fadas, que habitavam os temores e as fantasias das populações medievais.

A Igreja também tinha seu exército de espíritos, os santos que haviam conduzido suas vidas — e perdendo-as com frequência — de acordo com os ensinamentos de Jesus. O propósito principal do Calendário de Trabalho de Julius era proporcionar um encontro diário com esses santos, cujas vidas eram um exemplo e a promessa de como as coisas podiam melhorar. Era essa a função espiritual do

calendário. No nível mais básico, é um guia para uma coletânea maravilhosamente variada de seres humanos, cujas vidas, aventuras e personalidades proporcionavam um entretenimento, o mais próximo que qualquer documento medieval podia chegar do que hoje se chama fofoca.

Os retratos pessoais não existiam realmente na primeira parte da Idade Média. Até os reis eram apresentados apenas como figuras simbólicas e idealizadas em suas moedas. Mas quando se tratava da vida dos santos, havia uma oportunidade de analisar suas personalidades, ponderar as peculiaridades de um personagem como Simeão Estilita, o eremita do século V que passou grande parte de sua vida no alto de colunas cada vez mais altas, completamente nu, ou tomar conhecimento da vida de Maria do Egito, a santa padroeira das mulheres decaídas. Maria foi uma egípcia que saiu de casa aos doze anos. Foi viver na Alexandria do século V, onde se tornou uma prostituta, durante dezessete anos. Pela curiosidade, resolveu participar de uma peregrinação a Jerusalém, pagando a passagem com o oferecimento de seu corpo aos marinheiros. Ao chegar à Cidade Santa, no entanto, junto com os outros peregrinos, ela descobriu que era impossível entrar na igreja. Sentiu-se contida por uma força invisível. Quando levantou os olhos para uma imagem da Virgem Maria, ouviu uma voz lhe dizendo para atravessar o rio Jordão, onde encontraria o repouso. Assim, segundo a lenda, ela comprou três pães e foi viver no deserto. Passou o resto da vida ali, alimentando-se com tâmaras e bagas. Quando suas roupas se gastaram, os cabelos tornaram-se bastante longos para cobrir o corpo e manter o recato. Ela dedicou sua vida à oração e contemplação. Maria aparece com frequência nas crônicas medievais e imagens da Igreja, identificada pelos cabelos compridos e os três pães que se tornaram simbólicos.¹⁰

As pessoas identificavam-se com as personalidades e sutilezas dos santos, assim como sentem hoje que conhecem a fundo os astros e as estrelas das novelas de televisão. As hagiografias que relatavam suas histórias eram panegíricos suaves e estereotipados, em geral escritas por leais seguidores e amigos. Mas os indícios humanos espreitavam nos detalhes. O santo de cada dia do mês apresentava seu próprio drama. Nos mosteiros, as orações matutinas eram dedicadas às figuras sagradas daquele dia. A oração era o meio de pedir a um santo que dispensasse atenção às suas preocupações

personais. Cantar era uma linda maneira de dizer "Por favor, escute". O Deus da Idade Média era um Deus que interferia ativamente na vida diária. Era essa a mensagem dos milagres feitos por Jesus e continuados por seus santos. Portanto, uma função do culto era garantir a intervenção divina em seu favor.

Depois da prima, o primeiro serviço do dia, ao amanhecer, os monges encaminhavam-se para seu capítulo — a sala de reunião do mosteiro —, onde as vidas dos santos do dia eram lidas. Um dos sermões pregados na capela podia muito bem partir de um incidente na vida do santo específico do dia, como o trampolim para algum ensinamento prático.¹¹ O dia 5 de janeiro era dedicado a Simeão Estilita, o eremita que vivia no alto de uma coluna. Outros dias eram consagrados a Isidoro de Sevilha, que proclamara que devia haver uma catedral-escola em cada diocese; Santa Genevieve, que salvou Paris de Átila o Huno, e cuja vela foi apagada pelo demônio quando foi rezar à noite; São Luciano, que foi aprisionado por causa de sua fé pelo imperador Diocleciano; São Timóteo, um companheiro de São Paulo que foi apedrejado até a morte pelos pagãos; São Secundinus, que escreveu o mais antigo hino latino conhecido na Irlanda; e o eremita São Paulo de Tebas, que teria sobrevivido por mais de cem anos de devoção e austeridade no deserto.

Cada herói ou heroína tinha sua lição para ensinar. Podia levar à pessoa ao longo do dia um talismã psíquico de encorajamento. A geografia dos santos, de Antióquia a Sevilha, do norte a Paris e Irlanda, era por si só uma lição sobre as formas e características variadas de um mundo que se estendia muito além do que podemos imaginar. Os anglo-saxões conheciam três continentes — Europa, África e Ásia — e também tinham conhecimento da Índia. Ao final do século IX, o rei Alfred enviou dinheiro para ajudar os missionários cristãos ali.

A própria Inglaterra era uma rede de lugares mágicos. O altar de cada igreja continha as relíquias físicas de pelo menos um santo. A origem da tradição pela qual muitas igrejas modernas são dedicadas a um santo determinado remonta ao princípio básico da convicção da Igreja Romana de que um santo está presente onde quer que se encontrem suas relíquias. O paraíso era visualizado como algo parecido com a corte real. Deus sentava ali em julgamento, como o rei, e dispensava mais atenção aos que podiam alcançar seu ouvido. Nesse mundo, eram os grandes guerreiros e os magna-

tas que contavam com esse acesso. No paraíso, eram os santos. Suas vidas santas e os sofrimentos aqui haviam lhes valido a transferência direta da Terra para a presença de Deus, sem qualquer espera no purgatório. Acreditava-se que seu corpo — ou partes do corpo — repousando no altar da igreja que lhe era dedicado, ainda permanecia vivo. Eram inúmeros os relatos de túmulos de santos sendo abertos e se descobrindo sinais de vida, como cabelos ou unhas crescendo, braços e pernas ainda contendo sangue. Isso provava a vitalidade e a eficácia do deus cristão. As igrejas cujos santos demonstravam ser mais poderosos tornavam-se centros de culto e peregrinação.

Quando o rei Ethelbert de Kent recebeu o primeiro grupo de sacerdotes cristãos que traziam cumprimentos do Papa em Roma, no ano 597, exigiu que o encontro fosse ao ar livre, para que o vento dissipasse os encantamentos que pudessem tentar lhe lançar com sua magia estrangeira.¹² Quatrocentos anos depois, a magia cristã tinha toda a Inglaterra sob a sua influência, com os santuários dos santos proporcionando à nação seus centros de energia. No norte estavam as relíquias de Beda, o Venerável, cultuadas desde sua morte em 735 pelos monges de Tyneside e Wear. Cinquenta anos depois de sua morte, o culto a Beda, o Venerável, como um santo já fora consolidado pelas testemunhas locais de que suas relíquias haviam realizado curas milagrosas. A força dos ossos de Beda era tão grande que muitos os reivindicaram. Em meados do século XI, foram transferidos para Durnham. Em Wessex, Glastonbury reivindicou algumas relíquias de Beda, a fim de aumentar a reputação de sua abadia como um dos lugares mais sagrados da Inglaterra. Segundo a lenda posterior, o próprio Jesus passou por Glastonbury nos tempos antigos, conhecendo "as pastagens mais aprazíveis da Inglaterra". São José de Arimatéia também teria passado por lá, a fim de plantar o famoso Espinho de Glastonbury, tirado da coroa de Cristo, que florescia todos os anos no Natal.¹³

No coração de Wessex, na grande catedral em Winchester, está o corpo de St. Swithin, bispo de Wessex em meados do século IX. Ele se tornou o centro de um culto movimentado um século depois de sua morte. Segundo Aelfric, o mestre-escola e grande prosador de seu tempo, os doentes iam para Winchester em vastos números para serem curados. "Num prazo de dez dias," registrou Aelfric, "duzentos homens foram curados; e tantos em doze meses que

nenhum homem podia contá-los. O cemitério ficava lotado de aleijados, de tal maneira que não era fácil visitar a catedral."¹⁴

Aelfric era professor na escola do mosteiro em Cerne Abbas, a poucos dias de viagem de Winchester. Ele próprio estudara ali. Assim sendo, parece provável que seus relatos tenham sido de observação direta. Como viveu e ensinou por mais de uma dúzia de anos à sombra do gigantesco Cerne Abbas, o grande deus pagão da fertilidade, com uma exuberante genitália esculpida na encosta de greda por cima da aldeia, não é de surpreender que o irônico Aelfric demonstrasse uma visão imparcial de certas alegações humanas ao contato com o sobrenatural: "Alguns sonhos são na verdade de Deus, mesmo quando os lemos em livros", escreveu ele. "Outros são do Diabo, por alguma impostura, procurando descobrir até que ponto pode perverter a alma." Mas Aelfric não tinha a menor dúvida sobre os milagres ocorridos no apinhado cemitério de Wessex no século X: "Todos ficaram tão milagrosamente curados em poucos dias que não se podia encontrar cinco homens doentes naquela vasta multidão."¹⁵

Aquela era uma época de fé. As pessoas acreditavam tão fervorosamente nos ossos de santos quanto muitos acreditam hoje que farelo de trigo, exercícios físicos ou a psicanálise podem aumentar a soma da felicidade humana. Os santos levaram vidas reais. Confrontaram seus princípios com absoluto destemor contra a adversidade... e muitos haviam vivido em tempos recentes, já que não existia um processo formal de canonização como acontece hoje. Um amado abade ou abadessa local podia se tornar um santo em sua localidade poucos anos depois de sua morte. Manifestações coletivas de pesar como a que acompanhou a morte de Diana, Princesa de Gales, em 1997, eram o primeiro passo para a santidade no ano 1000. O passo seguinte era o testemunho dos fiéis sobre a ocorrência de presságios e milagres.

Você não ficava sozinho. Havia a mensagem confortadora do Calendário de Trabalho de Julius, com seu relato dos festivais dos santos ao longo dos doze meses. Deus ali estava para ajudar, assim como toda uma rede de seres humanos, do passado distante à sua época. No ano 1000, os santos eram uma presença tão vital e dinâmica quanto qualquer bando de elfos ou demônios. Constituíam uma comunidade viva, para a qual se rezava, no meio da qual se vivia.

FEVEREIRO



BEM-VINDO A ENGLA-LOND

É TEMPO DE CONHECER ALGUÉM DO ANO 1000, pelo menos na medida em que ressequidos documentos legais podem nos proporcionar um contato humano, depois de tanto tempo. Aqui está Aelfflaed, uma mulher da nobreza que morreu em algum momento entre 1000 e 1002, deixando vastas propriedades em Essex e East Anglia.¹⁶ Aqui está Wulfgeat de Donnington, em Shropshire, um proprietário de terras mais modesto, com bens que legou para a esposa e a filha.¹⁷ E aqui está o caridoso bispo Aelfwold de Crediton, no West Country, que morreu em 1008, ansioso em libertar todos os escravos que haviam trabalhado em suas terras.¹⁸ Temos conhecimento de Aelfflaed, Wulfgeat e do bispo Aelfwold por seus testamentos; e pela natureza dos testamentos, sabemos mais sobre seus bens materiais do que podemos descobrir sobre suas vidas pessoais e espirituais. Mas o testamento de Aelfflaed nos revela que ela supervisionava o cultivo de muitos acres com aparente êxito, dando ordens a homens numa sociedade de predomínio masculino. Wulfgeat de Donnington, por sua vez, não considerava nada de excepcional deixar suas terras para serem administradas pelas mulheres de sua família. Não há mulheres descritas no Calendário de Trabalho de Julius, mas como veremos em seguida as mulheres que possuíam bastante força de caráter podiam reivindicar o poder e exercer autoridade na Inglaterra do ano 1000. Era de se esperar que um bispo deixasse alguns legados devotos, mas o testamento de Aelfwold nos revela que havia trabalho escravo na Inglaterra dos anglo-saxões... ao mesmo tempo em que sugere que as pessoas sentiam-se apreensivas o bastante com o fato para libertar os escravos ao passar para a outra vida. Os documentos legais

que sobreviveram a um milênio apenas nos fornecem algumas indicações; mas com sua ajuda e de outras fontes podemos nos aprofundar um pouco nas mentes e nos corações das pessoas.

As medições de crânios demonstram que a capacidade cerebral de um homem ou uma mulher vivendo no ano 1000 era exatamente igual à nossa.¹⁹ Não eram pessoas com as quais deveríamos ser condescendentes. Eram práticas e independentes, nunca propensas a angústias ou auto-análise excessivas, a julgar pelas poucas que registraram seus pensamentos no papel. Seriam o tipo ideal para se escolher como companheiro numa ilha deserta, pois eram hábeis e podiam usar as mãos para fazer qualquer coisa. Sabiam como fazer e consertar. Ao final de um dia de trabalho, podiam também ser uma excelente companhia, já que uma das coisas mais importantes que aprendiam em suas vidas era como se divertirem. O conhecimento raramente vinha dos livros — apenas uma pequena minoria sabia ler — e conservavam as informações sem a ajuda de fichários ou sistemas mecânicos de arquivamento. Aprendiam tudo pela observação e imitação, em geral se postando ao lado de um adulto, quase sempre o pai ou a mãe, para memorizar tudo que era necessário para sobreviver e enriquecer suas vidas.

Seus poemas e histórias mal começavam a ser escritos. Os anglo-saxões aprendiam a maior parte de seu folclore pela tradição oral. Podiam fazer relatos longos e complexos da história de sua família, quem gerou quem, desde o tempo em que os primeiros ancestrais chegaram à Inglaterra, procedentes das florestas no outro lado do mar. E adoravam recitar de cor os antigos poemas folclóricos, sagas violentas e sangrentas de animais selvagens e guerreiros, com os ecos das viagens que trouxeram seus antepassados das "ilhas exteriores", na beira do grande oceano.

O poeta Robert Graves comentou que o ritmo da antiga poesia inglesa parecia com o ato de remar, o som lembrando o barulho dos remos entrando na água e puxando. Não resta a menor dúvida de que o grande épico anglo-saxão *Beowulf*, relatando uma história antiga e sobrevivendo num livro que foi escrito por volta do ano .1000, adquire uma vida especial quando descreve uma viagem marítima:

*Over the waves, with the wind behind her
And foam at her prow, she flew lík a bird
Until her curved neck had covered the distance*

*And on following day, just when they hoped to,
Those seafarers sighted land,
Sunlit cliffs, sheer crags,
And looming headlands, the landfal they sought.²⁰ **

Beowulf (traduzido aqui para o inglês por Seamus Heaney) era uma obra excepcional por ser escrita. Por isso, é um testemunho dos mais valiosos... como o Calendário de Trabalho de Julius. O desenho para o mês de fevereiro mostra uma viçosa plantação de videiras sendo podadas, um processo que, por tradição, começava no dia de São Vicente, a 22 de janeiro.²¹ Como acontece com o desenho do arado de janeiro, a apresentação desse processo agrícola aparentemente rotineiro tinha um profundo significado, já que o objetivo da poda é orientar as energias de crescimento de uma planta para os canais desejados pelo lavrador. Assim como o arado com roda representava o milenar domínio do solo pelo homem, a poda hábil de galhos demonstrava sua capacidade de criar uma proveitosa e funcional associação com os arbustos, videiras e árvores de Deus.

Os galhos das plantas se contorcem de uma maneira quase ameaçadora nesse trabalho específico do mês. As videiras, crescendo com o vigor que se encontra em João e o Pé-de-Feijão, parecem imbuídas de tanta vida quanto os homens que as podam. Mas os lavradores mantêm o controle, graças às suas *serps*, as lâminas de ferro compridas e achatadas, como relhas de arado com um cabo. Simbolizava a capacidade para moldar o ambiente... e é a moderna paisagem inglesa que nos proporciona o testemunho físico mais indiscutível do que os homens e as mulheres do ano 1000 fizeram com suas vidas. Os anglo-saxões deixaram sua marca indelével na zona rural inglesa. Por volta do ano 1000, a maioria das cidades e aldeias da moderna Inglaterra já fora fundada por marujos, que se revelaram competentes colonos e lavradores. E seu legado ainda

* Sobre as ondas, com o vento por trás,
E a espuma na proa, o navio voava como uma ave
Até seu pescoço curvo percorrer a distância
E no dia seguinte, quando todos esperavam,
Aqueles marujos avistaram terra,
Rochedos iluminados pelo sol, penhascos escarpados
E promontórios enormes, a terra que procuravam.

mais amplo foi a língua que falavam, de extremo vigor, simplicidade e riqueza. Veio a se tornar a base primária da maneira como milhões de pessoas no mundo inteiro hoje em dia falam, pensam e formulam suas idéias.

A língua inglesa chegou na Inglaterra — já se sabe — na ponta de uma espada... e chegou duas vezes. A primeira invasão foi com os anglos, saxões, jutos e outras tribos do norte da Holanda e da Alemanha, que atravessaram o mar do Norte nos anos depois de 450, para preencherem o vazio deixado pela partida dos romanos. Eram agressores robustos e determinados, "guerreiros ansiosos por fama", segundo a *Anglo-Saxon Chronicle*, "orgulhosos soldados", parentes dos mesmos "bárbaros" alemães que seguiam para o sul e se envolveram nos dois lados das batalhas sobre Roma (muitos alemães lutaram como mercenários ao lado de Roma). Não tiveram muita dificuldade para assimilar os cordiais britânicos. Os recalcitrantes foram expulsos para Cornualha, Gales, Escócia e Irlanda, o crescente ocidental de charnecas e montanhas varridas pelo vento que se tornou conhecido como a orla céltica.²² Entre 450 e 600, os anglo-saxões assumiram o controle sobre a maior parte da área que corresponde à Inglaterra moderna. Referiam-se aos britânicos despojados como *wealisc*, significando "estrangeiros", de onde veio a palavra *Welsh*, galês em português.

Para os celtas despojados, os invasores germânicos eram todos saxões... de onde vem a palavra escocesa insultuosa *Sassenach*, para designar os ingleses. Mas muitos dos recém-chegados começaram a se classificar como anglos. Beda absorveu a palavra, descrevendo-os como *gens Anglorum*. A língua que falavam passou a ser conhecida como *Englisc*. Era falada com um certo ritmo e continha muitas palavras que podemos reconhecer hoje, mesmo sem compreender coisa alguma. Eles se organizaram num conjunto de pequenos reinos, de Northumbria no norte, passando por Mércia, que ocupava mais ou menos a área da moderna Midlands, enquanto ao sul o país se dividia entre East Anglia, Kent, Essex, Sussex e Wessex (os reinos dos saxões do leste, saxões do sul e saxões do oeste).

Análises de computador da língua inglesa como é falada hoje comprovam que as cem palavras usadas com mais frequência são todas de origem anglo-saxônica: *the, is, you*, os fundamentos

básicos.²³ Quando Winston Churchill quis mobilizar a nação em 1940, foi à linguagem dos anglo-saxões que recorreu: "Lutaremos nas praias; lutaremos nos pontos de desembarque; lutaremos nos campos e nas ruas; lutaremos nas colinas; nunca nos renderemos." Todas essas palavras em inglês vinham do Old English, a língua que se falava no passado. A exceção era o verbo final, *surrender*, uma importação francesa que veio com os normandos em 1066. Quando o homem pisou na lua, em 1969, as primeiras palavras humanas pronunciadas ali tinham ecos similares: *One small step for a man, one giant leap for mankind*. (Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade.) Cada uma das famosas palavras de Neil Armstrong era parte do Old English por volta do ano 1000.

Talvez seja também o momento conveniente para ressaltar que inúmeras palavras chulas, muitas vezes descritas como "anglo-saxônicas", só chegaram à Inglaterra em tempos relativamente recentes: *fokkinge* (intercurso sexual), *cunt* (vagina), *crappe* (excremento) e *bugger* (sodomita) são importações bem posteriores, talvez da Holanda, quase ao final da Idade Média, uma época confusa de grandes viagens e explorações marítimas. Não há absolutamente imprecisões ou obscenidades no inglês anglo-saxão, pelo menos como a língua nos chegou, em documentos compostos pelos escribas dos mosteiros. Os anglo-saxões podiam jurar *fazer* alguma coisa, ou podiam jurar *por* alguma coisa, mas não há registro de jurar (no sentido de praguejar) *contra* qualquer coisa.

Quando Santo Agostinho e seus missionários cristãos chegaram, em 597, para converter os anglos em anjos (*angles* em *angels*, em inglês), o *englisc* demonstrou ser admiravelmente flexível e acolhedor para a terminologia da nova religião. A própria palavra *angel*, junto com *disciple* (discípulo), *martyr* (mártir), *relic* (reliquia) e *shrine* (santuário) são uns poucos exemplos das muitas palavras gregas e latinas que foram assimiladas sem a menor hesitação pela língua. Mas a invasão que deu a contribuição decisiva para a língua foi uma segunda onda de agressores escandinavos, os vikings, que começaram a ocupar áreas no norte e leste da Inglaterra na esteira dos ataques iniciados na década de 790. Essa nova geração de guerreiros marítimos vinha da mesma região do mar do Norte dos invasores anglo-saxões originais. Falava uma língua similar. No decorrer do século seguinte, os vikings devastaram a Northumbria, Mércia,

East Anglia e Essex. Apenas Wessex resistiu aos terríveis nórdicos, aos quais os ingleses se referiam como *danes*, os dinamarqueses. Isso aconteceu por causa do extraordinário jovem rei de Wessex, Alfred, que subiu ao trono em 871, depois da morte de seus três irmãos mais velhos.

A famosa história de Alfred queimar os bolos por estar tão preocupado em encontrar uma maneira de derrotar os vikings entrou no folclore inglês num documento escrito por volta do ano 1000. Sugere que Alfred foi o Winston Churchill dos ingleses na passagem do primeiro milênio... ou talvez, mais precisamente, seu George Washington, porque a retirada de Alfred com um pequeno bando de seguidores para o refúgio pantanoso em Somerset parece com o histórico inverno dos rebeldes americanos em Valley Forge. O destino dos ingleses nas mãos de Alfred e seu decidido bando de guerreiros na ilha fortificada de Athelney. Foi ali, segundo a lenda, que ele deixou queimar os bolos que a mulher de um lavrador lhe pedira para vigiar (provavelmente eram porções de massa numa grelha, por cima de um fogo aberto). As reflexões tiveram consequências proveitosas, pois não apenas ele saiu dos pântanos com uma estratégia militar que expulsou os vikings, mas também com um inspirado conjunto de reformas e inovações que proporcionariam uma identidade decisiva ao país, que àquela altura era conhecido como "Engla-lond", a terra dos anglos.

Por volta do ano 1000, Alfred já estava morto há um século, mas destacava-se, ao lado de Beda, o Venerável, como um formador da identidade em desenvolvimento da Inglaterra. Sua maior inspiração foi compreender como o conhecimento liberta... que o conhecimento é poder. "A coisa mais triste em qualquer homem é ser ignorante", disse ele em certa ocasião. "Já a coisa mais emocionante é o fato de um homem *saber*." Cheio de curiosidade intelectual e tecnológica, o rei estava ansioso em determinar a hora exata do dia. Por isso, inventou uma vela graduada em que se podia verificar as horas, à medida que queimava. Como ventava muito em seus palácios, ele projetou uma campânula para pôr em cima da vela, evitando que a chama fosse apagada. Com quase quarenta anos de idade, no meio do que descreveu como "os vários e complexos cuidados de seu reino", Alfred começou a aprender latim, a fim de poder traduzir para o inglês alguns textos latinos essenciais. "Parece melhor para mim...", escreveu ele, "que devamos traduzir

certos livros, mais necessários para todos os homens conhecerem, na língua que todos possam compreender, e também providenciar para que os filhos dos homens livres do povo inglês... sejam capazes de ler e escrever em inglês".

O rei incumbiu estudiosos de realizarem a maior parte do trabalho, mas verificou tudo que eles escreveram, acrescentou seus comentários e reflexões às traduções, no que devia ser uma espécie de seminário permanente. Alfred foi uma extraordinária inspiração, o único monarca inglês a que se concedeu o título de "O Grande". A maior realização de seu reinado foi a criação da primeira história da Inglaterra em língua inglesa, a *Anglo-Saxon Chronicle*. Por volta do ano 1000, a *Chronicle* já existia há pouco mais de um século, o trabalho de monges em mosteiros tão distantes quanto Canterbury, Winchester, Worcester e Peterborough.

Nas esferas militar e política, as realizações de Alfred foram a recuperação do controle de Wessex e o início da reconquista do resto da Engla-lond. Poucas décadas depois de sua morte, em 899, os ingleses voltaram a dominar todo o sul da Inglaterra e até Midlands, com os nórdicos rechaçados para o norte e leste do país, numa área que se tornou conhecida como "Danelaw". O limite entre o território original dos anglo-saxões e aquela segunda onda de invasores seguia mais ou menos a linha da Watling Street, a antiga estrada romana que cortava o país em diagonal, de Londres a Chester. Mas muitos ingleses continuavam a viver em Danelaw; e enquanto lidavam no dia a dia com os invasores, cuja língua era similar, mas também estranhamente diferente da sua, surgiu a primeira e mais importante variedade do *pidgin* inglês, o jargão usado como língua franca.

Antes das invasões vikings, tanto o *englisc* quanto o *norse*, a língua falada pelos habitantes medievais da Escandinávia, os nórdicos, eram línguas de fortes inflexões, com os complicados terminais gramaticais que persistem até hoje no alemão e, num grau menor, no francês. Se um anglo-saxão de Wessex queria dizer a alguém, em Danelaw, *Have you a horse to sell?* (Tem um cavalo para vender?), perguntaria *Haefst the hors to sellenne?*, o que correspondia a *Hefir thu hross at selja?* em *norse*. O nórdico responderia *Ek hefi tvau hors enn eim er aldr*, significando "Tenho dois cavalos, mas um é velho", o equivalente a *Ic haebbe tu hors ac and is eald*, em *englisc*. Os dois homens compreendiam as palavras impor-

tantes — *hors* e *hross*, *eald* e *aldr* — mas tinham dificuldades com o conflito gramatical.²⁴

A solução foi eliminar do uso cotidiano as complicadas terminações gramaticais. Os plurais mais modernos do inglês hoje em dia são formados pelo simples acréscimo de um *s* — *one horse*, *two horses* (um cavalo, dois cavalos) — com os adjetivos permanecendo iguais no singular e plural. Os substantivos não são divididos em femininos e masculinos, como acontece em alemão, francês, espanhol, italiano... e em quase todas as outras línguas européias. O *norse* também acrescentou uma flexibilidade extra ao inglês, ampliando o âmbito de alternativas verbais: você pode *rear* (inglês) ou *raise* (*norse*) uma criança (as duas palavras significando *criar* em português). Pode também transmitir distinções sutis entre *wish* (I) e *want* (N) (mais ou menos desejo e necessidade), *craft* (I) e *skill* (N) (mais ou menos ofício e habilidade), ou *hide* (I) e *skin* (N) (pele de animal e pele humana).²⁵ Por volta do ano 1000, uma língua híbrida surgira da integração das duas grandes ondas de invasores. Passou a existir uma língua comum, que era mais ou menos compreendida em todas as regiões do país.

A língua ajudou e refletiu a unificação política. Por uma hábil combinação de alianças pelo casamento e batalhas, os filhos e netos de Alfred expandiram sua autoridade para Danelaw, no início do século X, até controlarem todas as áreas do que reconheceríamos hoje como a Inglaterra. Athelstan, o mais astuto dos netos do grande rei, coroou-se em Kings-ton (a cidade do rei), a moderna Kings-ton-on-Thames, em 925. Num gesto grandioso, intitulou-se "Rei de toda Bretanha". Confirmou sua autoridade, pelo menos sobre a Inglaterra, ao derrotar uma força invasora de escoceses e irlandeses, numa sangrenta batalha que a *Anglo-Saxon Chronicle* celebrou com um arroubo de versos beowulfianos:

*The field darkened
with soldiers' blood, after the morning-time
when the sun, that glorious star,
bright candle of God, the Lord eternal,
glided over the depths...
They left behind to divide the corpses,
to enjoy the carrion, the dusty-coated,
horny-beaked black raven,*

*and the grey-coated eagle, white-rumped,
greedy war-hawk, and the wolf,
grey beast in the forest.²⁶ **

Nos anos subseqüentes à morte de Athelstan, em 939, a *Chronicle* registrou eventos grandes e pequenos que fizeram a história da Engla-lond, agora unificada. Em 962, houve uma "vasta pestilência" e "um grande incêndio fatal" em Londres, em que a igreja de São Paulo, a principal da cidade, foi destruída. Em 973, o rei Edgar, bisneto de Alfred, foi ungido em Bath, numa coroação solene, usando uma liturgia que permanece a base das coroações inglesas até hoje. Se o arcebispo Dunstan ou qualquer representante do clero oficiando em Bath se descobrisse na abadia de Westminster em 1953, não teria muita dificuldade para celebrar os rituais da cerimônia de coroação da rainha Elizabeth II.

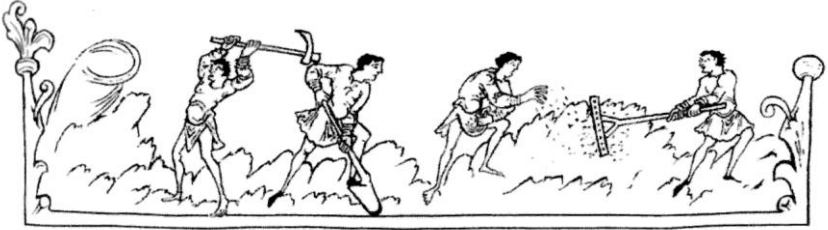
No ano de 978, a *Chronicle* registrou um acidente tragicômico em Wiltshire, onde o conselho real, quase que por completo, caiu pelo assoalho de uma mansão real recém-construída, em Calne, com a perda de várias vidas. Foi um importante registro na história da arquitetura inglesa, já que oferece a prova escrita mais antiga de uma habitação que tinha mais de um andar. Mas é óbvio que ainda tinham de ser desenvolvidos certos avanços nas técnicas de construção. A *Chronicle* achou significativo ressaltar que, embora algumas das mais importantes figuras seculares da Inglaterra tivessem caído com o assoalho desabado, "o santo arcebispo Dunstan foi o único que permaneceu de pé numa viga".²⁷

Antes de deixar o mês de fevereiro, vamos dispensar um reconhecimento a Valentim, o sacerdote do século III que foi martirizado em Roma no reinado do imperador Cláudio e cujo dia foi

* O campo escureceu
com o sangue dos soldados, depois da manhã
quando o sol, a estrela gloriosa,
a vela brilhante de Deus, o Senhor eterno,
deslizava sobre as profundezas...
Eles deixaram em sua esteira para dividir os cadáveres,
desfrutar a carniça, o corvo negro
coberto de poeira, de bico duro,
a água cinzenta, de traseira branca,
o voraz gavião e o lobo,
a besta cinzenta da floresta.

celebrado a 14 de fevereiro, o que continua a acontecer até hoje. Os detalhes da vida de São Valentim são obscuros. Os estudiosos eclesiásticos não conseguiram descobrir qualquer motivo para que ele se tornasse o santo padroeiro dos namorados e do romance. Os historiadores lembram que meados de fevereiro era a ocasião do licencioso festival romano da fertilidade, Lupercalia, quando as mulheres procuravam cura para a infertilidade. Os folcloristas, por sua vez, remontam a orgia moderna de envio de cartões e jantares à luz de velas à antiga convicção rural de que as aves iniciam o acasalamento a 14 de fevereiro. Qualquer das duas ou ambas as explicações podem ser corretas. Parecem ilustrar a habilidade com que os antigos líderes da Igreja se apropriaram de superstições pagãs para seus propósitos. Mas não há qualquer razão cristã para que São Valentim seja o único santo no calendário cuja festa é celebrada hoje com um fervor universal.

MARÇO



CABEÇAS POR COMIDA

HOJE EM DIA FALAMOS SOBRE AS PESSOAS comuns como o homem ou a mulher que encontramos nas ruas. No ano 1000, a média era representada pelo homem com a pá... ou, na ilustração do calendário para este mês, pelo homem com o ancinho, a picareta e o avental cheio de sementes. O lavrador e sua família eram a base da nação.

O mês de março anunciava a chegada da primavera. O inverno finalmente se abrandava, pois março era o mês do equinócio da primavera. Era um dia mágico, 21 de março, abençoado com a mesma quantidade exata de luz e escuridão no curso de vinte e quatro horas, o que é indicado por dois conjuntos de numerais romanos no fundo do calendário: NOX HOR II (Horas noturnas 12); HABET DIES HOR XII (O dia tem 12 horas). Em janeiro, o calendário indicava dezesseis horas de noite e apenas oito horas de luz do dia; para fevereiro, os dados eram de quatorze para dez. Mas de 21 de março em diante, o sol anexaria mais e mais da noite. O ciclo do cultivo podia então ser iniciado.

A tranquilidade da vida numa aldeia medieval inglesa seria o fato que mais impressionaria um visitante de hoje, pois não havia o som de aviões passando por cima, nem o rumor do tráfego. Pare de ler este livro por um instante. Pode ouvir alguma coisa? Uma máquina em funcionamento? Água passando por um cano? Um rádio distante ou uma britadeira abrindo a rua? Entre todas as variedades de poluição moderna, o barulho é a mais insidiosa.

No ano 1000, no entanto, podiam-se ouvir os murmúrios das sebes. Podiam-se ouvir filhotes de passarinhos gorjeando nos ninhos. O único ruído mecânico vinha do sibilo dos foles do ferreiro. Em

algumas aldeias, podia-se ouvir o sino na torre da igreja, ou o rangido de madeira nos moinhos de água, construídos nos últimos duzentos anos. Se vivesse perto de uma das catedrais da Inglaterra, em torno de uma dúzia, você ouviria ainda os sons metálicos dos tubos de cobre de um dos órgãos recentemente importados. Mas isso era tudo. Com as abelhas zumbindo e os pombos arrulhando, podia-se ouvir a criação de Deus e encontrar prazer nas sutis variedades.

O ano 1000 era um mundo vazio, com muito mais espaço para a pessoa se esticar e respirar. Com uma população inglesa total de pouco mais de um milhão de habitantes, havia apenas uma pessoa para cada quarenta ou cinquenta que nos cercam hoje. A maioria das pessoas vivia em pequenas comunidades, cerca de duas dúzias de casas em torno da praça de uma aldeia ou ao longo de uma única rua sinuosa. Era a típica pequena aldeia ou povoado, a que o moderno beco-sem-saída suburbano presta uma homenagem nostálgica. Os séculos levando ao ano 1000 foram a época em que as pessoas escolhiam a encruzilhada, vale ou regato em que achavam que podiam ganhar a vida. As aldeias construídas em torno de uma praça talvez tivessem um padrão circular original, a fim de proporcionar proteção para o gado, contra lobos ou outros incursores. Ao final do primeiro milênio, quase todas as modernas aldeias inglesas já existiam e tinham seu nome atual. Esses nomes podem indicar se a aldeia foi primariamente formada por anglo-saxões ou pelos danes.

Os nomes de lugares terminados em *ham*, a palavra do Old English para "povoado", indicam uma origem anglo-saxônia, como em Durham, Clapham ou Sandringham. Outras terminações anglo-saxônias incluem *ing* (como em Reading), *stowe* (como em Felixstowe), *stead* (como em Hampstead) e *ton* (como em Kingston). Os povoados vikings podem ser identificados pela terminação *by*, que originalmente significava uma fazenda (como em Whitby, Derby ou Grimsby); e outras terminações dinamarquesas incluem *thorpe* (como em Scunthorpe), *toft*, significando um terreno (como em Lowestoft), e *scale*, uma cabana ou abrigo temporário (como em Windscale).

Com esses dados, podemos analisar os nomes das aldeias ao longo de uma extensão pantanosa da costa de Lincolnshire e constatar como os anglo-saxões e *danes* conviviam lado a lado. Os anglo-saxões viviam para o interior, em povoados como Covenham e Alvingham. A menos de oito quilômetros de distância, havia *danes* vivendo em North Thoresby, ou mais perto do mar, em Grainthorpe. E havia também lugares em que as duas heranças se misturavam. A

cidade de Melton quase que certamente começou como o povoado anglo-saxão de Middletoun. Mas quando os vikings vieram, trocaram Middle para Meddle; e os anos subseqüentes reduziram Meddletoun para Melton.²⁸

A aldeia em que vivia era o início e quase o fim do mundo de um inglês. Ele sabia que vivia na Engla-lond. Provavelmente conhecia o nome do rei, cuja tosca imagem estava gravada nas moedas que começavam a desempenhar um papel importante na economia da aldeia. Talvez excursionasse ao topo de colinas próximas, a fim de contemplar as outras aldeias, que podia visitar. Quase com certeza, viajava à cidade-mercado mais próxima, à beira de uma das trilhas mais batidas que circulavam entre os campos.

Parado no alto da colina, ele não veria extensões mais significativas de bosques do que hoje. Com bastante freqüência, muitos supõem que a Inglaterra medieval era coberta por densas florestas. Mas os bretões neolíticos já haviam começado a cortar árvores e fazer plantações em 5000 a.C. Os romanos foram grandes administradores de terras, construindo *villas*, cultivando os campos, abrindo estradas por toda parte. Os arados anglo-saxões continuaram o processo. Assim, um anglo-saxão que no ano 1000 se postasse no alto da Box Hill, no Surrey, por exemplo, contemplaria um padrão de vegetação não muito diferente do que foi admirado pela Emma de Jane Austen oitocentos anos depois.

Aquele anglo-saxão também veria uma ou duas das novas igrejas paroquiais, de pedra, que se tornariam o centro da vida na aldeia inglesa no segundo milênio. Os mais antigos missionários cristãos na Inglaterra eram monges que saíam das catedrais de abadias para pregar ao pé das cruzes altas que ainda sobrevivem hoje no centro de umas poucas cidades e aldeias antigas. A cruz alta assinalava o lugar em que os habitantes da aldeia reuniam-se para rezar. A medida que a igreja se tornava mais rica, porém, as congregações podiam construir prédios para o culto, primeiro de madeira e depois de pedra.

A casa do inglês era com certeza uma estrutura de madeira, baseada numa armação de vigas resistentes, fincadas na terra e juntadas por cavilhas de pau. Essa armação era coberta em seguida por tábuas, ou servia como a base para um pesado entrelaçamento de galhos de salgueiro ou aveleira, sobre o qual se estendia o *cob*, uma mistura de argila, palha e esterco de vaca, a mesma usada até tempos recentes na construção de chalés em Somerset e Devon. Os

telhados eram de colmo ou juncos, enquanto as janelas eram pequenas aberturas nas paredes, com persianas de vime, já que o vidro — o produto da cinza de faia metido num forno de carvão com areia lavada — era um artigo precioso, provavelmente importado.²⁹

As comunidades das aldeias proporcionavam um constante aspecto tranquilizador para uma vida. O anglo-saxão médio talvez pudesse reconhecer cada pato, galinha e porco em sua aldeia, sabendo a quem pertenciam... assim como sabia tudo sobre a vida de seus vizinhos. O círculo social não preencheria mais do que três ou quatro páginas num moderno Filofax. Ele nunca precisaria de folhas novas para atualização de endereços, já que os pais de seus vizinhos haviam sido os vizinhos de seus pais. Seus filhos estavam destinados a viver lado a lado com os filhos dos vizinhos. Como a vida podia ser? O paralelo moderno mais próximo se encontra no círculo restrito e repetitivo de amigos que cercam as famílias centrais dos personagens nas novelas de televisão. No ano 1000, os mesmos nomes cristãos eram muitas vezes mantidos pela tradição na família. Mas não havia sobrenomes. Ainda não havia necessidade.

Na área em torno das aldeias, os campos começavam a assumir uma forma que reconheceríamos, graças ao trabalho do lavrador com seu arado e o vigoroso grupo de bois. Abriam sulcos longos e profundos na terra, mas era difícil virar os animais quando se chegava à extremidade do campo. Assim, da mesma forma que o gado pastava junto em pastagens comuns, os campos cultivados também eram organizados numa base comunitária. Cada unidade de terra arada tinha a forma de uma faixa comprida e relativamente estreita.

Aelfric, o mestre-escola de Cerne Abbas, punha seus alunos para praticarem o latim com um diálogo em que desempenhavam os papéis de lavradores, descrevendo seu trabalho para um amo que os interrogava:

Amo *O que você diz, lavrador? Como realiza seu trabalho?*

"Lavrador" *Trabalho muito, meu senhor. Saio de casa ao raiar do dia. Levo os bois para o campo e prendo o arado; por medo do meu senhor, não há inverno tão rigoroso em que eu ouse me esconder em casa; mas os bois jungidos, a relha e a lâmina*

no arado, devo arar um acre ou mais todos os dias.

Amo *Tem algum companheiro?*

"Lavrador" *Tenho um rapaz que conduz os bois com a agulhada, que agora está rouco por causa do frio e dos gritos.*

Amo *O que mais você faz durante o dia?*

"Lavrador" *Faço mais do que isso, com toda certeza. Tenho de encher o estábulo dos bois com feno, dar água, remover o estrume.*

Amo *E mesmo um trabalho árduo.*

"Lavrador" *É um trabalho duro, senhor, porque não sou livre.*

O colóquio do lavrador chama a atenção para a realidade básica e nada romântica da vida inglesa no ano 1000: a dependência do trabalho escravo. Em 1066, os normandos levariam para a Inglaterra a sua disposição de base militar para a propriedade da terra, conhecida por gerações de estudantes como o sistema feudal, com sua hierarquia de servos, vilões e senhores, cujas sutilezas têm sido muito discutidas pelos historiadores. Mas antes de 1066, praticamente todas as fontes documentais — testamentos, escrituras de terras e a literatura da época — indicam sem qualquer sombra de dúvida que o fundamento básico da economia rural em várias partes da Inglaterra era uma classe de trabalhadores que só podia ser descrita como escrava.

É um lugar comum que a escravidão constituía a base da vida no mundo clássico, mas às vezes presume-se que a escravidão acabou com a queda de Roma. Na verdade, as tribos germânicas que conquistaram Roma capturavam, mantinham e negociavam escravos com o mesmo vigor dos romanos... como também faziam os conquistadores árabes do Mediterrâneo. Os objetivos das guerras nos séculos V a X eram tanto capturar corpos quanto conquistar terras. As tribos da região central da Alemanha tinham um grande sucesso nos ataques aos vizinhos eslavos. Se você comprava um servo nos séculos anteriores ao ano 1000, era bem possível que fosse um *slav* (eslavo), daí a palavra *slave*, escravo em inglês.

Na Inglaterra, os anglo-saxões demonstraram ser escravocratas comparáveis a seus primos germânicos. *Weallas*, ou *Welshman* (galês), era uma das palavras do Old English para escravo... o que indicava onde os anglo-saxões conseguiam seus escravos. Quando os normandos, em 1086, efetuaram o levantamento de Domesday da terra que haviam conquistado, verificou-se que havia significativamente mais escravos no oeste da Inglaterra do que no leste, refletindo a proximidade com Gales. Além disso, Bristol era um porto de comércio de escravos, com os mercadores vikings baseados na Irlanda. Segundo as crônicas contemporâneas, a cidade de Dublin tinha no século XI o maior mercado de escravos da Europa Ocidental.

Mas a guerra não era a única fonte de escravos. Os códigos legais anglo-saxões citavam a "escravidão" como a penalidade por crimes, que variavam de certos tipos de roubo ao incesto. No último caso, o homem envolvido tornava-se um escravo do rei, enquanto a mulher era entregue ao serviço do bispo local.³⁰ A execução era evidentemente considerada uma pena severa demais para um crime assim, enquanto a prisão a longo prazo não era uma possibilidade prática. As prisões não proliferaram até que as construções de pedra e as barras de ferro as tornaram viáveis. Como os criminosos empobrecidos não tinham dinheiro para pagar multas, a única coisa que podiam ter confiscada era sua capacidade de trabalho.

As pessoas também se submetiam à escravidão em períodos de fome ou dificuldades, quando não conseguiam mais sustentar a família. Em séculos posteriores, surgiram os asilos de pobres e a lei da falência para ajudar a lidar com essas tragédias, mas no ano 1000 o homem faminto não tinha outro recurso senão ajoelhar-se diante de seu senhor ou senhora, entregando a cabeça às suas mãos. Não havia qualquer documento legal envolvido. O novo servo recebia uma faca de poda ou uma agulhada como símbolo de seu início na servidão. Era uma transação básica: cabeças por comida. O significado original de *lord* no Old English era "aquele que dá pão", *loafgiver*. Geatfleda, uma dama de Northumbria, deixou a transação explícita em seu testamento, que elaborou na década de 990: "Pelo amor a Deus e pela necessidade de sua alma, [Geatfleda] concedeu liberdade a Ecceard, o ferreiro, e Aelfstan e sua esposa e todos os seus filhos, nascidos e por nascer, e Arcil e Cole e Ecgerth [e] a filha de Ealdhun, e todas aquelas pessoas cujas cabeças ela tomou por sua comida nos dias difíceis."³¹

Atualmente a escravidão ainda existe em algumas partes do mundo. Da segurança de nossa própria liberdade, consideramos o conceito degradante e desumano. Mas no ano 1000, bem poucas pessoas eram livres no sentido em que compreendemos a palavra hoje. Quase todos eram subordinados a alguém mais poderoso. Os homens e as mulheres que se submetiam à servidão viviam em condições que não eram muito diferentes de quaisquer outros membros das classes trabalhadoras. "Escravo" é a única maneira de descrever essa servidão, mas não devemos imaginá-los acorrentados, como os escravos de galés nos tempos antigos. Também não viviam segregados em senzalas como os escravos do século XVIII nas plantações de algodão... ou, de fato, como os trabalhadores nas minas sul-africanas em nossos tempos. A maioria dos servos vivia no que descreveríamos agora como acomodações "restritas", numa aldeia, com a família. E bem provável que criassem seu próprio gado. Eram os homens com as pás.

No ano 1000, as pessoas não podiam se imaginar sem um protetor. Você tinha um senhor no céu e precisava de um senhor na terra. O lavrador no *Colloquy* de Aelfric falava ressentido do medo de seu senhor, do fato de que trabalhava tanto porque seu amo assim exigia. Mas outros documentos medievais propunham o serviço fiel a um bom amo como uma fonte de considerável satisfação, como aconteceu com muitos servos até os nossos tempos. É uma inovação do final do século XX desdenhar o conceito de "serviço". No ano 1000, cada aldeia inglesa tinha o seu senhor local, que oferecia segurança e proteção para a vizinhança. Esse relacionamento envolvia um elemento significativo de respeito mútuo. Os senhores anglo-saxões nunca exerceram, nem tentaram reivindicar, o notório *droit de seigneur*, pelo qual a lei de algumas regiões da Europa concedia ao senhor local o direito de ir para a cama com as jovens esposas da aldeia na noite do casamento. Havia limitações definidas para seus poderes.

O grande sacerdote inglês da época foi Wulfstan de York, o Billy Graham do ano 1000, cujos sermões inflamados faziam as pessoas tremerem. Como principal executivo de duas grandes dioceses — Wulfstan foi bispo de Worcester e arcebispo de York — o grande orador tinha de administrar algumas das maiores propriedades da Inglaterra. Segundo uma teoria, ele foi o autor de *Rectitudines Singularum Personarum*,³² um tratado que tentava fixar os direitos e as obrigações que regulavam a senhoria e a servidão. Num documento relacionado sobre os deveres do administrador da

propriedade, ou *reeve*³³, o arcebispo analisou a mecânica do sucesso de cuidar de negócios agrícolas. Relacionou todas as pás, enxadas, ancinhos, agulhadas, baldes, barris, manguais, peneiras e outras ferramentas necessárias, até a última ratoeira.

Wulfstan descreveu os vários tipos de trabalhadores que se podia encontrar numa aldeia anglo-saxônia média. O relato deixa claro que o lavrador e seu ajudante com a agulhada eram quase que certamente servos, cuidando dos bois que pertenciam ao senhor local, que podia ser um bispo, o prior de um mosteiro, ou um nobre. A tarefa primária era arar a terra do senhor, mas também arava os terrenos de outros habitantes da aldeia, que pagavam pelo serviço com vários tipos de aluguel em espécie.

Ele relacionou ainda as vantagens e desvantagens de um sistema centralizado e autoritário, que permitia uma margem para a livre iniciativa: se o lavrador possuía sua própria vaca, podia deixá-la pastar junto com os animais do senhor; era direito do pastor dispor do uso do estrume por doze noites no Natal, além de ficar com o leite de seu rebanho durante os sete primeiros dias depois do equinócio; o *cottager* era alguém que cultivava pelo menos cinco acres, pagando por isso com o trabalho para seu senhor todas as segundas-feiras do ano, além de três dias por semana em agosto, na época da colheita. Não era suficiente apenas comparecer para um dia de trabalho. O *cottager* devia colher um acre inteiro de aveia durante um dia de agosto, ou meio acre de trigo... mas tinha permissão de levar para casa um feixe inteiro, como bonificação.

Descreveu também as complexidades de dar e receber em qualquer propriedade, enfatizando como os regulamentos deviam ser flexíveis, reagindo às variadas condições locais. Ele escreveu: "Devemos conhecer as leis num distrito, se não queremos perder a opinião favorável na propriedade." Concluiu seu levantamento com um catálogo da mecânica de celebração que juntava todos os estágios fundamentais do ano agrícola: um festival depois da colheita, um festival de bebida para o plantio, uma recompensa para a ceifa bem-sucedida, uma refeição no monte de feno, um tronco da carroça de lenha, uma medida da carroça que leva o trigo, "e muitas coisas que não posso relatar".³⁴

Por mais árduos que fossem, os trabalhos do mês envolviam momentos de intensa diversão e celebração no ano 1000. A medida que março se aproximava do fim, a aldeia aguardava ansiosa um dos maiores festivais, a Páscoa.

ABRIL



BANQUETE

OSTRE ERA A DEUSA DO AMANHECER PARA AS tribos da Escandinávia. Seu nome vinha de *east*, leste, a direção da qual o sol chegava todas as manhãs. Seu festival especial era o equinócio da primavera, a alvorada do reinado do sol no ano setentrional. A tradição pagã falava do "Rei do Ano", a vítima humana que era escolhida e sacrificada quando o inverno se transformava em primavera. O corpo, enterrado nos campos, voltava à vida por magia, com o crescimento do trigo. Todos podiam celebrar o milagre de seu renascimento ao comerem o pão que se fazia com esse trigo.

O festival cristão da Páscoa absorveu essas tradições pré-Cristãs. A partir dos cálculos de Beda, a igreja católica inglesa celebrava a Páscoa no primeiro domingo depois da primeira lua cheia depois do equinócio da primavera. Os fiéis eram estimulados a experimentar a Paixão de Cristo em termos quase pessoais. Havia uma tradição de que as pessoas deviam se abster de usar pregos ou ferramentas de ferro na Sexta-Feira Santa, por causa do ferro que perfurou as mãos de Cristo no Calvário. No dia seguinte, os fiéis iam à igreja para um sombrio ritual de vigília no sábado, seguindo Cristo para o túmulo. Cinco grãos de incenso eram postos numa vela, representando as cinco chagas do Salvador.

Nas celebrações do Domingo de Páscoa, a Eucaristia assumia um significado especial, já que a Páscoa era um dos raros dias de festa — os outros eram o Natal e Pentecostes —, em que os membros comuns da congregação tinham permissão para consumir o pão e o vinho. Não se tratava de uma questão de doutrina, mas de disponibilidade. Afinal, não havia tanto vinho e pão para se distribuir todas as semanas. Aelfric aproveitou a especialidade da

ocasião para explicar o significado do sacramento, numa homília preparada para sacerdotes paroquiais lerem em suas igrejas locais:

Meus amados amigos, sei que já ouviram falar com frequência da ressurreição de nosso Salvador, como neste dia Ele se elevou da morte, depois de sua Paixão. Agora, pela graça de Deus, explicaremos a Sagrada Eucaristia, para a qual devem ir... para que nenhuma dúvida sobre o alimento vivo possa prejudicá-la.

... Muitos homens já questionaram, alguns continuam a questionar, como o pão que é produzido do trigo e cozido pelo calor do fogo pode se transformar no corpo de Cristo; ou o vinho, que é feito de muitas uvas espremidas, pode se converter, por qualquer bênção, no sangue do Senhor?

Declaramos agora para esses homens que algumas coisas sobre Cristo são ditas em termos figurativos. ... Ele é denominado "pão", "cordeiro", "leão" e assim por diante, figurativamente. Ele é chamado "pão" porque é a nossa vida e a vida dos anjos; "cordeiro", por causa de sua inocência; "leão", pela força com que supera o poderoso Diabo. Mas, apesar disso, de acordo com a verdadeira natureza, Cristo não é pão, nem cordeiro, nem leão...

Se consideramos a Sagrada Eucaristia num sentido material, então verificamos que... é pão corruptível e vinho corruptível. Mas pelo poder da palavra divina, é de fato o corpo e o sangue de Cristo; portanto, não é material, mas espiritual.³⁵

Os ensinamentos de Aelfric sobre a Eucaristia diferem de uma maneira significativa da doutrina posterior da transubstanciação, como fixada pela Igreja Católica. Ao ressaltar o simbolismo do pão e vinho, o monge era quase protestante em seus ensinamentos. O tratado em que baseou sua homília foi mais tarde condenado, a igreja romana dando ordens para sua destruição. Mas o que impressiona o leitor moderno não é tanto a teologia, mas sim a clareza e o vigor da exposição do monge sobre um assunto complicado, composto e transmitido (em *englisc*) sem condescendência ou excesso de simplificação.

O festival da Páscoa era ainda mais apreciado pelas pessoas que se defrontavam com a realidade da fome. Hoje assistimos à fome pela televisão. Mas quase não é uma fonte de ansiedade pessoal para as pessoas que vivem no Ocidente desenvolvido. É outra das distinções cruciais entre nós e o ano 1000, quando a possibilidade da fome sempre existia e atormentava a imaginação.

"Proverei... as necessidades da vida", prometeu Piers Plowman, na fábula medieval, mas com uma condição: "desde que a terra não falhe".³⁶ Os desastres naturais e as dificuldades que acarretavam eram espectros constantes. As pessoas datavam suas vidas pelos anos em que a terra e o tempo falhavam. As páginas da *Anglo-Saxon Chronicle* relacionaram os marcos de sofrimento:

- 975 *Houve uma grande fome...*
- 976 *Nesse ano ocorreu a grande fome na raça inglesa...*
- 986 *Nesse ano a grande pestilência chegou à Inglaterra, primeiro entre o gado...*
- 1005 *Nesse ano houve uma grande fome entre toda a raça inglesa, tão intensa que ninguém podia se lembrar de outra mais terrível antes...*
- 1014 *Nesse ano, na Véspera de São Miguel (28 de setembro), uma grande inundação veio do mar, que se espalhou para o interior, como nunca acontecera antes. Muitos povoados foram cobertos pela água e incontáveis seres humanos se afogaram...*
- 1041 *Todo esse ano foi de dificuldades intensas, sob muitos e variados aspectos: tanto no mau tempo quanto nas colheitas do solo; e durante esse ano mais gado morreu do que em qualquer outra ocasião anterior, ao que alguém pudesse se lembrar, tanto por causa de doenças quanto por causa do mau tempo.*³⁷

Esses eram os anos ruins em que os homens eram obrigados a se ajoelhar e a pôr a cabeça nas mãos de seu senhor. Em tempos de fome, segundo um código anglo-saxão, "um pai pode vender seu filho com menos de sete anos como um escravo se a necessidade o forçar a isso".³⁸ Nem mesmo o infanticídio era considerado crime.³⁹ Beda relata uma comovente história de pactos de suicídio

entre as vítimas de uma fome em Sussex no século VI: "Com bastante freqüência, quarenta ou cinqüenta pessoas emaciadas e famintas iam para um penhasco, ou para a beira do mar, davam-se as mãos e saltavam para morrer, da queda ou de afogamento."⁴⁰ Não é de surpreender que outra crônica daquele ano registre que "homens comiam uns aos outros".⁴¹

O canibalismo era apenas uma memória folclórica assustadora para as pessoas que viviam no ano 1000, mas todas conheciam a realidade de vasculhar os bosques à procura de frutos da faia e outros alimentos secundários, que em tempos melhores eram deixados para os porcos. Bolotas de carvalho queimadas foram encontradas nas escavações de povoados anglo-saxões. Sabe-se que bolotas, vagens e até casca de árvore eram moídas para complementar a farinha de trigo, quando os estoques do cereal baixavam demais. Em tempos de escassez, as pessoas não se envergonhavam de procurar entre as sebes por ervas, raízes, folhas diversas... qualquer coisa para atenuar as pontadas de fome.

"O que transforma coisas amargas em doces?", indagou Alcuíno, o mestre-escola de Yorkshire que foi reformar a educação franca para o imperador Carlos Magno, no século VIII. "A fome."

O jejum era a maneira de a igreja orientar a fome para propósitos espirituais. A Páscoa vinha ao final dos quarenta dias de jejum da Quaresma. Como ocorria no final do inverno, quando os celeiros ficavam vazios, havia sentido no fato de a Quaresma transformar a necessidade em virtude. O jejum era um processo que elevava as preocupações materiais para um plano superior, um meio de purificação pessoal e a atrair Deus para o seu lado. Talvez a opção pela carência induzisse Deus a conceder a abundância. O ritmo de jejum e banquete era outra experiência medieval estranha para a maioria dos ocidentais contemporâneos. Proporcionava uma intensidade especial à alegria com que a Páscoa era celebrada, tanto na igreja quanto à mesa, depois do triunfante serviço matutino da Páscoa.

A carne era o principal ingrediente de um banquete anglo-saxão, com enormes pernis de boi assados no espeto sendo considerados as melhores iguarias. A carne de carneiro não era das mais apreciadas. O memorando de Wulfstan sobre a administração da propriedade descreveu a carne de carneiro como alimento para os escravos. A carne de porco, ao que tudo indica, era considerada rotineira.

As quantidades relativamente pequenas de gordura em todas essas carnes seriam consideradas pelos nutricionistas modernos como um fator dos mais positivos. A gordura saturada, a fonte do Colesterol, com os problemas de saúde hoje relacionados, é uma decorrência dos animais criados de uma maneira artificial, com dietas "científicas" e uma falta de exercícios. Todos os animais anglo-saxões vagueavam livres. Os anglo-saxões ficariam chocados com a idéia de cultivar a terra para produzir alimentos para animais. A terra arada era apenas para alimentar as pessoas. Por isso, os animais eram esguios e fortes; sua carne continha três vezes mais proteína do que gordura. Com os animais da moderna criação artificial, essa proporção é muitas vezes invertida.⁴²

As aves eram consideradas alimentos de luxo. Também eram reconhecidas como uma dieta terapêutica para os inválidos, em particular na forma de caldo. Os livros de receitas e remédios de Old English mostram que no ano 1000 a canja de galinha já era renomada por sua capacidade tranqüilizadora e restauradora. Além de galinhas, um banquete anglo-saxão podia incluir patos, gansos, pombos e várias formas de carne de caça, sendo a de veado a mais apreciada.

O colóquio de sala de aula de Aelfric é eloqüente sobre peixe, com seu "Pescador" descrevendo-se a pegá-lo com rede, anzol e isca, ou cesto. Todos conhecemos hoje os cestos para pegar lagostas e caranguejos, mas os pescadores no ano 1000 usavam as tapagens de galhos que ainda se podem encontrar no estuário do rio Severn. Eram barragens de galhos entrelaçados, como em cestos, com aberturas para a passagem de peixes, que depois ficavam presos lá dentro. O arcebispo Wulfstan descreveu a construção de tapagens para peixes como uma das tarefas para o verão em sua bem-administrada propriedade. Havia tantos dispositivos assim na Inglaterra do século XI que começaram a prejudicar a navegação. Um decreto no reinado do rei Edward o Confessor, na década de 1060, ordenou a destruição desses "pesqueiros" que atrapalhavam o fluxo dos rios Tâmsa, Trent, Severn e Yorkshire Ouse.⁴³

"Que peixes você pega?", perguntou o Amo no diálogo de Aelfric. "Enguias e lúcios, o vairão e o *burbot*, a truta e a lampreia", respondeu o discípulo, assumindo o papel de Pescador.

Para o gosto moderno, a lista contém uma proporção de criaturas longas e que se contorcem, como a enguia. O *burbot* é um peixe do Hemisfério Norte, de cabeça achatada, com duas pequenas

farpas, nas narinas e no queixo. A lampreia é ainda mais feia, às vezes descrita como cobra d'água, com uma boca enorme, parecendo uma ventosa, com a qual se prende a outro peixe, num relacionamento parasitário. Peixes de gosto forte e gordurosos, como as enguias e as lampreias, eram considerados iguaria excepcional na Idade Média. Sua fama aumentou por acabarem com a vida do rei Henrique I, o filho mais jovem de Guilherme o Conquistador, que teria morrido em 1135 de "um excesso de lampreias".

O pescador de Aelfric era um personagem loquaz e franco:

- Amo* Por que não pesca no mar?
"Pescador" Às vezes pesco, mas raramente, porque é preciso remar muito para chegar ao mar.
- Amo* O que você pega no mar?
"Pescador" Arenque e salmão, toninha e esturjão, ostras e caranguejos, mexilhões, literina e amêijoas, linguado e lagosta, além de muitas outras coisas parecidas.
- Amo* Gostaria de pegar uma baleia?
"Pescador" Não eu!
- Amo* Por quê?
"Pescador" Porque é muito perigoso pegar uma baleia. É mais seguro ir para o rio com meu barco do que sair para o mar caçando baleias com muitos barcos.
- Amo* Por que isso?
"Pescador" Porque prefiro pegar um peixe que posso matar a um que pode afundar ou matar não apenas a mim, mas também a meus companheiros, com um único golpe.
- Amo* Apesar disso, muitos pegam baleias e escapam ao perigo, tirando grandes lucros.
"Pescador" Tem razão. Mas eu não ousa, por causa do meu espírito tímido.

É evidente que Aelfric ouvira falar de pescadores que se reuniam em grupos de pequenas embarcações abertas, como ainda ocorre hoje nas ilhas Faroe, a fim de acuar uma baleia numa enseada, levando-a a encalhar na praia. *Craspois*, a gordura de baleia salgada, era importada para Londres por volta do ano 1000. Alguns

nutricionistas têm especulado que isso podia refletir uma necessidade fisiológica. As habitações anglo-saxônias eram tão mal-aquecidas, segundo essa teoria, que a dieta da época tinha de proporcionar uma camada muito grossa de isolamento do corpo.

O banquete, no entanto, era muito mais do que mera nutrição, já que a sociabilidade era uma das bases da vida anglo-saxônia. O memorando sobre a administração da propriedade atribuído a Wulfstan descrevia as celebrações sazonais como momentos para os quais a comunidade vivia. O próprio arcebispo era famoso por sua generosa hospitalidade, mesmo quando ele observava pessoalmente as regras da moderação clerical. Embora se abstivesse como um monge devoto do álcool e da carne, ainda assim ele oferecia a seus hóspedes pródigas quantidades de ambos. Sentava com os visitantes durante as refeições consumindo sua minguada dieta. As inclinações pessoais o convertiam em vegetariano, mas seu papel como arcebispo e príncipe da Igreja tornava importante que também demonstrasse hospitalidade e agisse como o anfitrião.

Os poemas épicos daquele tempo também destacam os salões de banquete. Quem não conhece a cena medieval clássica do lorde e sua *lady* reunidos com seus seguidores num vasto salão, mais parecendo um estábulo? Há vigas expostas, correntes de ar, um fogo aceso no meio, o vapor úmido se elevando do chão ensebado, coberto por juncos, nos quais se jogaram ossos de galinha roídos. É uma cena bastante caricaturizada nos modernos dramas de época, mas escavações arqueológicas confirmam a maioria dos detalhes físicos, inclusive os insetos proliferando entre o lixo no chão.

"Os guerreiros riam, havia um zumbido de contentamento", diz a descrição de um banquete anglo-saxão em *Beowulf*. Encontramos esse mesmo clima no desenho de abril do Calendário de Trabalho de Julius; as pessoas sentadas lado a lado no que os poemas épicos chamam de *medu-benc* — o banco de *mead*, uma bebida alcoólica de mel fermentado e água. No ano 1000, um banquete nobre era um evento suntuoso. Os testamentos da época sugerem que os bens mais valiosos das pessoas eram os equipamentos com que recebiam os convidados. Pela leitura dos inventários, você pode se imaginar num salão de banquete, tapeçarias nas paredes, "uma toalha de mesa com todos os apetrechos concebíveis",⁴⁴ castiçais, taças elaboradas, que deviam parecer com o chifre que um rapaz enche à esquerda do desenho do mês no calendário.

Escavações arqueológicas descobriram alguns chifres de beber grandes e bonitos, junto com jóias cerimoniais e taças ornamentadas... mas sem talheres. O garfo para comer só foi inventado no século XVII, e você levava sua faca quando ia a um banquete.

A *mead* era a bebida preferida dos comensais, segundo as sagas. Era muito doce, com alto teor alcoólico, feita de mel e refugos moídos de colméias.⁴⁵ O vinho era menos comum... e também tinha um teor alcoólico menor. Os fermentos nas uvas inglesas raramente produziam mais de quatro por cento de álcool. Também não havia garrafas hermeticamente arrolhadas em que o vinho pudesse "descansar", já que a garrafa de vinho com rolha só surgiu no século XVIII. O vinho anglo-saxão era guardado em barris de madeira e odres de couro.

"Domino e flagelo, faço você jogar tudo fora", dizia um enigma da época, convidando as pessoas a adivinharem a identidade de uma bebida alcoólica. "Às vezes jogo um homem no chão."⁴⁶

A resposta era *mead*, não vinho, pois a maior parte do vinho anglo-saxão era leve, com gosto de uva, um pouco como o Beaujolais Nouveau de hoje, consumido logo depois da colheita, feito para durar apenas até à próxima.

A *beor*, cerveja, também não era bastante forte para produzir uma intensa embriaguez. O lúpulo já era cultivado no ano 1000, mas era usado apenas no processo de tintura de tecidos. Só no século XIV é que se encontram as primeiras indicações do lúpulo sendo usado para proporcionar à cerveja inglesa sua amargura... além de mais tempo para o consumo. Como o vinho, a cerveja do ano 1000 tinha de ser consumida sem demora. Provavelmente era uma bebida doce, com uma consistência meio pastosa.

A cerveja era a bebida da Idade Média, muito mais segura para consumir do que a água, já que era fervida e fermentada, o que constituía alguma proteção contra a contaminação. A sólida textura das bebidas anglo-saxônicas reflete-se num utensílio que é usado hoje apenas na cozinha, a peneira. Em sepulturas de mulheres anglo-saxônicas de alta classe foram encontradas colheres-peneiras bastante ornamentadas. Esses utensílios requintados e preciosos eram símbolos de posição social, talvez pendurados do pescoço, como um *sommelier* usa hoje seu *wine saucer*. Afinal, era de dever cerimonial das mulheres de alta classe servir as bebidas nos banquetes de seus homens:

*Wealhtheow came forward' relata Beowulf',
Mindful of ceremonial — she was Hrothgar's queen.
Adorned with gold, that proud woman
Greeted the men in the hall, then offered the cup
To the Danish king first of all.⁴⁷**

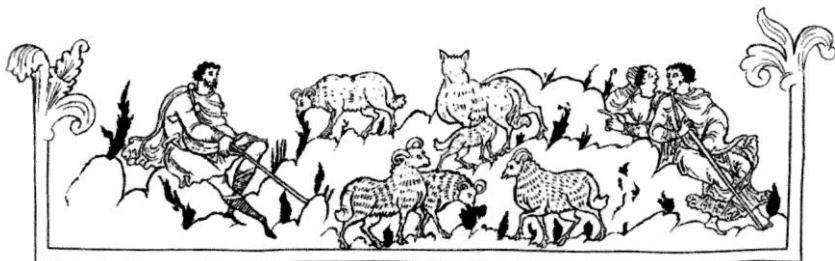
O banquete cerimonial era o cenário em que o monarca anglo-saxão exibia seu poder e dignidade. A corte real era como um circo, fazendo um circuito anual por diversos locais, nos quais satisfazia e depois esgotava a alegria da recepção. A reunião da Páscoa era um dos principais eventos do ano. Podemos imaginar a ida e vinda de cinquenta a duzentas pessoas, chegando com seus cavalos, que tinham de ser alimentados, junto com suplicantes, adutores e muitos moradores da região, convidados para acompanharem o rei no culto, efetuarem negócios, renovarem o juramento de lealdade e se banquetear em no estilo tradicional.

Os grandes reinos e impérios desses anos foram construídos em torno das personalidades de líderes carismáticos, como Alfred e Carlos Magno. A manutenção do poder dependia da constante e itinerante presença real em carne e osso. No ano 1000, o rei da Inglaterra era um trineto de Alfred, Ethelred, apelidado de "Ethelred Unred" por cronistas maldosos depois de sua morte. "Unred" foi traduzido de maneira errada em anos posteriores como "Despreparado". Desde então, Ethelred passou a ser conhecido para a história como "o Despreparado".

Na verdade, "Unred" significava "mal-aconselhado" em Old English. Era um trocadilho com o significado em *englisc* do nome de Ethelred: "de nobre conselho". Ele era "o bem-aconselhado, mal-aconselhado", "de nobre conselho, de tolo conselho". Esse paradoxo resumia as características de seu longo reinado. No ano 1000, Ethelred já se encontrava no trono há vinte e dois anos. A vida como um de seus súditos era uma experiência complicada e contraditória: o melhor dos tempos sob alguns aspectos, mas também o pior dos tempos em outros.

* *Wealhtheow* adiantou-se,
Atenta ao cerimonial — era a rainha de Hrothgar.
Adornada com ouro, essa mulher orgulhosa
Saudou os homens no salão, depois ofereceu a taça
Ao rei dinamarquês em primeiro lugar.

MAIO



RIQUEZA E LÃ

SE O REI ETHELRED UNRED — ETHELRED O Despreparado — tivesse morrido no ano 1000 ou em torno disso, poderia ter uma reputação comparável à de seu distinto antepassado Athelstan, o primeiro rei de toda a Engla-lond. Depois do ano 1000, Ethelred teve de enfrentar uma sucessão de problemas, que acabaram por levá-lo ao exílio e a uma morte ignominiosa. Mas, sob a ótica do ano 1000, pode-se argumentar que ele levou o primeiro milênio na Inglaterra a um final louvável. O reino estava mais unificado e mais rico do que nunca. No ano 1000, para ser mais preciso, a Inglaterra desfrutava de uma prosperidade e civilização incomparáveis em todo o norte da Europa.

A prova está nas moedas. São encontradas quase que por toda parte em que são escavados os corpos de anglo-saxões dessa época. Finas e lisas, são hóstias de prata de alta qualidade, que se acomodam sem dificuldade na palma da mão. São mais foscas e mais leves do que as modernas moedas, produzidas em máquinas. Têm muita personalidade... e também indicações do complexo mundo de aquisição e dispêndio que sustentavam.

A imagem do próprio Ethelred apresenta a mesma ambivalência que caracterizou seu reinado. Em uma moeda, que mostra a mão da Providência se estendendo de forma dramática das nuvens, o rei parece sábio e santo, quase como um bispo. Tem um manto cerimonial preso no pescoço. Mas em outra moeda, na qual aparece como um elmo militar cheio de pontas, Ethelred parece uma versão alucinada de Alexandre o Grande. Usa uma touca de cacatua e parece ansioso em conquistar o mundo. As duas imagens são essencialmente simbólicas, para transmitir a idéia de realeza, em vez de

uma reprodução fotográfica do rosto de Ethelred. Podem refletir as mensagens diversas que Ethelred tentava transmitir em diferentes ocasiões, enquanto lutava para lidar com os desafios variados de seu reinado.

São as letras em torno do rosto na moeda que nos dizem mais... embora não indiquem a data, ao contrário das moedas modernas. (A mais antiga data conhecida em qualquer moeda européia é 1234.) Em vez disso, os hieróglifos codificados nos indicam quem cunhou a moeda e onde. Por esses dados, podemos reconstituir a estrutura de um sistema econômico e administrativo de extraordinária sofisticação, que se estendia de um extremo a outro da Inglaterra.

A cunhagem na Inglaterra era a mais avançada na Europa Ocidental no ano 1000, com uma rede de mais de setenta casas da moeda locais espalhadas pelo país, numa cidade-mercado ou a uma distância de vinte quilômetros uma das outras. Assim, era possível levar o dinheiro para e da casa da moeda em segurança, à luz do dia. As casas da moeda eram provavelmente protegidas por paliçadas. Cada uma era dirigida por um *tnoneyer*, o homem autorizado a cunhar moedas.

No reinado do rei Ethelred, ao final do século X, as moedas inglesas eram emitidas por períodos de validade limitados, não mais do que dois ou três anos. Ao final desse período, as moedas deixavam de ter valor legal. Assim, para resgatá-las, tinha-se de levá-las para a casa da moeda local. Ali, para cada dez devolvidas, recebiam-se oito ou nove do novo lançamento. A diferença entre o que se dava e o que se recebia constituía um imposto do governo. Com isso, o *moneyer* era de fato um coletor de impostos do rei.

As pessoas aceitavam esse sistema porque garantia moedas boas e confiáveis. As ligas de prata da época eram fáceis de raspar e cortar. Por isso, o lançamento regular de novas moedas tornava a falsificação mais difícil. O *penny* de prata inglês, a unidade monetária padrão inglesa no ano 1000, não era de prata pura. Mas continha uma proporção elevada e constante de prata em sua liga — cerca de 92,5 por cento — e os reis anglo-saxões sempre a mantiveram.

O *moneyer* local era provavelmente um funcionário do governo em tempo integral em casas da moeda movimentadas como Londres, Winchester e Canterbury. Havia ali um fluxo intenso de moedas estrangeiras, que tinham de ser derretidas e cunhadas de novo. Nas casas da moeda provincianas, mais distantes, o *moneyer* podia

muito bem ser o joalheiro ou ferreiro local, que produzia moedas sob licença do rei. Havia penalidades rigorosas para quem lançasse moedas de liga impura ou leves demais: "Se um *moneyer* for considerado culpado [de lançar moedas imperfeitas]", dizia a Cláusula 14 do Segundo Código de Leis de Athelstan, "terá cortada a mão com que cometeu o crime, e a referida mão será pendurada na casa da moeda."⁴⁸

Cada *moneyer* tinha seu cunho licenciado, com o qual imprimia cada moeda, com detalhes pessoais. Podemos imaginar o cunho montado num suporte de madeira, na bancada, ao lado do lugar em que o *moneyer* bate nas folhas da liga de prata, para acertar a espessura e a proporção correta. Depois, ele corta a folha de metal em pequenos quadrados idênticos, um pouco maiores que a circunferência do cunho. Para produzir um *penny*, ele ajeita um quadrado liso sobre o cunho, depois bate com um malho, usando uma extrema habilidade. Com isso, fica gravada na superfície inferior da moeda a marca e os detalhes locais do *moneyer*.

Para completar a cunhagem da moeda, o *moneyer* punha o outro lado da moeda sobre o cunho oficial, em que estavam gravados a cabeça real e os detalhes distintos da nova emissão, batendo com o malho pela segunda vez. Aparadas as beiras, o resultado era um *penny* de prata. Se as pessoas queriam meio *penny*, cortavam a moeda ao meio. No ano 1000, meio *penny* era exatamente isso... um meio círculo de liga de prata fosca.

As setenta ou por aí casas da moeda da Inglaterra tinham uma produção manual de cinco a dez milhões de moedas, a cada dois ou três anos, por esse processo meticuloso e controlado, uma quantidade enorme de prata, sem comparação em qualquer outro país da Europa. Uma parte da prata vinha da própria Inglaterra. Havia pequenas fundições de prata em Derbyshire, Gloucestershire, Devon e nas Mendip Hills, em Somerset. Mas a moderna análise química das muitas moedas desenterradas demonstra que a maior parte do minério vinha da Alemanha, onde ricos depósitos de prata haviam sido descobertos, nas montanhas de Harz. Isso indica que a prata chegava à Inglaterra em grandes quantidades nos anos anteriores a 1000, o que significa um saudável balanço comercial. Mas o que a Inglaterra vendia ao mundo exterior para gerar um fluxo de caixa tão positivo?

Vamos nos aventurar aqui por um território em que a escassez de dados clama por um trabalho de investigação histórica. As fon-

tes documentais sobre a vida e os acontecimentos em torno do ano 1000 são lamentavelmente mínimas, um contraste singular com o nosso tempo, em que os aspectos mais triviais da vida geram montanhas de dados todos os dias. O cronista moderno do comportamento sexual, por exemplo, já conta ao final do segundo milênio com trinta e seis caixas de documentos só para cobrir as atividades libidinosas de um presidente dos Estados Unidos... o que representa trinta ou mais vezes o espaço de arquivo ocupado pelas transcrições modernas de *tudo* que sobreviveu do *englisc*.

O historiador que examinasse um assunto específico como o comportamento sexual nos anos em torno de 1000 não teria praticamente nada sobre que trabalhar, a não ser algumas frases na *Life of St. Dunstan*, descrevendo o decadente rei Eadwig, que escandalizou os grandes da terra ao deixar de aparecer na festa da coroação, em 955. Quando Dunstan ousou entrar no aposento real, encontrou a coroa de pedras preciosas da Inglaterra jogada no chão, com o maior desrespeito. O rei se divertia na cama, com o maior vigor, desfrutando os charmes de uma jovem que, por tudo o que sabemos, podia ser a equivalente anglo-saxônia de uma estagiária da Casa Branca... com a mãe se divertindo na mesma cama ao seu lado.⁴⁹

Foram os normandos os primeiros que se empenharam em destruir todos os testemunhos da intensa cultura nativa que existia na Inglaterra antes de sua chegada, em 1066. Cada catedral anglo-saxônia foi quase que totalmente reconstruída. Mas foi o caos subsequente à dissolução dos mosteiros por Henrique VIII, no século XVI, que levou à maior destruição. Manuscritos antigos de valor inestimável foram queimados, usados em tambores e no isolamento de telhados, ou para forrar barris e encadernar livros.⁵⁰ Em consequência, basta uma manhã para ler toda a poesia anglo-saxônia sobrevivente. Sobre o principal comércio da Inglaterra na passagem do primeiro milênio sabemos ainda menos do que sobre a vida sexual do rei Eadwig.

Duzentos anos depois de 1000, a Inglaterra consolidara sua posição como a principal fornecedora de lã de alta qualidade para o norte da Europa. Nos séculos XII e XIII, as aldeias e pequenas cidades de Cotswold, South Downs e os pântanos de água salgada, as terras baixas de East Anglia e as encostas de Yorkshire Pennines eram regiões prósperas, cheias de ovelhas. Constituíam a base de

uma indústria florescente, que exportava lã para as grandes tecelagens de Flandres. Provas documentais subseqüentes demonstram como a lã era a fonte da riqueza da Inglaterra, o esteio de sua economia e cultura. Quando o Lord Chancellor começou a presidir a Câmara dos Lordes, sentava num saco de lã. Viajantes iam a mercados locais para comprar a produção de milhares de prósperos criadores de ovelhas da Inglaterra. Uma rede de cavalos de carga e carroças sistematicamente transportava a lã em comboios para os portos do sudeste da Inglaterra. Ali, os mercadores organizavam flotilhas lucrativas para levar os fardos de lã até os Países Baixos.

Mas podemos apenas deduzir que tudo isso já existia — ou começava a existir — no ano 1000. Temos documentos que confirmam o comércio no século X de vinho, peles, peixes e escravos, mas não há nada similar sobre exportações inglesas de lã ou tecidos de lã. Os indícios são indiretos, como o legado dos nomes de lugares. A ilha de Sheppey (ovelha em inglês é *sheep*) é um exemplo. Cidades como Shipton e Shipley sugerem que a economia local baseava-se nas ovelhas. Testamentos anglo-saxões referem-se com freqüência à disposição de centenas de ovelhas. Escavações revelam ossos de ovelha, tesouras de tosquia, rocas de lã, armações de tecelagem e toda a parafernália da produção de tecidos.

Não resta a menor dúvida de que os anglo-saxões criavam ovelhas. O desenho do calendário para este mês reflete isso: várias ovelhas cobertas de lã, pastando satisfeitas, sob os olhares de pastores que também parecem contentes. Maio era o mês da tosquia. Os animais eram lavados primeiro, a lã tosquiada e depois enxaguada numa série de banhos. Quando necessário, passava-se um pouco de manteiga ou sebo, para facilitar a separação das fibras de lã individuais, com as cabeças de cardo-penteador que eram usadas como pentes. Depois, a fiação podia começar.⁵¹ A roda de fiar só surgiu na Europa no século XIII, mas componentes de rocas e teares manuais desenterrados regularmente de escavações anglo-saxônicas sugerem que a produção de lã devia ser um processo doméstico bastante comum.

A melhor prova do comércio é uma carta de 796 do imperador Carlos Magno para Offa, o grande rei de Mercia, reclamando de variações no tamanho do *saga*, os mantos e cobertores de lã que Mercia exportava para a França. Carlos Magno pedia ao rei para tomar providências, a fim de que as peças tivessem no futuro o

mesmo tamanho que tinham antes.⁵² Parece ser uma prova satisfatória de que o tecido de lã inglês era exportado para a Europa dois séculos antes do milênio. Nos séculos depois do ano 1000, sabemos que Norwich, Ipswich, Colchester, Rochester, Dover e todos os principais portos do sudeste envolviam-se intensamente no comércio de lã. Como é certo que todos esses portos eram prósperos por volta do ano 1000, exportando *alguma coisa*, e como também sabemos que cada navio viking rotineiramente transportava uma pequena quantidade de tecido de lã para negociar, não parece absurdo supor que navios de um país rico em ovelhas como a Engla-lond também participassem do mesmo comércio.

De acordo com a tradição de antecessores como Athelstan, Ethelred empenhou-se em integrar o reino próspero que herdara. A divisão da Inglaterra em *shires* (condados) foi a mais duradoura realização real dos séculos X e XI. A medida que o padrão de cidades e aldeias do país se delineava, os reis da Inglaterra criaram unidades administrativas ao redor, como Wiltshire em torno da cidade de Wilton, Somerset em torno de Somerton, Hampshire em torno de Hamwic, a moderna Southampton, e assim por diante. Staffordshire, Bedfordshire e Warwickshire foram condados criados no século X. Em cada unidade administrativa havia um tribunal do condado, administrado nos termos da lei do rei. Foi no reinado de Ethelred que o *reeve* do condado, o representante da coroa, surgiu, pela primeira vez, como o principal funcionário executivo do governo local. Num código de lei promulgado em 997, Ethelred ordenou que o *reeve* do condado e os doze principais magnatas em cada localidade jurassem não acusar nenhum inocente, nem proteger qualquer culpado. É a mais antiga referência inglesa ao júri de instrução, ancestral do Grande Júri, que existiu na Inglaterra até 1933, e ainda desempenha um papel proeminente nos processos legais dos Estados Unidos da América.⁵³

Comércio, lei, administração: Ethelred demonstrou considerável habilidade e competência nas artes da paz. Mas seu infortúnio foi ser rei de um país rico e tranquilo numa época em que outra onda de piratas vikings começava a vir do leste. Viking é uma palavra de origem incerta. Para algumas autoridades, significa ladrão do mar, enquanto para outras é comerciante do mar. Os dois significados se aplicam. As sucessivas ondas de incursões vikings procedentes da Escandinávia, nos séculos VIII, IX e X, eram a consequência

de penúria e agitação em sua terra. Ao mesmo tempo, a extraordinária tecnologia de seus navios leves e guerreiros permitia-lhes atacar e comerciar onde quer que fossem.

E os vikings iam a todas as partes. Por volta do ano 1000, haviam se tornado os primeiros príncipes da Rússia e Kiev. Atacaram a Espanha e forneceram os mercenários que formaram a guarda varangiana dos imperadores bizantinos em Constantinopla. No século X, ocupavam parte do norte da França. Passaram de nórdicos para normandos, garantindo o reconhecimento francês do ducado da Normandia. Eram os habitantes de Danelaw, na Inglaterra. Os atacantes que começaram a assediar as costas sul e oeste do reino de Ethelred, no início da década de 980, seguiam os passos dos invasores contra os quais Alfred lutara apenas cem anos antes. Em 988, uma grande frota de navios vikings subiu pelo canal de Bristol, desembarcou homens em Watchet, com incursões arrogantes através de Somerset, até Devon.

Os vikings estavam mais experientes e mais bem organizados por serem capazes de ancorar seus navios nos portos da Normandia, onde seus parentes agora falavam francês e haviam adotado o Cristianismo. Quando o Papa reprovou o duque Richard da Normandia, no início da década de 990, por proporcionar tal conforto aos inimigos de seus vizinhos ingleses, Richard concordou em não oferecer mais abrigo aos navios vikings que seguiam para a Inglaterra. Foi assinado um tratado entre Ethelred e Richard, obrigando cada lado a não ajudar os inimigos do outro. Foi o primeiro passo num relacionamento entre Inglaterra e Normandia. Teria grandes conseqüências para os dois países. Mas não há qualquer prova de que os normandos tenham se empenhado em cumprir sua parte no acordo. Os vikings continuaram a chegar do lado norte do canal da Mancha.

No verão de 991, uma frota de noventa e três navios vikings subiu pelo estuário do Tâmesa e devastou os portos e aldeias nas costas de East Anglia e Kent. A maioria das comunidades pagou elevados resgates para evitar os ataques, mas os homens de Essex concentraram-se nos arredores do porto de Maldon, sob o comando de seu orgulhoso líder de cabelos brancos, Byrhtnoth. Os vikings desembarcaram numa ilha ligada ao território principal por uma estrada no alto de uma barragem de proteção, visível apenas na maré baixa. Os ingleses poderiam ter atacado os invasores quando

tentassem alcançar o território principal por esse caminho. Mas Byrhtnoth, com um excesso de confiança, concordou honrosamente com um pedido viking para que os visitantes pudessem se alinhar direito depois da barragem, antes de o combate começar. Os ingleses perderam, com um terrível massacre, o mais antigo exemplo inglês registrado de *fair play* no campo de batalha.

Foi o primeiro de uma série de desastres cavaleirescos, como a Carga da Brigada Ligeira. A coragem inútil de Byrhtnoth foi logo celebrada em versos heróicos. "A Batalha de Maldon" era um dos maiores sucessos populares no ano 1000, uma balada melancólica e comovente, cantada por poetas e recitada nas tavernas durante as longas noites de inverno. Transformava o velho general num herói popular que "empunhou a lança" contra o inimigo viking.

*Though I am white with winters, I will not away,
For I think to lodge me alongside my dear one,
Lay me down by my lord's right hand...
English silver is not so softly won.⁵⁴**

A ansiedade da Inglaterra em mitificar um perdedor refletia a triste ausência de vencedores na difícil missão de rechaçar os vikings, nos anos finais do primeiro milênio. Os ataques tornaram-se um trauma nacional, em particular para as pessoas que viviam nas proximidades da costa. Cada verão trazia a perspectiva dos navios vikings subindo pelo rio, cada navio tripulado por trinta ou mais piratas sanguinários.

As escavações arqueológicas não oferecem qualquer confirmação dos vikings usando os temíveis capacetes de chifres, que parecem ser o resultado da imaginação de gerações subseqüentes. Mas as espadas, lanças e machados de guerra encontrados são armas brutais e bem-feitas. Os vikings, sem a menor dúvida, eram mestres nas mais modernas técnicas de forjar o metal. Suas táticas eram tão sanguinárias quanto dizem as lendas. Queriam ouro, prata e despojos que pudessem transportar sem maiores dificuldades, mas também procuravam escravos. Os rapazes fortes e as moças núbéis

* Embora a cabeça esteja branca dos invernos, não fugirei,
Pois quero me postar ao lado daquele a quem prezo,
Ficar à mão direita do meu senhor...
A prata inglesa não será conquistada tão fácil.

alcançavam os maiores preços no mercado de escravos de Dublin. Os atacantes eram implacáveis no massacre das pessoas que não tinham valor venal, os velhos e as crianças.

"E já faz bastante tempo agora que os ingleses não têm nenhuma vitória", lamentou o arcebispo Wulfstan. "Sentem-se intimidados por causa da ira de Deus. Acham que os piratas são fortes com o consentimento de Deus. Por isso, em batalha, um deles é capaz de pôr dez ingleses em fuga... E muitas vezes dez ou doze, um depois do outro, desgraçam a esposa do *thane* (um proprietário de terra abaixo do nobre, mas acima do homem livre comum), suas parentas, enquanto ele, que se considerava orgulhoso e poderoso, bastante corajoso, antes que isso acontecesse, apenas olha."⁵⁵

A solução do rei Ethelred para esse desafio debilitante foi tentar comprar os atacantes, pagando o que era no fundo um dinheiro de proteção, para que fossem embora, ou em alguns casos contratando bandos de atacantes como mercenários, para servirem como defensores dos ingleses. Esses pagamentos tornaram-se conhecidos como "Danegeld". Muitas das moedas inglesas com a efígie de Ethelred foram encontradas pelos arqueólogos modernos na Dinamarca, Noruega e Suécia, para onde os atacantes levavam o dinheiro da proteção, abrindo um buraco para "guardar no banco".

Ethelred tinha sólidos precedentes para sua política. Em 876, Alfred pagara aos *danes* para saírem de Wessex. Mas enquanto Alfred aproveitou o tempo assim obtido para organizar suas defesas, Ethelred carecia da determinação e capacidade militar de seu famoso antepassado. Depois da Batalha de Maldon, ele concordou em pagar aos vikings vinte mil libras em prata e ouro. Com isso, os atacantes partiram. Mas continuaram a voltar nos anos subseqüentes, devastando e saqueando por meses a fio, antes de extorquirem um novo tributo... e Ethelred demonstrou ser incapaz de vencê-los em combate.

O autor dessa parte da *Anglo-Saxon Chronicle* não fez qualquer esforço para disfarçar sua repulsa à incompetência militar do monarca: "Quando eles estavam no leste, o exército inglês era mantido no oeste; e quando eles iam para o sul, nosso exército seguia para o norte." O rei convocou seus conselheiros para desenvolver novas táticas, "mas se qualquer decisão era tomada então, não persistia por mais de um mês. Até que finalmente não havia nenhum líder que pudesse mobilizar um exército, já que todos se

esquivavam da melhor forma que podiam. Chegou a um ponto em que nenhum condado queria ajudar o outro".⁵⁶

Os problemas de Ethelred foram agravados pelo fato de os atacantes quererem mais do que despojos ocasionais. De 994 em diante, algumas das mais eficazes expedições de guerra foram comandadas por Sweyn Forkbeard, o rei da Dinamarca, que tinha ambições territoriais. Num certo sentido, os pagamentos de Danegeld por Ethelred eram um sinal de fraqueza. Foram tratados assim pela maioria dos historiados, começando com os escribas desdenhosos da *Anglo-Saxon Chronicle*. Mas a capacidade do rei da Inglaterra de levantar grandes recursos, numa base regular, indicava um país próspero e uma máquina governamental eficiente, cujo valor o rei da Dinamarca podia muito bem apreciar.

De 994 a 1000, e depois por outros doze anos, as forças de Sweyn continuaram a retornar à Inglaterra, em expedições cada vez mais organizadas. Seu objetivo era agora a conquista total. A medida que os habitantes da antiga Danelaw observavam o contraste de estilo entre Ethelred Unred e o decidido rei viking, as lealdades em Essex, East Anglia e no nordeste começaram a mudar a seu favor. Em termos modernos, os ataques anuais dos navios vikings, surgindo do nada, arrebatando seus despojos, para depois desaparecerem outra vez no horizonte, seriam como pousos de espaçonaves alienígenas, virtualmente imprevisíveis e impossíveis de se evitar.

Ethelred tentou todos os ângulos. Em 1002, celebrou um casamento diplomático com Emma, irmã do duque da Normandia, numa tentativa de garantir um apoio normando mais prático. Convocou um jejum nacional para suplicar a intervenção divina. Em 1008, mobilizou a maior marinha que a Inglaterra já tivera, apenas para vê-la se virar contra si mesma e se dispersar em motim. Numa ofensiva interna, casou duas filhas de seu primeiro casamento com magnatas na Northumbria e East Anglia, na esperança de conter o crescente apoio que Sweyn da Dinamarca vinha obtendo ali.

Foi tudo em vão. No verão de 1013, Sweyn desembarcou em Gainsborough, em Lindsey, a trinta quilômetros da foz do Trent. Toda a Inglaterra dinamarquesa aceitou-o imediatamente como rei. Enquanto Sweyn marchava para o sul, Oxford e Winchester também se renderam à sua aproximação. Quando os magnatas do oeste lhe concederam sua lealdade, os cidadãos de Londres, o único

centro de resistência, resolveram se render. O líder estrangeiro assumiu o poder, enquanto Ethelred se retirava para o exílio na Normandia.

O rei Sweyn I da Inglaterra não teve muito tempo para saborear seu triunfo. Morreu no início de 1014. Seu filho Canuto sucedeu-o. Embora a morte de Sweyn acarretasse algum movimento em favor do retorno de Ethelred, o infeliz Unred acabou morrendo em 1016, logo seguido pelo filho Edmund, no final do mesmo ano. O jovem Canuto tornou-se o indiscutível rei da Inglaterra. Foi um soberano firme e eficiente. Se é verdade a lenda famosa, de que o novo monarca mandou instalar seu trono no caminho da maré a montante, parece mais provável que Canuto tenha encenado o evento *não* para fazer as ondas pararem, em tributo a seu poder real, mas sim para provar o oposto: que há limites práticos para a extensão da autoridade secular.

Canuto morreu em 1035. Trinta e um anos depois, no ano que todos lembram, a Inglaterra foi definitivamente invadida por Guilherme o Conquistador e os descendentes dos invasores escandinavos que se instalaram na Normandia. A invasão de 1066 é em geral considerada francesa. Em termos lingüísticos, não resta a menor dúvida de que isso é verdade. Mas as raízes e auto-imagem dos normandos remontavam aos vikings. Portanto, embora os anos em torno de 1000 testemunhassem um florescimento da civilização anglo-saxônia, também foram marcados pela força bruta que acabaria destruindo essa civilização.

JUNHO



A VIDA NA CIDADE

TERRA ARÁVEL, PASTOS E MATAS: NO ANO 1000, AS florestas eram tão exploradas quanto os campos. A madeira era o combustível da época, o principal material de construção, a substância preferida para todos os tipos de utensílios domésticos e reparos. Em termos técnicos, o primeiro milênio está incluído na Idade do Ferro, mas em questão de estrutura da vida cotidiana foi muito mais a Idade da Madeira.

"Qual de vocês não usa meu ofício, já que faço casas, recipientes e navios para todos?", indagou, orgulhoso, o carpinteiro no *Colloquy* de Aelfric.⁵⁷

Dizem que a palavra *Carpenter* (carpinteiro em inglês) derivou da admiração dos romanos pelo carro de duas rodas eficiente e resistente desenvolvido pelos celtas na antiga Bretanha, não muito diferente do que aparece no desenho deste mês do calendário. Os romanos chamavam-no de *carpentum*, e aqueles que os fabricavam — ou que usavam a madeira transportada nele — tornaram-se conhecidos como carpinteiros.⁵⁸

As pessoas comiam na madeira. As escavações anglo-saxônicas mostram que havia muito mais pratos de madeira que de barro. As pessoas bebiam de canecas de freixo ou amieiro, fabricadas num torno de pedal. Uma tira de couro era presa a um poste, por cima da cabeça do carpinteiro, passava pelo torno e descia para o pedal. Ao manter a tira esticada ao redor do torno e pedalando com força, o carpinteiro podia fazer com que o pedaço de madeira girasse alternadamente nos dois sentidos. Era uma tecnologia simples mas eficaz de autopropulsão, ainda usada em carpintarias inglesas às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

A floresta era o lar misterioso em que viviam os antigos espíritos da terra. As pessoas ali entravam em busca de lenha. As folhas proporcionavam a palha em que o gado se deitava no inverno. Os poços de carvão forneciam o combustível de alta intensidade para os ferreiros. A floresta era um refúgio quando os vikings atacavam. Em tempos de fome, eram a despensa de último recurso. Mas, acima de tudo, no ano 1000, as florestas da Inglaterra proporcionavam a madeira para a crescente quantidade de cidades construídas por todo o país.

Os romanos basearam sua ocupação da Bretanha em torno de umas poucas comunidades urbanas fortificadas e elegantes, que eram locais de descanso e guarnições tanto quanto cidades. A vida numa cidade, ou *civis*, era a essência da civilização romana. Os bárbaros que conquistaram Roma eram literalmente "incivilizados", no sentido de não serem habitantes de cidades. Os anglo-saxões só ocuparam umas poucas cidades romanas, como Londres, Bath, Cirencester e Lincoln. Sua unidade de habitação preferida era a aldeia. A Inglaterra continuou a ter uma predominância rural até o reinado do rei Alfred, quando a ameaça dos vikings provocou a construção de uma rede de povoados defendidos, conhecidos como *burhs* — a palavra que foi raiz do termo moderno *borough*, ou burgo.

A definição clássica de uma cidade anglo-saxônia era o fato de ter um muro ou paliçada defensivo, uma casa da moeda e um mercado. Alguns dos *burhs* de Alfred eram antigos povoados fortificados. Outros eram fortes novos, que mais tarde se desenvolveram em cidades. Um exemplo disso foi a cidade de Oxford, que não tinha qualquer importância especial no reinado de Alfred, a julgar pelos indícios contemporâneos, mas se desenvolvera rapidamente no ano 1000. Os registros do século X da abadia de Abingdon descrevem como os cidadãos de Oxford se cotizaram para pagar pela canalização e recanalização do rio Tâmsa, a fim de que os barcos pudessem subir com mais facilidades, para virem fazer negócios na cidade.

O dinheiro, com uma crescente quantidade de moedas confiáveis em circulação, foi o fator crucial no crescimento dessas cidades, que se desenvolveram dos centros militares de Alfred, transformando-se em mercados. Warwick, Stafford, Buckingham, Oxford — a maioria das cidades da Inglaterra moderna teve origem no século X. Cerca de dez por cento da população da Inglaterra viviam em

ciudades no ano 1000, o que significava que os métodos agrícolas do país haviam desenvolvido a eficiência necessária para produzir um excedente de dez por cento, enquanto os habitantes das cidades geravam lucros suficientes para comprar os alimentos e outros suprimentos de que precisavam.

Os sucessores de Alfred, observando esse crescimento na economia monetária com apreensão e cobiça, tentaram impor seu controle e alguma regulamentação — além de obterem uma participação — ao crescente volume de negócios urbanos:

Eu, rei Athelstan dizia um decreto por volta de 930 , com o conselho de meu arcebispo, Wulfhelm, e também de meus outros bispos, informo ao reeve em cada burgo, e rogo em nome de Deus e cie todos os seus santos, e ordeno também por minha amizade que não comprem mercadorias num valor superior a 20 pence fora de uma cidade; mas podem comprar dentro da cidade, na presença do reeve do mercado ou de algum outro homem de confiança, ou na presença do reeve numa reunião pública.⁵⁹

Esse regulamento sugere que havia uma florescente economia paralela na Inglaterra anglo-saxônia, com os negociantes efetuando transações discretas, fora da vista do representante do rei e fora do alcance de seus tributos e impostos... e o desaparecimento dessas leis em gerações subseqüentes indica que as tentativas reais de controlar o comércio foram abandonadas. A livre iniciativa triunfou. Os negócios expandiram-se. No ano 1000, a principal cidade fornecedora de sal da Inglaterra era Droitwich, perto de Worcester, onde a profusão de fontes de água salgada era explorada pelos habitantes locais, num lucrativo complexo de salinas e fornalhas. Testamentos anglo-saxões demonstram que proprietários de terras em lugares tão distantes quanto Oxfordshire e Buckinghamshire faziam investimentos na produção de sal em Droitwich. Os registros de igrejas em Westminster, Coventry e até Paris comprovam que as salinas e fornalhas de Droitwich estavam incluídas em suas carteiras de investimentos.⁶⁰

Documentos da cidade de Winchester nesses anos indicam como o investimento externo começava a elevar o valor das propriedades urbanas. Em 975, os clérigos da Old Minster (a velha catedral)

abriram mão de uma grande propriedade rural, que lhes proporcionava bons aluguéis, a fim de obterem um terreno de apenas dois acres dentro da cidade. Testamentos e outros documentos do século X descrevem o bispo de Chester como proprietário de quatorze casas na cidade de Stafford, enquanto a abadessa de Barking tinha nada menos que vinte e oito em Londres. A oeste, um certo Elfgar do solar de Bishopsworth, nos arredores de Bristol, possuía dez casas na cidade próxima. Na suposição de que esses diversos investimentos em casas tinham implicações de aluguel e revenda, podemos concluir que a Inglaterra já contava com seus primeiros incorporadores urbanos.⁶¹

Contava também com planejadores urbanos. Os *burhs* de Alfred eram dispostos em grades regulares, muitas vezes como um quadrado, com uma distância determinada entre as ruas. Os projetistas obviamente tinham conhecimentos de agrimensura, como se torna evidente por um documento que nos leva a Winchester no dia do mercado. O gado era levado pela rua principal e ia para a rua do Gar (estábulo), onde modernas escavações descobriram os restos de currais, cercas, excrementos de ovelhas e bois. Os animais saíam para a rua do Fleshmonger (negociante de carne), mais tarde conhecida como rua do Parchment (pergaminho), onde eram abatidos. Perto ficava a rua do Tanner (curtidor), onde as peles dos animais eram processadas em couro. Também iam para a rua do Shieldmaker (fazedor de escudo), onde artesãos moldavam o couro curtido em peças de vime ou em torno de tábuas.

Podemos imaginar essa movimentada rede de atividades operando na parte comercial da cidade, enquanto os peregrinos chegavam à catedral, centenas e centenas, para venerar as relíquias de St. Swithin. Os registros da cidade mostram um fabricante de malhas, um fabricante de sapatos e um fabricante de sabão em condições de vender suas mercadorias aos visitantes, além de duas salas de reuniões, em que os prósperos cidadãos se encontravam para festejar e beber... uma indicação antiga dos banquetes cívicos.⁶² Esses habitantes de Winchester pareciam ser muito divertidos. O desenvolvimento da vida urbana apressaria o desenvolvimento dos sobrenomes de família, que serviam de base, freqüentemente, como os nomes de ruas, nos ofícios e ocupações — Tanner (curtidor), Weaver (tecelão), Carpenter (carpinteiro), e assim por diante. Enquanto isso, porém, os alegres habitantes de Winchester

identificavam uns aos outros por apelidos afetuosos ou desdenhosos: Clean-hand (mão limpa), Fresh-friend (amigo novo), Soft-bread (pão macio), Foul-beard (barba imunda), Money-taker (tomador de dinheiro), Penny-purse (bolsa de *penny*) ou Penny-feather (roupa de *penny*).⁶³

O comércio era a vida da cidade. No ano 1000, os mercadores ingleses já vendiam há algum tempo produtos procedentes de lugares exóticos e distantes. Ao agonizar, em 735, Beda, o Venerável, pedira seis "tesouros" para distribuir entre os monges. O primeiro tesouro a aparecer foi a pimenta-do-reino,⁶⁴ cultivada nas Índias Orientais. Viajara dezenas de milhares de quilômetros no lombo de animais em caravanas e em navios, para chegar a Bagdá e ao Mediterrâneo. Foi provavelmente na cidade de Pavia, antiga capital da Lombardia, no norte da Itália, que os mercadores ingleses compraram a pimenta-do-reino de Beda. Pavia era o grande centro de intercâmbio comercial entre o noroeste da Europa e o Oriente. Relatos da época descrevem as tendas de mercadores sendo armadas nos campos ao lado do rio Ticino, nos arredores da cidade. Entre os mercadores estavam os *gens Anglicorum et Saxorum*, que negociavam sedas, especiarias, marfim, peças de ouro e pedras preciosas, com mercadores de Veneza e dos portos italianos meridionais de Amalfi e Salerno.⁶⁵

Era uma viagem difícil para os ingleses, descendo pela Renânia e atravessando os desfiladeiros alpinos. Não era de admirar que estivessem de mau humor quando chegavam lá. Segundo um documento do início do século XI, os ingleses ofenderam-se com a abertura de seus sacos e bolsas pelas autoridades alfandegárias de Pavia. Tornaram-se violentos. Os reis da Lombardia e Inglaterra conversaram mais tarde sobre essa erupção de violência inglesa no exterior. Ficou acertado que os mercadores da Inglaterra teriam o direito de negociar em Pavia sem o pagamento de impostos e taxas pelas transações, desde que pagassem um tributo coletivo a cada três anos.

É o mais antigo exemplo detalhado de um tratado comercial na história inglesa. Pelos seus termos, os ingleses adquiriam a licença para comerciar com o pagamento trienal de cinquenta libras de prata pura, dois galgos de boa criação com coleiras douradas e estampadas em relevo, dois escudos, duas espadas e duas lanças. Numa cláusula adicional, que presumivelmente visava reduzir o incentivo para extorsão local ou suborno, havia um dispositivo para que a

autoridade paviana no comando do mercado recebesse dois casacos de pele e duas libras de prata, como sua parte na transação.

Era importante permanecer no lado certo da alfândega. Poucos anos antes, o bispo Liudprand, de Cremona, um enviado lombardo, fora detido por inspetores aduaneiros gregos, quando voltava para a Itália. Ao abrirem suas bolsas, descobriram que ele levava peças da famosa seda púrpura de Bizâncio, o máximo em termos de vestuário elegante. Liudprand protestou que já levava seda púrpura para casa antes, mas de nada adiantou. "Isso foi no tempo de um soberano negligente", foi o que lhe disseram. Liudprand alegou então que o próprio imperador bizantino lhe dera uma permissão especial. "O imperador devia estar pensando numa coisa diferente", insistiu o inspetor. "Essas coisas são proibidas... A distinção no vestuário deve pertencer apenas aos que superam outras nações na riqueza e sabedoria."

Liudprand não conseguiu mais se controlar e declarou: "Na Itália as prostitutas mais ordinárias e as cartomantes usam essa cor." Ele relatou todo o incidente a seu superior:

*Portanto, como pode constatar, eles julgam... todas as outras nações indignas de se vestirem dessa maneira. Não é indecente e insultuoso que esses indolentes e efeminados mentirosos, eunucos e ociosos, usando suas túnicas de mangas compridas, cheios de jóias, devam se vestir de púrpura, enquanto nossos heróis, homens fortes, treinados para a guerra, com muita fé e caridade, servidores de Deus, com todas as virtudes, não possam? Se isso não é um insulto, o que é então?*⁶⁶

O "Mercador" de Aelfric encontrara um meio de contornar esses problemas. Indagado sobre as mercadorias que tinha o hábito de trazer para a Inglaterra, ele encabeçou a lista com "tecidos púrpuras e sedas púrpuras", continuando com "pedras preciosas e ouro, trajes excepcionais e especiarias, vinho e óleo, marfim e bronze, cobre e estanho, enxofre e vidro, além de muitas outras coisas similares".

"Você quer vender suas mercadorias aqui apenas pelo que pagou por elas lá?", indagou o Amo.

"Não, não quero", respondeu o Mercador, exibindo um motivo de lucro sem o menor constrangimento. "Como meu trabalho me beneficiaria se fizesse isso? Quero vender mais caro aqui do que comprei lá, para que possa ter algum lucro, com o qual poderei alimentar a mim, minha esposa e meus filhos... Embarco cargas em meu navio e viajo para terras de além-mar. Vendo minhas mercadorias, compro coisas preciosas, que não são produzidas neste país. E, com grande perigo no mar, trago de volta para cá; e às vezes sofro um naufrágio, com a perda de todas as mercadorias, mal conseguindo escapar com vida."⁶⁷

O jovem monge que podia fazer esse discurso em latim precisaria ter um domínio impressivo da língua... para não mencionar a teoria econômica básica, organização agrícola e eventos correntes. Complementando os desenhos do Calendário de Trabalho de Julius, os textos irônicos de Aelfric nos fornecem as mais ricas percepções sobre a vida cotidiana inglesa no ano 1000... até mesmo seu caráter marítimo. As frotas vikings podiam superar as tentativas de defesa naval do rei Ethelred, mas havia alguns ingleses que se consideravam como um povo de herança marítima. Aelfric, escrevendo ao final do reinado de Ethelred, recordou com nostalgia os anos "em que nenhuma frota se aventurava por aqui, exceto a do povo que ocupava esta terra".⁶⁸

Os numerosos portos marítimos da Inglaterra eram uma prova dessa herança. *Port* (porto) era originalmente uma palavra anglo-saxônica, que significava "mercado". O *reeve* do porto supervisionava o mercado, assim como o *reeve* do condado supervisionava o condado. Mas no século X a palavra também tinha seu significado moderno, como local de comércio numa enseada. Era impressionante a quantidade de portos ingleses, de Ipswich a Londres e na costa sul. Esses centros de comércio significativamente eram mais numerosos do que os portos nos Países Baixos e norte da França, no outro lado do canal da Mancha. Os portos ingleses eram algumas das comunidades de crescimento mais rápido no país.

Isso refletia o fato de que era muito mais fácil viajar e transportar mercadorias no ano 1000 por água do que por terra. Só no século XVIII é que os engenheiros europeus abriram estradas que podiam se igualar às estradas pelas quais os romanos transportavam suas legiões com tanta eficiência. Centenas de embarcações leves, impulsionadas por velas ou remos, subiam e desciam pelos

rios da Inglaterra medieval, numa rede de caminhos navegáveis que se prolongava pelo interior por uma distância surpreendente. As grandes residências reais eram construídas à beira d'água ou nas proximidades. Oxford e Cambridge eram portos antes de se tornarem cidades universitárias, com movimentadas docas comerciais. Exeter, Worcester, Norwich e Stamford também floresceram com o tráfego fluvial.

Mas as pequenas embarcações que navegavam com tanta facilidade entre as cidades da Inglaterra não se saíam tão bem em mar aberto. O "Mercador" de Aelfric não exagerava ao falar no risco de naufrágio. Nada podia ser considerado certo. Devia-se agradecer a Deus se a curta travessia entre Dover e Calais era concluída sem qualquer percalço. Os relatos do exército de Athelstan se deslocando para o norte, contra os escoceses, descrevem navios e homens subindo em fila única pela costa. A marinha permanecia a uma distância segura, à vista da terra, pois era raro para um navio passar uma noite em pleno oceano, se fosse possível evitar. Até mesmo os vikings, os mestres das viagens marítimas, que armavam tendas a bordo e navegavam através da noite, em suas longas incursões oceânicas, tratavam de atracar em terra depois do escurecer, sempre que podiam. Era muito mais seguro acender fogueiras e preparar o jantar na praia, ou sob o abrigo das árvores.⁶⁹

As batalhas marítimas eram sempre travadas à vista da terra. As confrontações em mar aberto exigiam um sistema de reconhecimento que só seria tentado no tempo do rei Henrique V. Como os navios medievais não tinham canhões ou mísseis, a luta era um combate com espadas, em águas abrigadas, próximas de terra. Parte da reação do rei Alfred à ameaça viking foi um sistema de tributo pelo qual certas cidades e localidades tornavam-se responsáveis pela construção e guarnição de seu próprio navio de guerra, o equivalente marítimo aos *burhs* fortificados. A *Anglo-Saxon Chronicle* até creditou a Alfred o projeto de um novo tipo de navio para enfrentar os vikings. Se era parecido com os navios escandinavos que atacavam a Inglaterra nos séculos IX e X, devia ter cerca de 24 metros de comprimento por cinco metros de largura. Era um pouco mais estreito, mas também um pouco mais comprido, do que a *Santa Maria*, de 22 metros, a nau em que Colombo atravessou o Atlântico em 1492.

Depois de muitos anos de debates históricos, sabemos agora com certeza que em um verão por volta do ano 1000, um navio

escandinavo precedeu Colombo no Novo Mundo, por quase cinco séculos, alcançando o Canadá. Por várias gerações, marujos noruegueses avançavam para oeste pela área setentrional do Atlântico, pulando de ilha em ilha, primeiro Shetland, depois as ilhas Faroe e a Islândia. A busca era por pastos e madeira. Levou os exploradores à Groenlândia na década de 980. Depois, seguiram ainda mais para oeste, já que as correntezas do oceano setentrional traziam madeiras flutuantes do horizonte. Os viajantes podiam também estar seguindo o bacalhau. Ao que tudo indica, era a técnica viking de secar o bacalhau ao vento, na proa dos navios, que provia a alimentação dos nórdicos, necessária para navegar em torno da costa da ilha de Baffin, Labrador e chegar à Terra Nova, a que deram o nome de Vinland... porque, como se gabaram ao voltar, encontraram videiras (*pines*) crescendo ali.

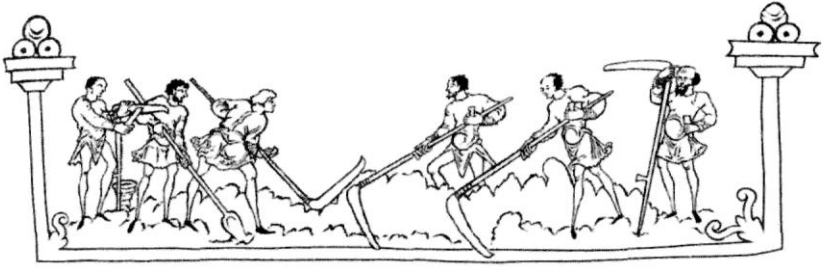
Essa descrição otimista de um mundo novo quente e fecundo foi um dos vários motivos pelos quais os relatos islandeses posteriores de um certo Leif Eriksson alcançando o outro lado do Atlântico, por volta do ano 1000, foram encarados com desconfiança pelos historiadores por muitos anos. Mas entre 1961 e 1968, as escavações em L'Anse-aux-Meadows, na Terra Nova, descobriram covas de cozinhar, galpões de barcos, ornamentos de metal e oito ou nove estruturas de casas que tinham com certeza uma origem nórdica... além de indícios do cultivo de videiras. Constatou-se que os objetos remontavam mais ou menos ao ano 1000, comprovando que era possível que carpinteiros da época pregassem, juntassem e amarrassem vários milhares de peças de madeira, com força e flexibilidade suficientes para transportar homens através da violência do Atlântico Norte. Isso também indicava que os homens do primeiro milênio talvez não fossem tão ignorantes em questões geográficas quanto séculos posteriores sugeriram.

Convinha a alguns pensadores da Era da Razão, no século XVIII, desdenhar a Idade Média como um período primitivo e atrasado, em que os homens acreditavam que o mundo era plano, que se aventurar muito além da Europa acarretava o risco de os navios despencarem pela beira. Mas a explicação do sistema solar em uma das traduções clássicas que o rei Alfred encomendou — e que ele encampou — fala em termos esféricos expressos, comparando a Terra à "gema no meio de um ovo, que pode se deslocar (dentro dos limites) no ovo. Da mesma forma, o mundo permanece imóvel

em sua posição. Lá fora, as águas, o céu e as estrelas, assim como a própria casca brilhante, giram ao redor todos os dias... e há muito tempo que isso acontece!"⁷⁰

Alfred estava obviamente enganado em sua convicção de que o céu, as estrelas e a "casca brilhante" do seu ovo deslocavam-se em torno da Terra. Esse conceito equivocado pré-Renascença não foi corrigido até as famosas observações de Copérnico e Galileu. Mas a idéia do céu girando implicava acreditar que a Terra era redonda. Não resta a menor dúvida de que Alfred pensava em termos tridimensionais. Quando Carlos Magno e os outros imperadores da época queriam simbolizar seu poder terreno, punham as mãos sobre um orbe. Beda comparou a Terra "à bola com que os meninos brincam". Quando navegadores no ano 1000 postavam-se na proa de seus navios, contemplando a curva do horizonte — tanto na curvatura da esquerda para a direita quanto para longe do navio — não podiam deixar de chegar à conclusão óbvia. E a julgar por Leif Eriksson, eles não tiveram o menor medo de navegar para oeste e cair da beira do mundo.

JULHO



O HIATO DA FOME

JULHO ERA O MÊS DO FENO NO ANO 1000. ERA A primeira grande colheita do ano, uma época de preocupação com o tempo e a necessidade de cortar e secar a erva antes que a chuva pudesse estragá-la... e tudo para alimentar os animais, já que a colheita do meio do verão não produzia comida para os humanos. O feno era a forragem para manter os animais vivos durante o inverno. Assim, quando terminava o trabalho árduo de colher o feno, o lavrador medieval descobria-se diante de outro período que era ainda mais difícil: o mês mais duro do ano inteiro, na verdade, já que as colheitas da primavera ainda não haviam amadurecido. Os celeiros estavam em seu nível mais baixo, era bem possível que os depósitos de grãos estivessem vazios. De uma forma angustiante, na véspera da colheita de agosto, as pessoas podiam se descobrir passando fome, no mês mais fragrantemente de todos. Julho era a época de outro fenômeno, inteiramente desconhecido para nós, no Ocidente moderno: "o hiato da fome".⁷¹

Em *Piers Plowman*, a fábula medieval da terra, lemos como julho era o mês em que a divisão entre ricos e pobres se tornava mais patente. Os ricos podiam sobreviver do que havia em seus depósitos. Tinham dinheiro para pagar os preços mais altos cobrados pelos estoques minguantes de alimentos. Os preços dos cereais e do pão podiam subir a níveis exorbitantes. Essa escassez fazia com que julho fosse o mês em que os pobres aprendiam o verdadeiro significado da pobreza. Enquanto Piers dorme na fábula, Patience lhe aparece no sonho, mostrando como os pobres sofrem, enquanto tentam sobreviver ao longo do purgatório anual do meio do verão, moendo o mais duro farelo de trigo, até mesmo

ervilhas e favas velhas e murchas, a fim de produzir alguma espécie de pão.

O meado do verão foi também a época em que outro sardônico observador da vida camponesa, o pintor flamengo Pieter Breughel o Velho, pintou seus famosos quadros de festivais rurais alucinados. Ao final da Idade Média, Breughel mostrou os camponeses dominados por acessos de histeria de massa. Os relatos históricos desses frenesis rurais explicaram o delírio em termos da dieta mínima com que os pobres tinham de subsistir durante o hiato da fome. As pessoas se tornavam insensatas pela falta de alimentos sólidos. A química moderna demonstrou como a ergotina que florescia no centeio ao se tornar mofado era uma fonte de ácido lisérgico, o LSD, a droga *cult* da década de 1960.

Esse ímpeto alucinogênico era acentuado pelas ervas de sebes e grãos com que os estoques minguentes da farinha de trigo convencional eram aumentados, à medida que o verão passava. Papoulas, cânhamo e joio eram colhidos, secados e moídos para se produzir uma massa medieval conhecida como "pão da loucura". Assim, mesmo enquanto os pobres sofriam a fome, é possível que sua dieta lhes proporcionasse alguns paraísos exóticos e artificiais. "Era como se um encantamento tivesse sido lançado sobre comunidades inteiras", segundo um historiador moderno.⁷² Não há relatos dos anos em torno de 1000 que se comparem com essas descrições de "vertigem colossal e sonolenta", explicada em termos de substâncias que alteram a mente, mas quem pode saber com certeza? É bom pensar que, por acaso ou de propósito, os pobres do ano 1000 sintonizavam êxtases que se comparavam com os prazeres de seus superiores se divertindo no grande salão.

A teoria social no ano 1000 dividia a comunidade entre aqueles que trabalhavam (os camponeses, mercadores e artesãos), aqueles que lutavam e administravam a justiça (os reis e lordes), e aqueles que rezavam. O último grupo obviamente incluía, como ocorreria hoje, o clero da paróquia, com seus deveres pastorais de cuidar dos fiéis. Mas na Idade Média havia um grupo ainda maior de religiosos que não faziam outra coisa além de rezar: os homens e as mulheres que dedicavam toda a sua vida a Deus, indo se refugiar em mosteiros. No ano 1000, havia cerca de trinta mosteiros espalhados pelos campos ingleses, de Carlisle no norte a St. German na Cornualha. Eram os centros econômicos de suas comunidades.⁷⁵

limpregavam habitantes locais para trabalharem em seus campos. Mas os próprios monges realizavam determinadas tarefas agrícolas, já que a combinação do prático e do espiritual era a essência da vida monacal, conforme fixado por São Bento, no século VI. Ao tentar formular uma rotina que mantivesse a ordem em sua comunidade de monges, em Monte Cassino, no sul da Itália, Bento produziu uma Norma que se tornou o modelo para a vida monacal em toda a Cristandade.

Foram os monges beneditinos que levaram a palavra de Deus para a Inglaterra em 597. Comandavam as grandes catedrais em Canterbury, Rochester, Winchester e Worcester. Seus dormitórios, refeitórios, bibliotecas e capítulos eram parte dos prédios sagrados que constituíam o *campus* religioso, em torno de cada catedral. Seus cantos uníssonos caracterizavam os serviços religiosos, ressoando pelo coro e entre as colunas das principais casas de Deus na Inglaterra.

O canto era a pulsação da devoção religiosa na Inglaterra no ano 1000. Era o canal pelo qual o homem falava com Deus, diretamente ou através de Maria ou de um dos santos. A beleza rítmica era também um ato de homenagem, uma sedução para o ouvido divino. Cada monge, ao apresentar sua música, sabia que praticava para o dia glorioso em que se tornaria membro de um dos coros de anjos no paraíso, elevando a voz na presença de Deus.

O canto da liturgia era uma das forças centralizadoras da Cristandade. Hoje é chamado em geral canto gregoriano, de acordo com a tradição de que foi desenvolvido pelo Papa Gregório o Grande, o mesmo Gregório que despachou os missionários para a Inglaterra. Podemos com certeza imaginar o bom Papa cantando com Agostinho e seus companheiros, ao se consagrarem à sua missão nas ilhas distantes do noroeste. Mas não há qualquer prova de que o próprio Gregório estivesse pessoalmente envolvido na compilação dessas melodias fascinantes, que tinham suas raízes nos cantos hebraicos, assumidos e adaptados pelos primeiros cristãos. O canto era o produto da prática e elaboração de incontáveis homens e mulheres dedicados à religião, durante o primeiro milênio, suas vidas encontrando significado através desse som inspirador e transcendental.

O canto elevava as pessoas espiritualmente... e proporcionava também elevações físicas. As décadas subseqüentes ao ano 1000

testemunharam um considerável crescimento na construção de enfermarias monásticas. Eram instituições médicas, no sentido moderno da palavra, mas também ofereciam refúgio aos idosos e agonizantes, além de acomodações para viajantes e peregrinos. "Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro devem ser recebidos como o próprio Cristo," escreveu São Bento, "porque ele dirá: Eu era um estranho e vocês me acolheram."⁷⁴ Muitas dessas enfermarias foram construídas em pontos estratégicos, ao lado de pontes ou rios, à beira de estradas movimentadas. Ofereciam repouso e retiro, remédios simples de ervas para os que estavam doentes, mas o principal elemento de seu regime de cura era a ressonância profunda da missa e os ritmos de profundas conseqüências dos cantos.

Os monges levantavam de madrugada para entoar suas primeiras orações. O ingresso na vida monacal implicava se despedir para sempre de uma noite completa de sono, já que duas horas depois da meia-noite era o momento fixado para o ofício noturno. Muitos prédios monásticos tinham escadas que desciam direto do dormitório para a capela, a fim de atenuar o sofrimento de passar do sono para o serviço de orações no frio e escuridão de uma noite de inverno. Esse serviço na madrugada era chamado *Matinas*. Depois, a comunidade voltava para a cama e tornava a dormir, por três horas, antes de se levantar de vez às seis horas, para cantar a *Prima*. Cinco outras horas de orações pontuavam o dia: *Terça*, *Sexta*, *Nona*, *Vésperas* e *Complina*, que era às sete horas da noite no inverno e às oito no verão. Depois disso, todos iam para a cama.

O estudo e a contemplação eram os temas que orientavam a vida monacal entre as horas de orações. Cada refeitório tinha um púlpito ou atril de onde um dos irmãos lia, enquanto seus companheiros comiam em silêncio. Um documento da época descreve os sinais e a linguagem de sinais pelos quais os monges aprendiam a se comunicar, na ausência de fala. São Benedito insistia em sua Norma que os monges deviam se manter em silêncio pela maior parte possível do dia e da noite. Mas também determinou que podiam se comunicar através de sinais. Os detalhes desses sinais chegaram até nós através do manual anglo-saxão da linguagem de sinais monástica da catedral de Canterbury.

O manual foi quase com certeza produzido na mesma oficina de escrita de Canterbury em que se fez o *Calendário de Trabalho* de Julius, mais ou menos na mesma ocasião. Oferece algumas

percepções profundas não apenas da vida dos monges, mas também de muitos detalhes práticos da existência cotidiana nos anos em torno de 1000.⁷⁵ Gostaria de beber um pouco de vinho? "Faça um sinal com dois dedos, como se estivesse tirando a tampa de um tonei." Passe a manteiga? "Esfregue três dedos no lado interno de sua mão." Talvez um pouco de pimenta-do-reino? "Bata com um dedo indicador no outro." Sal? "Sacuda as mãos com três dedos juntos, como se estivesse salgando alguma coisa." Ao se ler a descrição dos 127 sinais diferentes em *Monasteriales Indicia*, tem-se a impressão de que a hora das refeições num refeitório beneditino era como uma reunião de técnicos de beisebol, todos gesticulando furiosamente, apertando o lóbulo da orelha, esfregando dois dedos unidos pelos lados do nariz, passando as mãos pela barriga.

Tomamos conhecimento da hierarquia no mosteiro. O sinal para o abade era encostar dois dedos na cabeça e pegar uma mecha de cabelos... o que talvez indicasse que por baixo da calvície da tonsura os monges deixassem os cabelos bem compridos. O intendente era indicado por um único dedo indicador levantado por cima da cabeça, o sinal do boi, porque ele era o provedor de alimentos. O responsável pela adega era indicado por um movimento circular da mão e pulso, como se estivesse destrancando uma porta com uma chave. O sinal para o "mestre dos meninos" (levar dois dedos aos olhos e erguer o dedo mínimo) lembra-nos que os mosteiros eram estabelecimentos educacionais, sendo as únicas escolas na Inglaterra no ano 1000. Também sugere como o douto e jocoso Aelfric de Cerne Abbas teria se referido a seus colegas. Os sinais 47 e 48, no entanto, também oferecem um lembrete da maneira como Aelfric manteria a disciplina na sala de aula. Essas duas instruções explicam como pedir a vara de castigo ou o açoite, de acordo com a determinação de São Benedito: "O abade deve coibir os mal comportados, os orgulhosos e desobedientes, com golpes e a punição do corpo."

Mais de meia dúzia de gestos para velas, círios, lanternas e lampiões testemunham um mundo iluminado apenas pelo fogo. Os sinais para uma colcha e um travesseiro ("Esfregue o sinal de uma pena dentro de sua mão esquerda") sugere que os monges dormiam com bastante conforto entre os momentos de orações. Já os sinais 91 e 92 deixam claro que os irmãos punham chinelos e meias quando se levantavam de noite e desciam para a capela. O sinal 102

("Esfregue as duas mãos para cima na coxa") nos diz que os irmãos usavam ceroulas sob os hábitos beneditinos pretos.

No final do manual há dois sinais que se referem ao rei e à esposa do rei. Pode parecer estranho que monges do século X recebessem instruções sobre a maneira de erguer as mãos sobre a cabeça, com todos os dedos estendidos, na forma de uma coroa (sinal 118 — rei), ou esfregar o couro cabeludo num movimento circular, afagando depois o topo da cabeça (sinal 119 — rainha). Mas esses sinais seculares ajudam a explicar por que os mosteiros ingleses eram tão prósperos no ano 1000. Toda a geração de estabelecimentos monásticos inspirados por Santo Agostinho e seus sucessores no século VI foi destruída pelos vikings nas ondas de ataques, finalmente contidos e revertidos pelo rei Alfred, na década de 890. Foi somente no século X que houve um renascimento dos mosteiros. Isso foi realizado através de uma aliança entre a Igreja e a Coroa, simbolizada pela solene união do rei Edgar em sua coroação, em 973. Foi a primeira vez que o rei de toda a Inglaterra era abençoado com esse sacramento, zelosamente reservado pela igreja romana. Os reis da Escócia tiveram de esperar por isso até 1331. A coroação de Edgar elevou os reis ingleses ao nível de imperadores. Também iniciou o *status* místico e às vezes quase sacerdotal que a família real inglesa assumiria nos séculos subseqüentes.

Era uma aliança de benefícios mútuos, já que Edgar queria afirmar sua autoridade real, enquanto Dunstan de Canterbury e outros clérigos de mentalidade reformista estavam ansiosos em revitalizar a igreja. Os bispos introduziram orações pela família real em suas liturgias, enquanto a família real transferia terras para a Igreja. Com isso, aumentou a grandiosidade das catedrais inglesas, ao mesmo tempo em que se tornou possível o restabelecimento de uma rede de instituições monásticas por todo o país. Todos os mosteiros da Inglaterra no ano 1000 haviam sido fundados ou refundados nos cinquenta anos anteriores. A Coroa e a Igreja tinham um interesse comum no fortalecimento do respeito nacional pelas instituições de autoridade. Os mosteiros foram o fator crucial na promoção do ingrediente secreto de Alfred para o sucesso nacional: os monges disseminavam o conhecimento por meio de suas escolas, e também ampliavam seu conhecimento por meio do monopólio efetivo da palavra escrita.

No *scriptorium*, a oficina de escrita de cada mosteiro, os irmãos mergulhavam as penas de ganso nos recipientes de ácido colorido e

se inclinavam sobre suas transcrições de manuscritos antigos. A estante de escrita de cada monge continha dois livros, o manuscrito em que trabalhava e o volume que copiava, pois aprender no ano 1000 era copiar. Você não inovava. Aprendia por absorver e reproduzir a sabedoria de autoridades anteriores.

Não parece criativa, pelos padrões modernos, essa incessante reprodução de autoridades antigas, mas os mosteiros do primeiro milênio estavam criando a Arca de Noé cultural em que se baseia nossa compreensão do passado. É graças a essas cópias — e aos documentos preservados pelos árabes que controlavam o Mediterrâneo — que podemos hoje ler as palavras de Platão, Aristóteles ou Júlio César. E através das cópias também surgiu, pouco a pouco, o que hoje descreveríamos como criatividade.

O Calendário de Trabalho de Julius é um exemplo disso. Há calendários similares do final dos tempos romanos em que cada mês é ilustrado com uma tarefa prática específica. O texto do calendário de Julius pode ser remontado a um século antes, no reinado do rei Athelstan, tio-avô de Ethelred. Em algum momento na década de 920, o rei, que herdara o amor de seu avô Alfred pelos livros, encomendou uma cópia de um lindo Saltério — um livro ilustrado dos salmos — que chegara à biblioteca real da diocese de Liège, nos Países Baixos.

Athelstan parece ter tomado a decisão de ampliar e personalizar esse belo volume de Liège com um calendário dos santos. Surgiu assim a mais antiga versão sobrevivente das 365 linhas de versos que mais tarde foram incluídos no Calendário de Trabalho de Julius. A lista dos santos de cada dia de Athelstan não tinha ilustrações. Já a lista de dias de festa incluía uma quantidade extraordinária de santos associados ao Pas de Calais, a área rural há muito povoada no outro lado do canal da Mancha. Isso sugeria que o poema em si, ou o escriba que o compusera, vinha do norte da França.⁷⁶ É verdade que a lista também incluía uma grande quantidade de santos e dias de festa irlandeses. Isso aumentava a confusão — pelo menos para a moderna maneira de pensar —, mas era a essência do sistema medieval de aprendizado através do precedente e acréscimo: um bonito livro de salmos flamengo, embelezado com uma lista de santos do norte da França, convertida para versos, talvez por um monge irlandês, ou um escriba que procurava por uma lista de santos da Irlanda... e tudo sob o patrocínio de um rei inglês em Winchester.

Cem anos depois, o Calendário de Trabalho de Julius levou o processo de elaboração um estágio à frente. Talvez Canterbury tenha tomado emprestado o Saltério de Athelstan, com suas 365 linhas de versos, sob um dos muitos esquemas de intercâmbio, pelos quais os mosteiros restabelecidos da Inglaterra se emprestavam textos, a fim de reconstituir suas bibliotecas. Sabemos que Canterbury possuía naqueles anos outro lindo documento ilustrado, o chamado Saltério de Utrecht, criado por volta de 830 na diocese de Rheims, no norte da França, e caracterizado por desenhos vividos e quase impressionistas da vida cotidiana. Esses desenhos realistas extraíam seu tema de ilustrações antigas. Versões posteriores atualizaram o protótipo clássico, com detalhes contemporâneos, como as mais novas armas e implementos agrícolas, além das modas recentes no vestuário.

A novidade dos desenhos no Saltério de Utrecht foi obviamente a inspiração da linha dramática dos desenhos que mostram a vida cotidiana no Calendário de Trabalho de Julius. Podemos imaginar o escriba de Canterbury com o antigo catálogo de santos de Winchester em sua estante de cópia. O que ele podia fazer para realçar a lista e torná-la específica de Canterbury, a sede da igreja inglesa? Em algum lugar da oficina de escrita podiam-se encontrar as folhas de pergaminho do Saltério de Utrecht. Portanto, é bem possível que o escriba também tivesse à sua vista os desenhos ali, num estilo atraente e moderno. Lá fora, nos campos do sul da Inglaterra, onde ele devia trabalhar regularmente, como parte de seus deveres monacais, estavam os colhedores de feno usando suas foices. Assim, o escriba começou a desenhar, captando a fadiga e o suor na testa do lavrador calvo, fazendo uma pausa para respirar no lado direito do desenho de julho. No lado oposto, outro lavrador pára e afia sua foice com a pedra de amolar. Admiramos hoje os desenhos desse artista talentoso e desconhecido pelo que nos dizem sobre a vida na Inglaterra no início do século XI. Mas é bem provável que os outros escribas e monges da época tenham elogiado as ilustrações por manter suas raízes na tradição do original de Utrecht, com todos os seus precedentes clássicos.

A glória dos manuscritos medievais está nos desenhos, apropriadamente chamados iluminuras. O senso de cor e inventividade sinuosa lança luz ao que de outra forma pareceria escuro e rotineiro... e sem dúvida é o que acontece com os desenhos no Calendário de

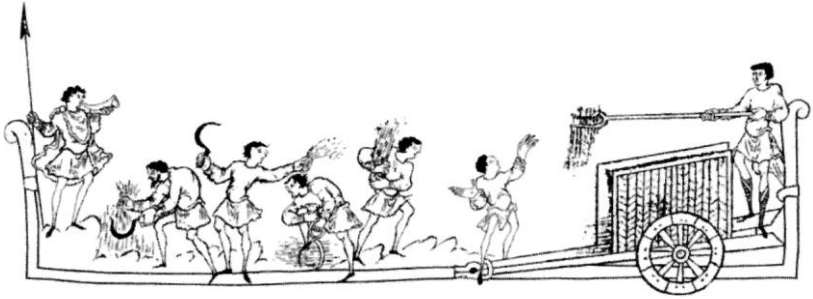
Trabalho de Julius, que não têm qualquer acréscimo de cor. Sua vida deriva do vigor das linhas e da nitidez da observação. Olhe para o desenho do mês de maio, com o cordeiro mamando na mãe. Na encosta ao lado da ovelha há dois pastores conversando. Um deles coça a cabeça. Trata-se de um relato com base na observação direta. O desenho do mês de fevereiro mostra o podador na árvore da esquerda cortando de baixo *para cima*, o que era a maneira correta de podar um galho pesado.

Para os olhos modernos, os desenhos são seculares. Não há halos nem cruzes. Não há absolutamente nada de espiritual neles. As palavras no calendário podem se elevar para o céu, mas os desenhos focalizam o homem de uma maneira profundamente humanista... e do grupo que, na sua maior parte, ocupava as posições mais humildes e menos privilegiadas da sociedade.

Deve-se presumir que o monge que ilustrou o Calendário de Trabalho de Julius com tanto interesse e compaixão era um crente. *Todo mundo* acreditava em alguma coisa no ano 1000... especialmente os pagãos e aqueles que a Igreja condenava como hereges. O pecado da heresia era acreditar na coisa errada. Mas o observador moderno pode perceber uma mudança de ênfase nessas labutas mensais muito humanas. Há alguma coisa da imparcialidade agnóstica que haveria de alterar a natureza inquestionável do pensamento medieval durante os quinhentos anos subseqüentes. Nesse documento antigo e tradicional podemos perceber os primórdios da especulação e espírito cético que levariam a Idade Média ao clímax da Renascença, além de inspirarem as eras da exploração e ciência

.

AGOSTO



REMÉDIOS

PRIMEIRO DE AGOSTO, DIA DE LAMMAS, É UM DOS mais antigos festivais rurais da Inglaterra. A Julieta de Shakespeare tinha seu aniversário comemorado "na noite da véspera de Lammas". Até hoje, Lammas é um dos dias iniciais de trimestre no ano financeiro da Escócia. Lammas dá a impressão de ter sua origem em alguma espécie de festival religioso, o nome derivando de *lamb* (cordeiro) e *mass* (missa). Na verdade, porém, sua origem se encontra no ciclo anual anglo-saxão de lavoura e sobrevivência. Lammas era *hlaef-maesse*, a missão do pão, o dia em que terminava o hiato da fome e se podia produzir o primeiro pão da nova colheita. "Devo agüentar até Lammas, quando espero ter a colheita em meu celeiro", declarou Piers Plowman. "Poderei ter então o tipo de refeição que aprecio."⁷⁷

O desenho do Calendário de Trabalho de Julius para agosto deixa claro que a colheita para a missa do pão era uma atividade que envolvia toda a comunidade. Nada menos que sete lavradores, mais do que em qualquer outro desenho no ciclo, fazem a colheita juntos, manejando as foices, cortando o trigo, juntando em feixes, carregando uma carroça Saxônia. "Dez horas de escuridão, quatorze horas de luz do dia", registrou a contagem de horas para agosto. Havia uma urgência inegável em cada hora de trabalho do mês, já que a colheita do trigo era o fulcro da sobrevivência. Mais do que a carne, o leite ou qualquer outro tipo de vegetal, o pão era a base da sobrevivência para as pessoas no ano 1000. "Torno forte o coração das pessoas", gabou-se o "Padeiro" no *Colloquy* de Aelfric. "Sou o vigor dos homens."⁷⁸

O pão dos primeiros tempos da Idade Média era redondo, tosco e achatado pelos padrões modernos. Mas não era cozido numa chapa

de metal, com a textura do pão árabe ou do *chapati* indiano de hoje. O glúten natural no pão de trigo era um agente de "crescimento", que criava mais ar do que o pão feito com centeio ou cevada. Mas é bem provável que já estivesse velho e duro quando a maioria das pessoas o comia, já que fora das cidades e mosteiros havia bem poucos padeiros especializados produzindo pão fresco todos os dias. Os habitantes dos campos deviam comer normalmente um pão que já tinha uma semana ou mais de fabricado. Amoleciam a casca ao mergulhá-la numa sopa de cereais e legumes, quase com a consistência de mingau. Era esse o prato básico, simples mas saudável, da dieta do inglês. Na Europa Central, os camponeses comiam pão de centeio, mas na Inglaterra o trigo era o cereal preferido, sendo a cevada considerada a segunda melhor opção. Os santos demonstravam sua humildade ao comerem pão de cevada. Uma hagiografia relata como o imperador Juliano ofendeu-se quando São Basílio lhe ofereceu um pão de cevada. "A cevada só serve para cavalos", declarou o imperador, indignado, oferecendo em resposta ao santo uma porção de capim.⁷⁹

O cereal era moído para virar farinha num dos moinhos de água recém-construídos. Quando os normandos promoveram seu inventário do Domesday, em 1086, fazendo um levantamento de tudo que havia na terra conquistada, descobriram que a Inglaterra contava com 5.624 moinhos de água, mais ou menos um para cada aldeia e povoado. Muitos já deviam estar em operação no ano 1000. O moinho, como os bois do arado, era um elemento comunitário que a aldeia operava em conjunto, acrescentando sofisticação à economia. Era também mais um incentivo para que as pessoas usassem dinheiro. As rodas do moinho eram em geral feitas de carvalho, as rodas da engrenagem interna de olmo, a força transmitida através de um eixo sólido de carvalho, tendo cintas de ferro como reforço. Com um giro lento, o antigo moinho de água medieval tinha a potência equivalente a uma moderna bicicleta a motor ou uma pequena motocicleta.⁸⁰

Agosto era o mês em que as moscas começavam a se tornar um problema, zumbindo em torno dos montes de estrume nos cantos de cada terreiro de fazenda, pairando sobre as fossas abertas de dejetos humanos que ficavam fora de cada casa. Se o final do século XX é impregnado pelo vapor de gasolina dos canos de descarga, o ano 1000 era perfumado por merda. Esterco de cavalo, estrume de

boi, bosta de porco e ovelha, cocô de galinha: cada variedade de excremento tinha seu cheiro característico, da fragrância adocicada do animal que só comia vegetais ao odor azedo dos que processavam carne, exigindo que o nariz humano do ano 1000 funcionasse como um órgão muito menos afetado do que o nosso hoje.

Há modernos arqueólogos especializados que estudam intensamente as excreções, vasculhando entre as fossas de povoados antigos para descobrir detalhes fundamentais, como o fato de que o papel higiênico do ano 1000 era musgo. "Coprólito" é o nome que eles dão ao humilde cocô, de *copros*, a palavra grega para estrume. Graças a seus conhecimentos sobre o tamanho e forma de suas presas ressequidas e fossilizadas, descobriram que o melhor amigo do inglês medieval era seu cão, cujos excrementos variaram pouco na aparência ao longo de mil anos. As fezes humanas, por outro lado, não sobreviveram muitas vezes de uma forma igualmente coesa, sugerindo que os intestinos do ano 1000 eram muito mais sujeitos a desarranjos do que hoje. Infecções intestinais crônicas e uma dieta com um alto teor de vegetais são razões prováveis para isso, embora a presença nas fossas de fragmentos de ossos animais e de espinhas de aparência dolorosa de arenque, enguia e esgana-gato sugira que nossos ancestrais eram bem providos de proteínas. A frequência de caroços de maçã, ameixa e cereja também sugere que os homens e as mulheres medievais, em matéria de frutas, não deixavam escapar nada.

A posição das fossas do primeiro milênio demonstra de forma inequívoca como as pessoas não entendiam as regras básicas de higiene e saúde. Plantas que sobreviveram de um período posterior mostram que os mosteiros passaram a determinar uma localização sensata e sanitária para seu *necessarium*, a contribuição latina para a lista de eufemismos históricos do quartinho. Os monges tomavam o cuidado de situar suas latrinas por cima de água corrente. Escolhiam posições para seus mosteiros que lhes proporcionavam acesso a água potável não poluída dessa forma. As plantas para o mosteiro francês de Cluny apresentam uma ala de hóspedes com setenta camas e uma latrina adjacente com setenta compartimentos separados.⁸¹

Mas poucas outras pessoas eram tão meticulosas. Tanto nas aldeias como nas cidades, a latrina fica junto ou perto da porta dos fundos da maioria das casas, sem qualquer preocupação com o

cheiro... nem com as moscas, que tinham tão pouca distância a percorrer dos excrementos para os alimentos que as pessoas comiam. Não havia noção de como as doenças podem ser disseminadas pelas bactérias. As pessoas consideravam como um fato normal que seus corpos oferecessem hospitalidade para parasitas, que variavam dos tricuros relativamente inofensivos à sinistra solitária, que pode alcançar trinta centímetros de comprimento. A solitária pode sair inesperadamente por qualquer orifício, inclusive — o mais alarmante — pelos cantos dos olhos da pessoa.

A pulga era um parasita com o qual as pessoas se mostravam menos tolerantes, já que picava o anfitrião de uma maneira bastante desagradável. Os remédios para lidar com esse estorvo eram muito solicitados. Um levantamento da gama de opções no final do período medieval revela que uma das indicações era trancar os trajes infestados de pulgas dentro de uma arca hermeticamente fechada. Outro método era cobrir uma cama infestada de pulgas com peles de ovelha. Assim, quando as pulgas saltassem, haveriam de se destacar escuras contra o fundo branco.⁸² A esta altura, pode-se presumir, o caçador de pulgas medieval avançaria com um porrete, um pano pesado ou o equivalente de um jornal enrolado, a fim de executar a sentença de morte da pulga.

O remédio moderno para pulgas e outros insetos — uma boa lavagem em todo o corpo — não combinava com a mentalidade medieval. Os regulamentos de um mosteiro europeu do século X prescreviam cinco banhos para cada monge por ano, mas isso era fanatismo pelos padrões anglo-saxões de higiene pessoal. Um comentarista posterior escarneceu da prática dinamarquesa de tomar banho e escovar os cabelos todos os sábados, mas admitiu que isso parecia aumentar as chances dinamarquesas com as mulheres.⁸³ Teto de colmo, paredes de material orgânico e chão de terra batida da casa medieval ofereciam incontáveis refúgios para insetos e bactérias. Não havia as modernas "superfícies funcionais" que pudessem ser lavadas de uma maneira anti-séptica. Na verdade, não havia o menor conceito de assepsia. Se algum alimento caía de seu prato, o conselho de um documento contemporâneo era pegá-lo, fazer o sinal-da-cruz por cima, temperá-lo bem... e depois comê-lo.⁸⁴

O sinal-da-cruz era o anti-séptico do ano 1000. A pessoa que deixava a comida cair no chão sabia que corria algum risco quando a pegava e punha na boca, mas confiava em sua fé. Hoje temos fé na

medicina moderna, embora poucos possam alegar muito conhecimento pessoal sobre a maneira como de fato funciona. Também sabemos que a capacidade de combater as grandes doenças pode ser influenciada pelo que chamamos "um estado de espírito positivo"... o que a Idade Média experimentava como fé.

A comparação pode não parecer muito procedente. Higiene é higiene, e não há quantidade de pensamento positivo que possa poupá-lo das consequências de comer carne contaminada. Também não precisamos conhecer os detalhes técnicos da medicina moderna, pode-se argumentar, para extrair a lição óbvia dos números de doentes que se entregam aos cuidados da medicina moderna e são curados. Mas o crente no ano 1000 podia apontar para a Bíblia, que relacionava nada menos de trinta e cinco milagres em que Jesus derrotava a doença através do poder da fé. Cada crente sabia que os santos mantinham viva essa tradição milagrosa. Aelfric descreveu a prova concreta do toque curador de St. Swithin em Winchester, na proximidade do milênio: "Havia muletas enfileiradas por toda a velha igreja (de uma extremidade a outra, em todas as paredes), assim como bancos de aleijados que haviam sido curados ali. Nem mesmo assim conseguiam pôr a metade de pé."⁸⁵

As pessoas podiam não ter noção da moderna teoria dos germes no ano 1000, mas tinham plena consciência do contágio das doenças. A lepra era uma doença européia naquela época. Os séculos XI e XII testemunharam um dramático crescimento na construção de hospitais de caridade para leprosos, em parte para cuidar das vítimas, mas principalmente para confiná-las a uma distância segura do resto da população. A história registra como a igreja romana em determinado momento se tornou desconfiada da dissecação humana e tentou proibir as aulas de anatomia, mas isso foi uma ocorrência posterior. No ano 1000, o funcionamento interno do corpo fora estudado e era bem compreendido, da mesma forma como as pessoas sabiam que o mundo não era plano. Um manuscrito muito copiado do século IX, agora na Biblioteca Real de Bruxelas, mostra treze desenhos anatômicos, ilustrando as posições que o feto podia assumir no útero.⁸⁶ Devem ter sido baseados em observações obstétricas práticas, da mesma forma que a seguinte descrição do desenvolvimento fetal, encontrada num documento anglo-saxão do século XI na biblioteca de Canterbury: "Na sexta semana o cérebro é coberto por uma membrana externa; no segundo mês as veias se

formam... e o sangue flui então para os pés e as mãos, ele se mostra articulado nos braços e pernas, tem um desenvolvimento geral; no terceiro mês ele é um homem, exceto pela alma"⁸⁷ — o que significava, podemos presumir, que o aborto não tinha conotações éticas antes do quarto mês.

As escavações em cemitérios de diversos pontos da Inglaterra revelaram até agora treze crânios anglo-saxões perfurados de uma maneira meticulosa por brocas; nove apresentam sinais de subsequente regeneração óssea, o que afasta a possibilidade de que essa trepanação fosse parte de algum ritual sacrificial ou póstumo. A trepanação é realizada hoje como um tratamento cirúrgico após lesões na cabeça. Perfurar o crânio pode aliviar a pressão criada por um cérebro lesionado e inchado. Talvez tenha sido esse o motivo para que esses treze anglo-saxões fossem submetidos a essa terapia dramática, mas relativamente segura. O médico moderno empunha o equivalente cirúrgico de uma furadeira Black & Decker para perfurar o crânio. No ano 1000, o trepanador tinha à sua disposição a broca semimecânica que era usada pelos carpinteiros e pedreiros da época. Conhecida dos romanos, essa broca tinha uma ponta de metal afiada, que era movimentada de um lado para outro por uma tira enrolada em torno de um cabo de madeira. Portanto, podemos presumir que o anglo-saxão trepanado, mesmo na ausência de anestesia, não experimentava um desconforto maior do procedimento.

Não devemos, porém, levar mais adiante a analogia com a medicina moderna, pois é mínima a probabilidade de que a trepanação medieval fosse realizada com base em qualquer diagnóstico físico que reconheceríamos hoje. Mais provavelmente era executada como um exorcismo para libertar a alma do que era considerado como uma aflição de maus espíritos. Demônios, elfos e espíritos eram o outro lado de uma medicina em que os sofrendores acreditavam que podiam melhorar através da intervenção divina. Afinal, se era Deus quem proporcionava a cura para as doenças, era lógico presumir que o Diabo causava o problema em primeiro lugar.

O anglo-saxão identificava os elfos como os ajudantes do Diabo na mortificação do corpo. As pessoas falavam em "tomado por elfos" como falaríamos hoje em germes, explicando a infecção como decorrência de uma flecha ou dardo invisível disparado por algum duende maligno... e a lógica era que uma flecha devia desempenhar um papel na cura. Se você sofria de uma pontada no flanco ou de

uma dor intensa, um remédio alemão recomendado era a colocação de uma ponta de flecha ou alguma outra peça de metal na área dolorida, para depois pronunciar o seguinte encantamento: "Saia, verme, com nove pequenos vermes, saia do tutano para osso, do osso para a carne, da carne para a pele, da pele para esta flecha."⁸⁸ E para o caso da invocação parecer pagã, o sofredor recebia a instrução de acrescentar: "Que assim seja, Senhor."

Um encantamento inglês contra um caroço na pele, um quisto, tratava-o como se fosse uma pessoa... e como se pertencesse a um clã de caroços relacionados, que se estendiam das pequenas protuberâncias no corpo às colinas no horizonte. O caroço incômodo em seu corpo podia agora fazer o favor de arrumar as malas e voltar para junto de sua família nas montanhas?

*Quisto, Quisto, pequeno Quisto,
aqui você não deve construir, aqui não tem abrigo,
mas deve ir para o norte, para a colina próxima,
onde você tem, pobre coitado, um irmão.
Ele estenderá uma folha sobre sua cabeça.
Sob a pata do lobo, sob a asa da águia,
sob a garra da águia, que você possa declinar!
Encolha como um carvão no fogo
Murche como sujeira na parede!
Desapareça como água no balde!
Torne-se tão pequeno quanto um grão de linhaça,
e muito menor que um osso de verme e tão pequeno
que finalmente não será mais nada.*

Os encantamentos anglo-saxões eram literalmente encantadores. Aduladores bem-humorados exibiam uma cordialidade e uma empatia com a natureza que podiam proporcionar aos inválidos dos séculos X e XI o maior de todos os impulsos curadores. A medicina vitoriosa tem vários componentes. Pode-se encontrar todos expostos num documento do século X de Winchester conhecido como "Livro das Sanguessugas de Bald". Era o "Livro das Sanguessugas" por causa da confiança medieval nas sanguessugas para propósitos medicinais. Bald era o nome do dono, afora isso desconhecido, escrito na folha de rosto.

O manuscrito indica que era um manual de uso constante. Com seus desenhos práticos e comentários em outra letra, quase que

podia ser o Livro de Casos do dr. Bald. Os remédios eram convenientemente relacionados numa ordem decrescente da cabeça aos pés. Uma cura para a dor de cabeça consistia em amarrar o talo de uma erva chamada *crosswort* na cabeça com um lenço vermelho. As frieiras deviam ser tratadas com uma mistura de ovos, vinho e raiz de erva-doce. Bem no meio dos remédios, junto com outros cuidados para a área da virilha, encontra-se o Viagra do ano 1000: a erva agrimônia, de folhas amarelas. Fervida no leite, garantia-se que a agrimônia excitava o homem que tinha "insuficiência de virilidade"... mas, se fervida na cerveja galesa, teria exatamente o efeito contrário.

O remédio de Bald para herpes revelava o conhecimento anglo-saxão de árvores, já que a poção envolvia cascas de nada menos do que quinze variedades diferentes: faia preta, macieira, bordo, sabugueiro, salgueiro, salgueiro chorão, murta, olmo, carvalho, abrunheiro, bétula, oliveira, corniso, freixo e freixo da montanha. A presença de árvores mediterrâneas como a oliveira refletia a dependência do Livro das Sanguessugas de autoridades clássicas, como Plínio. Sugere também que a casca de oliveira e outras panacéias exóticas deviam ser negociadas na Lombardia e transportadas nos alforjes ingleses, junto com a pimenta-do-reino e outras especiarias.

Diversos ingredientes no Livro das Sanguessugas possuíam qualidades alucinógenas, sugerindo que as poções eram idealizadas como paliativos para fazer com que o paciente se sentisse eufórico, sem qualquer efeito curativo, uma espécie de morfina medieval, como a "pele de rã" citada na famosa infusão das feiticeiras de Shakespeare em *Macbeth*, que comprovadamente possui efeitos psicodélicos. *Macbeth*, a peça, foi escrita no início do século XVII, mas o rei Macbeth foi um personagem da vida real, nascido por volta do ano 1000, cuja esposa recebeu nas crônicas o nome de Gruoc. Macbeth reinou na Escócia de 1040 a 1057, aproximadamente. Passou grande parte de seu reinado mantendo os vikings fora da Escócia, com mais sucesso do que Ethelred conseguiu no sul.

Várias receitas do Livro das Sanguessugas teriam sido um crédito para as feiticeiras de *Macbeth*. Uma picada de aranha podia ser curada com caracóis pretos fritos e esmagados; a dor no lombo reagia à fumaça de pêlo de bode em chamas; já a calvície podia ser eliminada com um unguento feito com as cinzas de abelhas queimadas. A pesquisa moderna não tem sido capaz de confirmar se essas receitas continham ingredientes de qualquer significado medicinal. Mas sua

bizarra raridade devia impressionar os curandeiros e os pacientes, da mesma forma que chifre de rinoceronte e feto de cordeiro fascinam muitas pessoas ainda hoje. Mas o Livro das Sanguessugas não era totalmente desprovido de conhecimentos médicos. Explicava o funcionamento do fígado no estilo de um manual moderno: "Põe para fora as impurezas que existem e coleta o sangue puro e o envia através de quatro artérias, principalmente para o coração."

A prescrição de Bald para disenteria demonstrava uma combinação equilibrada de remédio popular, convicção religiosa e cuidado terno... que provavelmente constituía o ingrediente mais eficaz na receita: "Procure uma sarça que esteja com as duas extremidades na terra, escolha a raiz mais nova, escave, corte nove lascas na sua mão esquerda, depois entoe três vezes *Miserere mei deus* (Salmo 56) e nove vezes o Padre-Nosso. Pegue depois artemísia e perpétua e ferva as três, em vários tipos de leite, até ficarem vermelhas. Ele deve beber uma tigela com essa mistura, jejuando durante a noite, antes de ingerir outro alimento. Se mais for necessário, faça tudo de novo; se ainda precisar, repita pela terceira vez. Não será necessário fazer isso com mais frequência."

A teoria médica na qual o Livro das Sanguessugas e grande parte da medicina anglo-saxônia baseavam-se era o antigo conceito clássico dos quatro fluidos do corpo — sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Considerava-se que faziam um paralelo com os elementos naturais de fogo, água, ar e terra. Combinados no corpo, em proporções variadas, criavam diversos estados emocionais e físicos, ou "humores": "Quando o sangue predomina", explicou Beda, "deixa as pessoas alegres e contentes, sociáveis, rindo e falando muito. A bile amarela torna as pessoas magras, embora comendo muito, ágeis, ousadas, iradas. A bile negra as deixa sérias, com uma disposição determinada, até mesmo tristes. A fleuma as deixa lerdas, sonolentas, esquecidas."⁸⁹

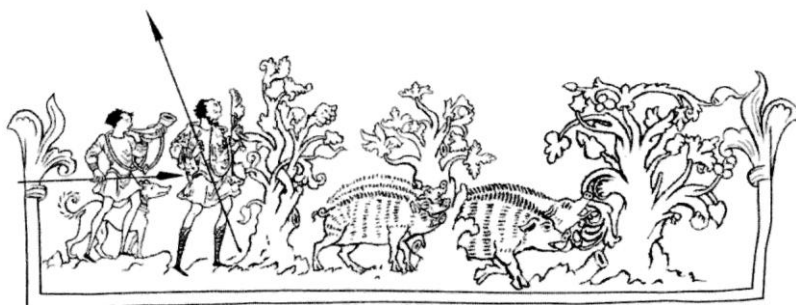
A alteração desses humores era sazonal. "A saída do sangue deve ser evitada por duas semanas antes do Lammas," ensinava o Livro das Sanguessugas, "e também por trinta e cinco dias depois, porque então todas as coisas venenosas entram e ferem demais os homens." Nessas épocas do ano, aconselhava o manual, o inglês não deveria sair ao sol do meio-dia, mas sim seguir o exemplo dos romanos e das raças meridionais, que construíam casas com grossas paredes de barro, que os abrigavam do "calor e veneno do ar".⁹⁰

A teoria dos quatro humores atribuía febres e muitos outros distúrbios a um excessivo acúmulo de sangue no corpo. A remoção desse "sangue ruim" desempenhava um papel da maior importância nas práticas médicas do ano 1000. A aplicação de sanguessugas e o corte de veias eram o tratamento padronizado para condições que variavam de doenças que ameaçavam a vida a simples sentimentos. É difícil entender a justificativa para esse tratamento horrível e debilitante, que enfraquecia o corpo além de qualquer tônico psicológico distorcido que o sofrimento poderia ter inspirado. Os médicos modernos encaram de forma benigna alguns dos remédios e princípios no Livro das Sanguessugas de Bald, mas nenhum tem um comentário favorável às sangrias... nem para a cauterização, o outro método medieval de equilibrar os humores.

A cauterização envolvia a aplicação de ferros em brasa em diferentes partes do corpo, numa versão extremamente dolorosa da acupuntura. Um manuscrito italiano do século IX detalha os pontos do corpo em que o ferro em brasa deve ser aplicado. Mostra o médico segurando uma taça, numa evidente promessa de alívio da dor. É a mais antiga ilustração europeia conhecida de um procedimento médico. A presença de uma tentativa de anestésico é confortadora. Mas a poção — que devia ser uma bebida de forte efeito sonífero ou seu oposto, um estimulante ou alucinógeno — podia apenas atenuar a agonia. Tudo parece desesperadamente primitivo para nós, mas as técnicas modernas, pelas quais microcâmeras e lasers permitem que os cirurgiões penetrem no corpo através das menores incisões, já oferecem alguma indicação de como as futuras gerações talvez considerem as operações de Vesícula e as cicatrizes de apêndice do século XX.

A medida que estudamos toda a gama de remédios e tratamentos médicos disponíveis aos doentes no ano 1000, dificilmente podemos culpar o paciente que se esquivava da intervenção humana, decidindo deixar que a natureza seguisse seu curso. Como Aelfric sabiamente expressou: "Aquele que está doente deve rezar por sua saúde para o Senhor Deus, e suportar a dor com paciência."⁹¹

SETEMBRO



PAGÃOS E *PANNAGE*

COM UM TOQUE ESTIMULANTE DA TROMPA, esses dois aventureiros anglo-saxões seguem para o bosque em busca de caça grande... embora, a julgar pelos porcos pastando no mato baixo, os caçadores talvez não cheguem a fazer uma caçada de maior importância. Havia alguns javalis selvagens nas florestas da Inglaterra no ano 1000, assim como uns poucos lobos sobreviventes, mas muito mais numerosas eram as manadas de porcos que vagueavam livres pelas matas. Os aldeões começavam a recolher os porcos quando setembro anunciava a aproximação do inverno. É bem possível que esses caçadores de javalis com suas lanças compridas e um galgo voltassem para casa apenas com a mais lenta e trôpega porca velha da manada.

Depois de concluída a colheita, nos tempos medievais mais antigos, cada lavrador e chefe de família tinha de calcular a equação básica da sobrevivência através do inverno. Quanto tempo a despensa duraria, que animais pareciam ter a possibilidade de consumir mais forragem do que sua expectativa de vida podia justificar? Setembro era o mês em que os animais doentes e velhos eram convertidos em salames e pastelões. O porco era um fator crucial nesses cálculos. A colheita nos campos cultivados era acompanhada pelo recolhimento de "bolotas", não apenas as glandes de carvalho, mas também pinhas, castanhas e outros frutos da floresta. O outono era a época em que os porcos ficavam mais gordos.

Podia-se aproveitar virtualmente todas as partes do porco medieval, o qual, vagueando solto e muitas vezes acasalando com seus primos selvagens, tinha uma nítida aparência de javali. O focinho era comprido e agressivo, as pernas eram longas. Pendurado de

uma viga por um mês ou mais, os flancos de toucinho se beneficiavam da fumaça que pairava intensa na atmosfera densa e pungente da casa anglo-saxônia. O revestimento do estômago proporcionava a tripa. Os intestinos ofereciam a pele para salames, enquanto o sangue era o principal ingrediente para o *black pudding*, um salame escuro feito com sangue de porco e pedaços de toucinho. Carneiros, bois e aves davam múltiplas contribuições para a economia de uma família rural, mas o onívoro porco era o mais versátil e o que dava menos trabalho. *Pannage* era o termo usado para a dieta natural dos porcos que se alimentavam sem depender de seus donos. O valor dos bosques medievais era muitas vezes expresso em termos de quantos porcos um determinado setor era capaz de sustentar.

Os animais de criação eram bem menores no ano 1000 do que são hoje... e eram também menores do que haviam sido seis séculos antes. Os romanos haviam se empenhado de uma forma sistemática na melhoria de sua produção de carne, com programas de reprodução dos animais relativamente científicos. Mas os anglo-saxões não se preocupavam com isso. Escavações arqueológicas revelam que os ossos de vacas, porcas e ovelhas vão se tornando cada vez menores ao longo dos séculos. Voltam a ficar maiores com a introdução dos princípios de criação econômica no final da Idade Média. Nos anos em torno de 1000, havia necessidade de um grupo de oito bois no arado para preparar as terras virgens para o cultivo. Por volta do século XV, quatro a seis animais mais bem criados eram suficientes⁹² embora isso também refletisse as melhorias na tecnologia do arado.

Os anglo-saxões amavam seus animais. Assim como podiam reconhecer os animais dos vizinhos, também costumavam ter um nome carinhoso para cada criatura em sua família ampliada. Teriam adorado os animais antropomórficos de Walt Disney. Seus poemas sentiam prazer em atribuir características humanas, como determinação e astúcia, aos membros do reino animal. Consideravam-nos companheiros de ocupação de um mundo em que os interesses humanos e animais se misturavam. Os filhos da Mãe Natureza eram todos seus irmãos e irmãs.

Setembro era o mês em que o pomar (*orchard* em inglês) produzia a sua melhor colheita. *Orceard* era uma palavra anglo-saxônia derivada de *Weortyard*, um jardim ou quintal de plantas. O relato

do arcebispo Wulfstan sobre a propriedade bem administrada descreve o enxerto de frutas como uma das tarefas anuais. Outro manuscrito da época indica que as ameixas foram desenvolvidas em Glastonbury pelo enxerto em uma raiz do abrunheiro nativo.⁹³ As comunidades monásticas tinham as melhores condições para trocar enxertos de frutas e mudas de plantas, da mesma maneira como trocavam livros para suas bibliotecas. A abadia de Ely era famosa por seus vinhedos, além de seus pomares e uma estufa em que cultivava diversas variedades de árvores frutíferas.⁹⁴

Macieiras, pereiras, ameixeiras, figueiras, marmeleiros e amoreiras estavam incluídos na planta do jardim para um grande mosteiro projetado, embora nunca chegasse a ser construído, para os missionários irlandeses na margem do lago Constance, na Suíça.⁹⁵ A norma de São Bento para que os monges não consumissem carne foi interpretada pela maioria das comunidades como se referindo a animais de grande porte e quatro patas. Portanto, as aves eram consideradas fora da proibição, assim como os coelhos, que os normandos levaram para a Inglaterra depois de 1066. Mas a dieta monástica ainda tendia a ser não-carnívora, com um elevado conteúdo de laticínios e uma saudável proporção de nozes. Os monges de St. Gall planejavam cultivar castanhas, amêndoas, avelãs e nozes em seu terreno. Também cultivavam cebola, alho-poró, aipo, rabanete, cenoura, alho, cebolinha, pastinaca, repolho, salsa, endro, cerefólio, coentro, papoula e alface.

Esses frutos e hortaliças eram quase que, com certeza, mais saborosos do que seus equivalentes modernos, mas também, como o gado do ano 1000, eram consideravelmente menores. Mesmo quando se desconta um possível murchamento e ressecamento, as pévides e sementes encontradas em sítios arqueológicos ingleses são menores que as atuais... e vários produtos que consideramos corriqueiros em nossa dieta moderna se destacam por sua ausência.

Não havia espinafre. Este só apareceu nas hortas européias quando as sementes foram trazidas pelos Cruzados, no século XII. Brócolis, couve-flor, vagem e couve-de-bruxelas foram desenvolvidos em séculos posteriores, por gerações subsequentes de horticultores. Também não havia batata e tomate. A Europa teve de esperar cinco séculos por isso, até a exploração das Américas. Embora os livros de receitas descrevam *possets* (bebida de leite quente, cerveja e vinho, para curar resfriados) e infusões de ervas, não existia

nenhum dos estimulantes que ainda seriam importados, chá, café e chocolate.

A maior falha dietética pelos padrões modernos era a ausência de qualquer tipo de açúcar. Registros venezianos descrevem um carregamento de cana-de-açúcar chegando a Veneza pela primeira vez em 996, provavelmente da Pérsia ou Egito,⁹⁶ mas o açúcar não foi mais importado para a Europa até o final da Idade Média.⁹⁷ Não dominou o paladar europeu, com sua atração por doces, até o desenvolvimento das plantações de cana no Caribe, no século XVII. Os esqueletos anglo-saxões são notáveis pela ausência de cáries dentárias.

O mel era a principal fonte de doçura no ano 1000. Era tão precioso que quase virou uma moeda corrente na Inglaterra medieval. As pessoas pagavam impostos com mel. Era um dia de sorte quando um enxame de abelhas se instalava em seu telhado de colmo:

*Há um enxame de abelhas lá fora,
Voe para cá, meu pequeno gado,
Em paz abençoada, sob a proteção de Deus,
Venha para o lar seguro e sólido.*

A igreja criou essa oração para ajudar os fiéis a aproveitarem a oportunidade, mas acabou se desenvolvendo numa longa invocação:

*Sente, sente, minha abelha!
Santa Maria a mandou para cá!
Não precisa ir embora,
Não tem de voar para o bosque.
Não deve escapar de mim,
Não deve ir embora.
Sente bem quieta,
Espere a vontade de Deus!⁹⁸*

As abelhas não produziam apenas mel. Própolis, a resina avermelhada usada pelas abelhas trabalhadoras como material de construção, proporcionava um bálsamo curativo que era muito valorizado no tratamento de feridas. Por outro lado, uma porção de cera de abelha alcançava um preço ainda maior do que uma medida equivalente de mel. A cera de abelha servia para fabricar as melhores velas, com uma luz brilhante e firme, exalando um cheiro

agradável, infinitamente preferível ao aroma de uma vela de sebo, feita de gordura de carneiro.

"Pegue um pouco de terra", dizia outra receita para atrair um enxame de abelhas. "Salpique com a mão direita sob o pé direito e diga: Mantenho você sob meu pé; eu a encontrei!"

Era um encantamento pagão, um precursor antigo e rival da oração criada pela Igreja. As palavras iniciais estabeleciam o direito do proprietário ao enxame, da mesma forma como o moderno jogador de rúgbi finca os pés na terra quando pega a bola e grita "Mark!"

A etapa seguinte era lançar um punhado de grãos de areia ou cascalho sobre o enxame e gritar:

Fiquem, mulheres vitoriosas, afundem na terra!

Nunca voem livres para o bosque.

Seja interessada por meu bem

Como cada homem é por comida e seu lar.⁹⁹

O apicultor medieval talvez acreditasse que as abelhas de fato ouviam suas palavras e as compreendiam, mas a explicação de um apicultor moderno para a eficácia do encantamento é a de que as abelhas são programadas geneticamente para se agruparem em torno da rainha e levarem-na para a terra numa massa protetora quando sentem o perigo, seja uma tempestade de granizo ou o lançamento de grãos de areia por um anglo-saxão predador.¹⁰⁰ Em matéria de criação, o inglês efetuara avanços consideráveis em relação aos romanos, que presumiam que a abelha principal em qualquer colmeia devia ser um macho. Os romanos também acreditavam que as abelhas estavam partindo para a guerra contra uma colméia rival quando enxameavam. Os anglo-saxões, no entanto, concluíram que a abelha principal em cada colônia era uma fêmea. Também compreenderam que, quando as abelhas enxameavam, era uma questão de proliferação e da criação de outra colônia.

Na ausência de mel, outra fonte de doçura era a polpa amassada das uvas que sobravam da produção de vinho. A pesquisa de Domesday dos normandos, em 1086, relacionava nada menos de trinta e oito vinhedos na Inglaterra, com Ely assinalando o ponto mais setentrional, 110 quilômetros a nordeste de Londres. Era um mundo mais quente. As evidências arqueológicas indicam que os anos de 950 a 1300 foram caracterizados por temperaturas

perceptivelmente mais quentes do que experimentamos hoje, mesmo na era do "aquecimento global". Os meteorologistas descrevem essa época medieval quente como "Pequeno Ideal". Citam-na como a explicação para fenômenos como a explosão dos vikings pela Rússia, França, Islândia e o noroeste do Atlântico.

O abrigo setentrional de *icebergs* e uma camada de gelo sob o impacto de temperaturas mais elevadas é uma explicação plausível para o motivo pelo qual Leif Eriksson pôde navegar pelo norte do Atlântico, alcançando a Terra Nova por volta do ano 1000 e encontrando videiras ali. Durante o "Pequeno Ideal", Edimburgo teve o clima de Londres, enquanto Londres desfrutava o clima do vale do Loire na França, uma diferença de um a dois graus centígrados — o equivalente, em termos modernos americanos, ao clima de San Francisco deslocando-se para o norte, até Seattle.¹⁰¹

O tempo era uma questão de intenso interesse para os anglo-saxões. Com sua herança marítima, achavam que o conheciam bem.

"Se o céu fica vermelho de noite," escreveu Beda, o Venerável, "[prevê] um dia claro; se de manhã, significa mau tempo. (...) Durante uma viagem noturna, quando o mar brilha por cima dos remos, é sinal de que haverá uma tempestade. E quando os golfinhos saltam com frequência acima da superfície, estão querendo dizer que vai soprar um vento forte e as nuvens vão despejar um aguaceiro."¹⁰²

Um manuscrito do século IX era dedicado exclusivamente ao trovão e o que podia significar: "Em maio, o trovão pressagia um ano de fome. (...) No mês de julho, o trovão significa colheitas abundantes e o gado perecendo. (...) Se troveja no domingo, isso é considerado um presságio de grande mortalidade de monges e freiras. (...) Da trovoada na quarta-feira, não resta a menor dúvida de que pressagia a morte de prostitutas ociosas e escandalosas."¹⁰³

O leitor moderno não pode deixar de especular sobre o que passava pela mente do monge ou freira que lia essas predições e recordava, por exemplo, a última vez em que ouvira uma trovoada num domingo, mas não vira nenhum de seus colegas cair morto. Os augúrios exercem um eterno fascínio. Para os que os levam a sério, nunca parece importar se a realidade fria prova que estavam errados. No ano 1000, as pessoas concediam o benefício da dúvida aos aspectos intangíveis de sua vida. Era uma admissão de que não conheciam todas as respostas. Também servia, talvez, como uma apólice de seguro no caso de serem falhos os fatos em que se baseavam.

O rei Alfred não correu riscos. A *Anglo-Saxon Chronicle* dava ao grande rei uma impressionante genealogia, traçando seus ancestrais desde o século IX até Noé e daí, através de Matusalém e outras figuras do Antigo Testamento, até Adão — "o primeiro homem e nosso pai que é Cristo. Amém".¹⁰⁴ Mas a árvore genealógica do rei também mostrava que ele alegava descender de um dos maiores dos deuses germânicos, Woden, mestre dos mágicos, apaziguador das tempestades, ressuscitador dos mortos e governador da vitória.¹⁰⁵ Outra parte da genealogia real apresentava figuras como o mítico *Beow* ou *Barley*, a base para a figura folclórica de John Barleycorn, que era um antigo foco pagão para os rituais de sacrifício.

Os antigos deuses ainda espreitavam os sulcos abertos na Inglaterra anglo-saxônica. A palavra pagão vem de *pagus*, o latim para "o campo". Era entre os *pags* ou rústicos que a antiga magia ainda persistia. Quando o camponês saía para abrir os primeiros sulcos na terra, em janeiro ou fevereiro, costumava dizer uma prece, ao se ajoelhar para abrir um buraco raso na terra, onde punha o bolo que sua mulher assara:

*Terra, Terra, Terra! Oh, Terra nossa mãe!
Aquele que tudo pode, Senhor Eterno, conceda A
estas terras um crescimento grande, Com o trigo
abundante e sempre forte.*¹⁰⁶

O bolo era feito do mesmo cereal que o camponês tencionava plantar agora. Beda relatou como fevereiro era popularmente conhecido como "o mês dos bolos", por causa dos bolos ou *placentae* "que nesse mês os ingleses ofereciam a seus deuses".¹⁰⁷

Beda e os outros cronistas monásticos não se sentiam inclinados a celebrar a herança pagã da Inglaterra. É preciso vasculhar seus textos com a maior atenção para se encontrar indicações sobre o paganismo. Mas mesmo em suas lealdades cristãs, eles transmitiam uma impressão de viva-e-deixe-viver sobre as relações entre a antiga e a nova religião da Inglaterra:

*Não posso abandonar as crenças seculares que sempre tive.
(...) declarou Ethelbert, o último rei pagão do Kent,
segundo a história de Beda, ao falar com Agostinho e os
outros missionários cristãos em 597. Mas como viajaram
tão longe, posso perceber que*

*são sinceros em seu desejo de nos transmitirem o que acreditam ser verdadeiro e excelente. Por isso, não lhes faremos mal. (...) Também não impediremos que façam suas pregações e conquistem as pessoas que puderem atrair para sua religião.*¹⁰⁸

Beda continuou, relatando como o rei Ethelbert ofereceu uma base aos missionários cristãos dentro de Canterbury. Também contou como o Papa Gregório, enviando instruções de Roma, demonstrou uma tolerância paralela:

Você conhece o costume da igreja romana... disse o Papa a Agostinho). Mas se encontrou costumes, quer na igreja de Roma, da Gália ou de qualquer outro lugar, que possam ser mais aceitáveis para Deus, gostaria que fizesse uma cuidadosa seleção deles. (...) Pois nos dias de hoje a igreja corrige algumas coisas com rigor, enquanto permite outras por indulgência. Outras ainda a igreja deliberadamente desculpa e tolera. Ao agir assim, consegue com frequência conter um mal que desaprova.

Gregório sugeriu a Agostinho que os antigos templos pagãos da Inglaterra deviam ser convertidos em igrejas, "a fim de que as pessoas possam continuar a recorrer aos lugares com que estão mais acostumadas". Em consequência, existem hoje igrejas inglesas que datam da Idade do Bronze. Em vez de oferecerem sacrifícios à Mãe Terra, os anglo-saxões eram encorajados a dirigirem suas orações à Virgem Maria. Tendo aceitado o dia do sol (*Sun-day*) e o dia da lua (*Moon-day*), a igreja também tolerou o dia de Tiw (*Tiw's-day*), o dia de Woden (*Woden's-day*), o dia de Thor (*Tbor's-day*) e o dia de Frig (*Frig's day*). Assim os dias da semana ficaram sendo chamados em inglês, em homenagem aos antigos deuses nórdicos Tiw, o deus da guerra, Woden, o pai dos deuses e da casa real de Essex segundo Alfred, Thunor, o deus da trovoada, e Frig, a deusa do crescimento das coisas e da fertilidade. O dia de Saturno (*Saturday*) era outro resquício pagão... este dos romanos.

O rei Aldwulf de East Anglia, um contemporâneo de Beda, recordou como vira em sua infância o templo criado por seu antecessor, rei Redwald, que queria se manter nas boas graças das duas

religiões e mandou construir dois altares, lado a lado. Num altar, o rei partilhava o pão e o vinho, "o sagrado sacrifício de Cristo", enquanto no outro sacrificava ao estilo antigo.¹⁰⁹ Beda deixou bem claro que isso devia ser considerado uma tentativa ignóbil e ignorante de servir a dois senhores. Mas sua descrição do motivo pelo qual o rei Ethelbert acabou decidindo se tornar um cristão era a mais pragmática possível. Segundo Beda, o rei de Kent não passou para a nova religião através de qualquer revelação profundamente pessoal ou emocional, mas apenas porque chegou à conclusão de que o novo sistema de crença oferecia melhores perspectivas para ele e seu reino do que o antigo.

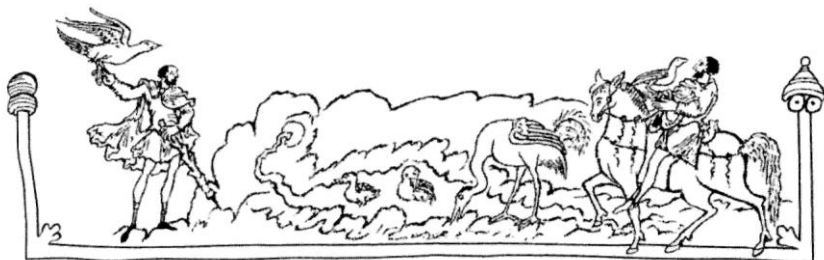
Nova magia pela antiga era a linguagem da conversão. Bonifácio, claro e objetivo, deixou sua marca na Alemanha quando cortou um bosque de oliveiras sagradas, usando a madeira para construir uma nova igreja para Jesus. Os xamãs locais previram o desastre, mas nenhum raio se abateu sobre a igreja. Não demorou muito para que Bonifácio presidisse conversões em massa. A bela cruz de pedra de quatro metros e meio de altura em Gosforth, Cumbria, tem esculpida uma panóplia de deuses nórdicos, com o deus do mal Loki acorrentado por baixo de uma serpente venenosa, enquanto Woden repele um lobo, no meio de um grupo de dragões... e a figura de Cristo crucificado assoma no ápice da batalha, não tanto como o único deus, mas como o mais poderoso.

O milênio testemunhou um fluxo de regimes europeus ansiosos em ingressarem no clube cristão, de Vladimir de Kiev, rei dos Rus, batizado em 988, à assembléia viking da Islândia e o rei Estêvão da Hungria, convertidos no ano 1000. A medida que essas sociedades na periferia geográfica solicitavam sua inclusão no sistema de crença do núcleo europeu, não podemos deixar de nos sentir tentados a perceber um paralelo moderno nas nações da orla européia, todos fazendo fila para entrar na Comunidade Econômica Européia, ao final do segundo milênio. Ser cristão era ser moderno no ano 1000, o símbolo da ansiedade da sociedade por uma autoridade centralizada, uma cunhagem e um sistema de taxaço organizado. Acima de tudo, as pessoas queriam uma identidade nacional coesa, que era pregada e aprovada com o maior vigor pela igreja. Quando Canuto instalou-se na Inglaterra, em 1016, levou sua corte dinamarquesa para Winchester. Ali, numa série de cerimônias na grande catedral, divulgadas com o maior

cuidado pelos cronistas religiosos, ele usou o Cristianismo para santificar seu novo poder e autoridade.

A decisão de Canuto de dirigir seu império do mar do Norte da Inglaterra, em vez da Escandinávia, foi um tributo à posição cultural e política que o país alcançara no início do século XI. Mas foi também um tributo à religião da Inglaterra. Na batalha entre o paganismo e o Cristianismo, o Cristianismo acabara levando a melhor... e bem depressa. O desfile de conversões cristãs nos anos finais do século tem outro paralelo moderno: depois de décadas de conflito amargo e tenso entre duas ideologias poderosas, uma delas entrara em colapso à aproximação do milênio, deixando a outra no comando da situação de uma maneira incontestável, como há muito era pregado com fervor, mas que não parecia tão óbvia quando a batalha estava no auge.

OUTUBRO



JOGOS DE GUERRA

A LINHA ONDULADA QUE REPRESENTA O FUNDO no desenho do calendário referente ao mês de outubro nos convida a pensar numa cordilheira, de cujas alturas desce um rio impetuoso. Ao alcançar o primeiro plano, o rio transforma-se num lago, em que duas aves aquáticas se banham felizes, sem saberem que são alvos para os falcões nos pulsos dos caçadores. É um desenho ambicioso, em que a paisagem, a ameaça de morte e o clima de uma caçada ao final do outono são apresentados de uma maneira compacta, em poucas linhas traçadas sobre uma folha de pergaminho. O tamanho exagerado da ave em primeiro plano pode sugerir que o artista cometeu algum erro de perspectiva. Mas o desenho da ave é bastante acurado, pois há mil anos a vida selvagem na Inglaterra era mais exótica do que é hoje. A presa dos nossos caçadores é o enorme grou europeu, uma vista comum na Inglaterra até que a ave foi caçada à extinção, por volta do século XVI.¹¹⁰

A caçada no ano 1000 ainda era um passatempo democrático. Cada anglo-saxão que nascia livre tinha o direito de entrar na floresta e voltar para casa com um animal para a panela. Mas estes caçadores bem-vestidos dão uma impressão de riqueza... e o cavalo também está bem aprestado. As restrições à caça, introduzidas pelos normandos depois de 1066, constituíram uma das principais fontes de atritos entre a população nativa e o novo regime. O gordo cavaleiro, com seu amigo falcoeiro, prenuncia esse conflito social. Poder, magia e prazer da caça foram usurpados pela classe superior. Foi no século XI que surgiram as conotações tipicamente inglesas da caça como uma atividade de classe superior. Na maioria das

outras sociedades, a caça nos campos e bosques continuou a ser desfrutada pelos ricos e pobres.

A caçada medieval era ao mesmo tempo uma metáfora e uma preparação para a guerra. Mantinha cavalo e cavaleiro em boa forma; e, mais importante ainda, fomentava a camaradagem do bando de guerreiros. Era como uma sessão de treinamento. O senhor e seus seguidores aproveitavam a caçada juntos para planejar e ensaiar futuras conquistas, assim como os grandes empresários do século XX tramam suas aquisições no campo de golfe. Entre 950 e 1066, a Inglaterra foi o reino em que mais se lutou na Europa Ocidental. Seus mercadores negociavam e seus camponeses produziam os alimentos necessários para sustentar uma população em expansão. Mas essa mesma prosperidade fez com que o país se tornasse presa de predadores ambiciosos e ferozes. Esqueçam a Alegre Inglaterra. Era mais como a Chicago dos gângsteres na década de 1930, ou como as gangues de traficantes na zona sul de Los Angeles hoje em dia.

A política do poder no ano 1000 pode ser mais bem compreendida pela observação do modo como atuam as gangues e as máfias. Embora assustadora para as pessoas de fora, a estrutura da gangue oferece coesão, proteção e um senso de pertencer à sua "família". A hierarquia é ao mesmo tempo intimidativa e tranquilizadora. O líder pode atuar com base no medo, mas assusta seus seguidores menos do que as alternativas num ambiente sem lei e caótico. O "Poderoso Chefão" bem-sucedido também proporciona aos fracos e necessitados uma forma de assistência social, em troca de sua lealdade... ou *fealty*, a fidelidade de um vassalo feudal, como se chamava no ano 1000. O símbolo de autoridade do rei Athelstan era um juramento de fidelidade prestado por todos os meninos na Engla-lond do século X (com exceção dos escravos) quando chegavam aos doze anos: "Em primeiro lugar, todos vão jurar em nome do Senhor, diante de quem toda coisa sagrada é sagrada, que serão fiéis ao rei."

O fato de que esse juramento era presidido pelo xerife local, que circulava pelos campos como a personificação da lei e da ordem, provoca comparações com o Oeste selvagem americano, outra sociedade embrionária ansiosa em fortalecer suas frágeis leis e controlar os poderes dos fora-da-lei e dos superpoderosos. No ano 1000, era função do *shire reeve* (o *reeve* do condado, daí o nome xerife) do rei visitar cada comunidade pelo menos uma vez por ano e exigir a prestação do juramento, numa cerimônia cujo conteúdo

religioso era significativo. A visita do xerife frequentemente ocorria em outubro, depois da colheita. Podemos imaginar os meninos da aldeia, apreensivos, reunidos para o primeiro gosto das responsabilidades adultas.

"Assim como cabe ao homem ser fiel a seu senhor", dizia a instrução real, "sem discussão ou divergência, abertamente ou em segredo, favorecendo o que ele favorece, repudiando o que ele repudia, a partir do dia em que este juramento for prestado, ninguém esconderá qualquer violação, seja da parte de um irmão ou de outra pessoa da família, seja da parte de um estranho."

Era essa a promessa fundamental. Fazia com que fosse seu dever, como membro leal da comunidade, denunciar qualquer um que não estivesse se comportando direito — os vigilantes implacáveis.

Esse juramento, mais tarde conhecido como *frank pledge* (a responsabilidade de cada membro de uma unidade pelo procedimento dos outros), era parte do sistema de governo cada vez mais organizado na Inglaterra do século X, pelo qual os *sbires* (condados) eram divididos em *hundreds* (centenas), agrupamentos de mais ou menos cem famílias. Essas *hundreds* eram subdivididas em grupos locais menores de *frank pledge*, cada um com cerca de dez ou doze famílias. A essência do sistema de *frank pledge* era o fato de transformar a obediência às regras de uma questão de obediência impessoal para um problema de lealdade pessoal, projetada pela escada acima numa sucessão de degraus compreensíveis, até o senhor principal, cuja autoridade era endossada por Deus.

Na Danelaw do nordeste da Inglaterra, as *hundreds* eram em geral conhecidas como *wapentakes*, da antiga palavra do Old Norse *vapnatak*, significando o que o som sugere, *weapon-taking*, pegar em armas. Afinal, era a isso que lealdade e governo se resumiam no ano 1000, a mobilização de homens e armas. A terrível realidade da civilização é que sempre depende de luta. Todas as grandes sociedades foram baseadas no sucesso militar. Ou seja, em última análise, o rei anglo-saxão era o líder da expedição de guerra.

Era como o líder militar que o rei tinha mais necessidade de bancar o implacável chefe de gangue, já que seus principais ajudantes também eram bandidos. Essa era a qualificação que eles deviam ter para a função. Os maiores senhores eram os maiores bandidos. A aristocracia inglesa, como a elite militar de todos os países da Europa no ano 1000, era formada por pessoas que haviam sido

treinadas para matar. Ser nobre era usar uma espada e intimidar os outros. Em 1012, o devoto Alphege, arcebispo de Canterbury, descobriu à sua custa o que podia acontecer quando os cães de guerra se embriagavam.

O arcebispo fora capturado pelos dinamarqueses no ano anterior, sendo mantido como refém em condições de aparente civilidade. Aproximara-se o suficiente de seus captores para converter e batizar pelo menos um deles. Até que uma noite, em Greenwich, quando os nobres se reuniram, a nata dos generais e cortesãos do rei dinamarquês, começaram a beber de um carregamento de vinho que viera "do sul", o que obviamente exigia uma celebração especial. A diversão da noite culminou com a aristocracia dinamarquesa atirando no infeliz arcebispo uma saraivada de ossos e crânio da carne com que se banquetavam. Alphege suportou bravamente essa selvagem brincadeira, até ser atingido por um golpe decisivo. Caiu no chão, sangrando... e morreu quando seu crânio foi esmagado pelo lado rombudo de um machado de guerra empunhado pelo próprio nobre que ele convertera e abençoara no dia anterior.

Esses eram os rufiões que criavam os poemas da época. O guerreiro era um herói. O etos de camaradagem da fraternidade guerreira proporcionou o tema predominante de sagas épicas como *Beowulf* ou *The Battle of Maldon*. Não era uma Camelot. O cavalheirismo do rei Artur e seus Cavaleiros da Távola Redonda foi uma fábula desenvolvida um século e meio depois, baseada na possível existência de um chefe guerreiro britânico chamado Artur, que lutou na sinistra confusão decorrente da partida dos romanos. É improvável que o Artur do século VI demonstrasse qualquer cavalheirismo em suas ações.

A regra fundamental da guerra no ano 1000 era evitar a batalha sempre que possível. Verões inteiros podiam transcorrer com exércitos manobrando para evitarem uns aos outros. O erro básico do Byrhtnoth de cabelos brancos na Batalha de Maldon fora o de procurar a confrontação. A batalha no primeiro milênio era como aquele monte de jogadores no rúgbi disputando a posse da bola... com os dois lados usando as mesmas camisas coloridas. Não havia as túnicas distintivas desenvolvidas em séculos posteriores. Na confusão, era bem provável que o guerreiro precisasse olhar o rosto para distinguir amigo de inimigo. Os exércitos eram pequenos — uns poucos milhares de homens constituíam um exército excepcional — e

assim a maioria dos combatentes conhecia os companheiros de vista. Neste ambiente relativamente íntimo, havia menos possibilidade de ser morto do que na moderna guerra mecanizada. Para os feridos, no entanto, a situação era mais grave, já que os menores ferimentos podiam se tornar fatais na ausência de cuidados médicos apropriados.

Na linha de frente ficavam os guerreiros mais jovens, mais fortes e provavelmente mais dispensáveis, formando uma fileira defensiva, os escudos erguidos na altura do peito, encostados ou superpostos. As lanças projetavam-se das fendas nessa formação, que era conhecida como "muralha de escudos" ou "cerca de guerra". Por trás se postava a segunda fileira, com mais mobilidade e armamentos mais leves. Sua função era abrir brechas na muralha de escudo do inimigo e servir como ligação entre a primeira linha e o quartel-general por trás. Ali ficava o líder, armado e blindado como o resto de seus homens, a pé e cercado por sua guarda pessoal, os "companheiros do fogo", que formavam sua comitiva pessoal. Em tempos de paz, esses homens eram o equivalente mais próximo de uma força policial: administravam as leis e aplicavam a autoridade real.

As táticas de combate eram quase sempre rituais. Os dois lados se aproximavam em "muralhas de escudos" opostas, aproveitando qualquer característica geográfica, como água ou um bosque, para proteger o flanco. No caso de Harold e os ingleses, a 14 de outubro de 1066, eles ocuparam a parte mais alta de Caldbeck Hill, a oeste de Hastings, enquanto os normandos avançavam pelos pântanos salgados desde o mar e atacavam por terra.

As hostilidades eram iniciadas com o arremesso de lanças e algumas flechas, provavelmente acompanhado por zombarias e gritos para animar os combatentes. Os soldados ingleses usavam arcos resistentes de teixo, freixo ou olmo, que podiam impulsionar uma flecha de ponta de ferro por uma distância de cem metros. Escavações descobriram flechas inglesas com marcas pessoais, o que sugere que os arqueiros tentavam recuperar suas flechas depois de uma batalha. Afinal, cada ponta de ferro batido representava um considerável investimento.

O infante anglo-saxão também levava suas próprias lanças para a batalha, junto com sua espada e seu escudo. Era um guerreiro que servia a muitas funções. O exército anglo-saxão foi o último na Europa Ocidental a lutar como um exército homogêneo. Não era

dividido em divisões separadas de cavalaria, infantaria e arqueiros, ao contrário dos normandos. Foi um dos motivos pelos quais os normandos venceram em Hastings e os anglo-saxões perderam.

Nossa melhor indicação sobre a aparência de um exército anglo-saxão vem da tapeçaria de Bayeux, feita em comemoração da vitória em algum momento dos dezesseis anos seguintes... não em Bayeux, mais provavelmente em Canterbury, por bordadores ingleses, trabalhando por encomenda de Odo, bispo de Bayeux, parente de Guilherme o Conquistador. A tapeçaria mostra os "companheiros de fogo" do rei Haroldo empunhando seus formidáveis machados de guerra. A maioria dos ingleses, porém, está armada e vestida exatamente como os inimigos normandos, com um traje de malha da cabeça aos pés e capacetes pontudos, com uma tira de metal protetora descendo para resguardar o nariz. Hoje, esses capacetes pesados, com proteção para o nariz, constituem a característica distintiva dos perversos soldados normandos nos filmes de Robin Hood. Nos anos em torno de 1000, no entanto, esse capacete era na verdade usado por todos, saxões, vikings e normandos.

A grande e decisiva diferença entre os dois lados na Batalha de Hastings que a tapeçaria de Bayeux deixa evidente é que os normandos combatiam a cavalo, enquanto os ingleses lutavam a pé. Desde os tempos do rei Alfred, se não mesmo antes, o exército inglês montava em cavalos para alcançar o campo de batalha... mas ali chegando, os cavalos eram levados para longe. Os animais não tinham qualquer participação no combate, mas eram mantidos a alguma distância, prontos para uma retirada às pressas ou, sempre uma esperança, para ajudar na perseguição ao inimigo em fuga.

A primeira vez que um exército inglês enfrentou uma cavalaria foi em 1066. Os relatos da batalha de Hastings indicam que a muralha de escudos resistiu no início às cargas dos cavaleiros normandos em seus *destriers*. Esses cavalos eram musculosos e ágeis, especialmente criados para a batalha, e tornavam os normandos a mais formidável força de combate na Europa. As duas tecnologias militares rivais disputavam o controle da rica e sofisticada civilização anglo-saxônica na Inglaterra, naquele sábado de outubro de 1066. A nova tecnologia venceu. Cansados da recente campanha vitoriosa no norte, quando foram até Stamford Bridge para repelir o exército invasor do norueguês Harald Hardrade, os infantess ingleses foram envolvidos pela cavalaria normanda à medida que a tarde passava.

A um quilômetro e meio de distância, ninguém ouvia coisa alguma. Sem armas de fogo e explosões, as antigas batalhas medievais eram uma série de confrontações abafadas, animadas apenas pelo estrépito metálico de espada contra espada e os gritos de guerra, "*Dex Aie*" ("Ajuda de Deus") do lado normando e "*Out! Out!*" ("Fora! Fora!") do inglês, enquanto rechaçavam os atacantes que investiam contra sua muralha de escudos. É bem provável que os ingleses soltassem seu grito no que consideraríamos um sotaque do North Country.¹¹¹

Tanto Harald Hardrade quanto William da Normandia desembarcaram na Inglaterra no mês de outono, o período preferido para a guerra nos anos em torno de 1000. Nenhum exército entrava em campanha no inverno, se pudesse evitar; e durante o verão todos os homens em condições físicas tinham de trabalhar na terra. Em outubro, no entanto, os soldados já haviam terminado a colheita, os celeiros estavam abarrotados. Era o momento ideal para um ataque. Do ponto de vista do camponês, o risco específico de ser atacado e ter seu celeiro devastado logo depois da colheita era não apenas o de passar fome no inverno, mas também o de perder o estoque de sementes. Um ataque no outono mais sério podia significar a ruína por sucessivas gerações.

Não é de surpreender que houvesse tantos esportes e passatempos relacionados com a guerra no ano 1000. Montar a cavalo e o arco-e-flecha tinham aplicações práticas óbvias, enquanto as estratégias do tabuleiro de xadrez ofereciam uma metáfora para as manobras no campo de batalha. Desenvolvido no Oriente, o xadrez alcançou a Espanha e o sul da França através dos árabes. Não se sabe direito quando chegou na Inglaterra, mas um poema suíço da década de 990 descreve os movimentos da rainha e como o jogo termina, quando o rei leva um xeque-mate. No ano 1000, a rainha era na verdade uma das peças mais fracas no tabuleiro. O jogo era ainda mais lento e mais demorado do que é hoje. Foi só no século XV que a rainha recebeu a extraordinária amplitude de movimentos que a transformou na superpotência do tabuleiro, quando o jogo foi tão revolucionado que era às vezes chamado Novo Xadrez, Xadrez da Rainha ou La Dame Enragée.

Não havia jogo de cartas no ano 1000. Só surgiram na Europa no século XIV Mas temos indicações de que as pessoas jogavam gamão e apreciavam o jogo da velha. Com as noites se tornando

mais longas, os anglo-saxões ampliavam a capacidade de se divertirem. Gostavam muito de enigmas, que às vezes eram poéticos... assim como seus poemas também podiam ser enigmáticos:

*Multicolorido, vôo pelo céu e o fundo da terra.
Não há lugar para mim no solo, nem em qualquer parte dos pólos.
Ninguém teme um exílio tão cruel quanto o meu,
Mas faço o mundo ficar verde com minhas lágrimas chuvosas.*

A resposta para esse enigma, composto por um estudioso do século VI, St. Aldhelm, era "uma nuvem". Amados pelo rei Alfred, os versos de Aldhelm eram cantados sob um acompanhamento de harpa, a fim de atrair as pessoas para a igreja. Seus enigmas sobrevivem num manuscrito do século X na biblioteca da Catedral de Canterbury.

Em Exeter há uma coleção ainda mais ampla de enigmas, na Biblioteca da Catedral. É o *Exeter Book*, um volume do século XI cuja capa toda marcada parece ter servido como tábua de cortar pão e queijo. A julgar pelas manchas redondas marrons na primeira página também parece que era usada como descanso para copos de cerveja. Alguns dos seus enigmas possuem uma qualidade excepcional:

*Sou uma criatura estranha, pois satisfaço as mulheres...
Fico muito alto, ereto numa cama,
Sou peludo por baixo. De vez em quando
Uma linda garota, a brava filha
De algum homem, ousa me segurar
Aperta minha pele avermelhada, puxa minha cabeça
E me põe na despensa. E sempre que essa garota
De cabelos trançados que me confinou
Lembra do nosso encontro, seus olhos umedecem.*¹¹²

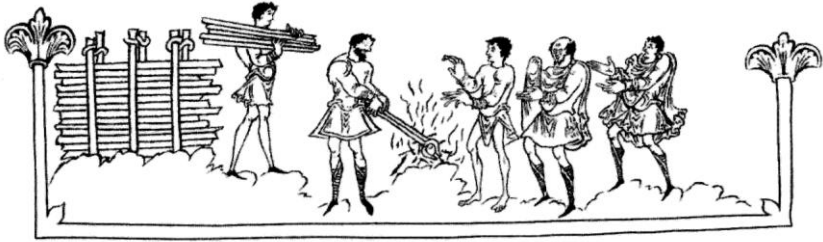
A resposta? Uma cebola. Que outra resposta poderia haver? O enigma para uma batedeira de manteiga também tem um duplo sentido similar:

*Um homem foi até o lugar em que sabia Que
ela estava num canto e chegou junto; o atrevido
estendeu a mão e levantou A própria túnica,
enfiei algo duro*

*Por baixo da cinta dela, parada ali,
Trabalhou à vontade. Os dois se contorceram.
O homem se afastou; seu ajudante de confiança
Tomou o lugar dele, mas também cansou,
Menos forte do que ela era,
Não pôde mais continuar. Lá embaixo
Cresceu bastante a coisa que os homens
Tanto louvam com sua bolsa e coração.¹¹³*

Essas piadas simples do século X foram copiadas em pergaminhos por monges, em sua melhor letra. Demonstram que os homens anglo-saxões possuíam um saudável senso de humor. Mas o que sabemos sobre os sentimentos das mulheres?

NOVEMBRO



AS MULHERES E

O PREÇO DE UMA CARÍCIA

CHEGAMOS A NOVEMBRO — QUASE O FINAL DO ano — e ainda não houve um único desenho do Calendário de Trabalho de Julius que mostre mulheres trabalhando, divertindo-se ou desempenhando qualquer papel, trivial ou importante, na vida da Engla-lond nos anos em torno de 1000. Dezembro também não vai remediar o problema, já que o Calendário de Trabalho de Julius, como todos os outros documentos que restaram daquela época, era obra da sensibilidade masculina, operando num mundo em que a linguagem e a própria estrutura de pensamento eram formuladas em termos incontestavelmente masculinos.

A palavra do Old English para ser humano era *mann* (em inglês hoje, *man* é homem). Todos os seres humanos eram *menn*, o termo sendo usado para ambos os sexos, da mesma maneira que se considera hoje que as mulheres estão incluídas no significado de palavras como *mankind* (humanidade). Um documento do século XI fala dos descendentes de Adão e Eva como "descendendo de dois homens". Embora isso demonstre uma estrutura mental que pode nos parecer hoje como insensível ao sexo, também continha uma certa suposição de igualdade masculina-feminina. Um documento de 969 falava sobre uma terra perto de Worcester que pertencia a um homem chamado Elfweard: "Elfweard foi o primeiro homem...", dizia o documento. "Agora está nas mãos de sua filha, e ela é o segundo homem."¹¹⁴ Existem hoje trinta testamentos do final do período anglo-saxão; dez são testamentos de mulheres, cada uma das quais tinha todos os direitos de propriedade e disposição dos bens como os homens. No ano 1000, o papel que as mulheres desempenhavam na sociedade inglesa era mais complexo do que as impressões superficiais podem sugerir.

O reinado do rei Ethelred assumiu suas características de duas mulheres poderosas. Pode-se até alegar que as mulheres eram mais poderosas do que o próprio Ethelred, que subiu ao trono quando tinha apenas dez ou doze anos, graças ao misterioso assassinato de seu meio-irmão Edward, em Corfe in Dorset, em 978. Ninguém jamais foi punido pela violência, mas em geral presumiu-se que a morte teve alguma relação com a mãe de Ethelred, a rainha viúva Aelfthryth, que assim garantiu o trono para sua própria linhagem, junto com o poder pessoal como regente. A igreja na ocasião lançou um véu sobre o sangrento episódio, já que o reinado do falecido Edward fora marcado por uma notável hostilidade contra os mosteiros reinaugurados. Em contraste, Aelfthryth se tornou a patrona da reforma da igreja. Assim, no ano 1000, tanto o rei da Inglaterra quanto a hierarquia da igreja reformada deviam seu poder à ambição da mesma mulher dinâmica.

Em 1002, Ethelred, agora com trinta e poucos anos, tentou reforçar sua precária autoridade ao casar com Emma, irmã do duque Ricardo II, da Normandia. Deve ter sido um momento assustador para a jovem quando naquela primavera cruzou o canal da Mancha, partindo da França, ao encontro de Ethelred, que já tivera seis filhos e pelo menos quatro filhas de ligações anteriores. Apenas uma adolescente, talvez não tendo mais que doze anos, Emma não falava inglês. Seu marido exigira que assumisse o nome *englisc* de Aelfgifu. Essa aliança de conveniência foi um exemplo clássico do conceito anglo-saxão da mulher como "tecelã da paz"... a mulher cujas qualidades femininas deveriam trançar novos vínculos de lealdade familiar.

Mas Emma demonstraria ter uma personalidade extraordinária. Antes dos vinte anos, sua força de caráter a convertera numa das figuras mais poderosas no círculo de Ethelred. Depois da morte de Ethelred, seu sucessor dinamarquês, Canuto, repudiou a primeira esposa para casar com ela. A estatura de Emma proporcionava a autoridade que o rei estrangeiro sabia que precisava. Depois que Canuto morreu, Harold Harefoot, seu filho do primeiro casamento, sucedeu-o por um breve período. Com a morte de Harefoot, o sangue de Emma assumiu o poder, primeiro através de Harthacnute, seu filho de Canuto, depois pelo filho que ela tivera de Ethelred, o meio-inglês, meio-normando Edward o Confessor, cujas ligações com o parente de sangue William da Normandia abriram o

caminho para o regime anglo-normando. Emma foi casada com dois reis da Engla-lond e mãe de outros dois.

Os reis anglo-saxões não tinham uma sucessão baseada na primogenitura. Todos os filhos do rei eram conhecidos como *aethelings* — dignos do trono — e nesse *pool* genético a família real escolhia o que parecia mais qualificado para a função. Era a maneira prática de manter a riqueza e proeminência do clã dominante. O rei Alfred foi um irmão mais jovem que se tornou rei de Wessex, em detrimento dos irmãos mais velhos. Na Irlanda, uma versão ampliada do mesmo princípio fazia a soberania circular entre diferentes clãs, numa base rotativa. Era comparável à seleção por consenso familiar que ocorre hoje nas monarquias árabes beduínas. Na Inglaterra, o sistema produziu uma sucessão variada de monarcas que eram em geral mais capazes do que os decorrentes de uma linha rígida de herança... e também ofereceu o poder às mães reais que conseguiam criar filhos competentes e determinados. Atuando através da linhagem masculina, as mulheres tinham a oportunidade de se tornarem essenciais.

O nepotismo não era um motivo de vergonha nos anos em torno de 1000. Era o propósito da existência da família. A mãe que expandia o poder de seu clã merecia o respeito de toda a comunidade. É significativo que essa época tenha testemunhado o início na Inglaterra do culto da Virgem Maria, a mãe que criou o mais poderoso de todos os filhos. Uma coleção de bênçãos do século X, escritas pelo bispo Ethelwold, contém uma das primeiras representações de Maria sendo coroada que sobrevive no Ocidente. A Virgem é apresentada não como a esposa de um carpinteiro, o que a tornaria facilmente identificável com a maioria das pessoas que rezavam para ela. Em vez disso, aparece como uma rainha do mundo, usando uma coroa. Era outro aspecto da aliança em desenvolvimento entre a coroa e a igreja. A imagem era ainda mais significativa por ser propagada por uma igreja que encontrara aliadas naturais em determinadas matronas reais como Aelfthryth e Emma. No final de sua vida, Emma recusou-se a seguir a tradição e retirar-se para um convento. Preferiu permanecer ativa na política dinástica. Ela encomendou sua própria biografia, para ter certeza de que sua vida seria lembrada como desejava... e é lembrada como Emma, não como Aelfgifu.

A julgar pela *Anglo-Saxon Chronicle*, a matrona real mais dinâmica do século X foi a filha de Alfred, Aethelflaed, que assumiu o

comando da campanha inglesa contra os dinamarqueses depois da morte do pai, em aliança com seu irmão Edward, ganhando o título de "Dama dos Mércios". Aethelflaed era casada com o monarca de Mércia, um reino em Midland. Dirigiu o país pessoalmente durante sete anos, depois da morte dele, mantendo a política do pai de construir *burhs* fortificados contra os dinamarqueses... e comandando seus soldados numa base pessoal, segundo um registro da *Chronicle* em 913:

*Neste ano, com a graça de Deus, Aethelflaed, Dama dos Mércios, foi com todos os mércios para Tamworth, e construiu a fortaleza ali no início do verão e antes do início de agosto, a que fica em Stafford.*¹¹⁵

Em 916 Aethelflaed enviou uma expedição punitiva contra alguns invasores galeses. Depois, desviou sua atenção para os vikings, dos quais recuperou os *burhs* em Derby e Leicester: "Ela protegia seus próprios homens e aterrorizava os inimigos", escreveu William de Malmesbury, um historiador pós-Conquista que parecia mais surpreso do que os cronistas anglo-saxões pelo fato de uma mulher realizar tanto. Iniciando o programa de construção de fortalezas em 910, Aethelflaed tinha dez *burhs* concluídos em menos de cinco anos. Ela comandou os mércios em vitórias que a converteram numa das figuras mais poderosas da Inglaterra no início do século X. Podemos imaginar essa Boadicéia de um período posterior por trás da muralha de escudos, inspirando a lealdade de seus guerreiros e conquistando o respeito e o temor dos inimigos. Por volta de 918, os vikings de York concederam sua lealdade a Aethelflaed sem qualquer luta. Junto com o pai, Alfred, a Dama dos Mércios era uma heroína popular da Inglaterra no ano 1000, lembrada e respeitada como uma mulher decidida em tempos difíceis. Sua reputação aumentaria a cada novo relato.

Outra categoria feminina de *mann* que não tinha opção que não ser dura era a formada pelas mulheres que dirigiam os mosteiros da Inglaterra anglo-saxônica. Cerca de cinquenta das comunidades religiosas fundadas no século VI eram casas duplas, em que homens e mulheres viviam e cultuavam lado a lado. Os registros indicam que todas essas casas duplas estavam sob a direção de uma mulher.

Todos respondiam à abadessa, não ao abade.¹¹⁶ Obviamente, não era um problema para uma comunidade de homens instruídos se submeter à autoridade de uma mulher há mil e trezentos anos. É verdade que os documentos indicam que as abadessas no comando das casas duplas eram toda *aethelings*... integrantes de famílias reais. Entre essas missionárias pioneiras, a mais famosa foi a abadessa Hilda, que fundou (ou possivelmente refundou) a abadia de Whitby, na costa de Yorkshire. Ali, em 664, ela foi a anfitriã do famoso Sínodo de Whitby, quando celtas e cristãos que apoiavam Roma se reuniram para discutirem a data da Páscoa.

Beda, o Venerável, escreveu: "Todos que a conheciam a chamavam de 'mãe'".¹¹⁷

Foi sob o estímulo de Hilda que Caedmon, um pastor de Whitby, produziu os primeiros poemas e canções cristãos em inglês. Hilda fez com que seus monges aprendessem e propagassem as canções evangelizadoras do poeta. Segundo Beda, ela também "obrigava as pessoas sob sua orientação a devotarem tempo ao estudo das sagradas escrituras", com tanto sucesso que nada menos de cinco dos seus discípulos monásticos se tornaram bispos.¹¹⁸ Poucos anos depois de sua morte, em 680, Hilda já era aclamada como santa. Até hoje existe uma tradição devota de que os gansos migrantes que voam do Ártico para descansar no promontório próximo da antiga abadia de Whitby são peregrinos, prestando homenagem à sua memória. Por volta do ano 1000, havia pelo menos quinze igrejas inglesas dedicadas a Santa Hilda, com sua festa celebrada todos os anos a 17 de novembro.

No ano 1000, no entanto, a Santa Hilda e os mosteiros mistos pioneiros, dirigidos por mulheres reais, já eram uma memória de trezentos anos. Das novas casas religiosas fundadas no século X, cerca de trinta eram mosteiros e apenas meia dúzia eram conventos. Não havia mais casas duplas e os relacionamentos irmão-irmã do tempo de Hilda haviam sido substituídos por uma segregação mais rígida. A igreja se tornava mais firme nas questões sexuais. Até meados do século X era rotineiro o casamento de padres. Os registros indicam que no início da década de 960 a catedral de Winchester era administrada por um grupo de cônegos, todos casados. Mas Dunstan, Ethelwold e os novos reformadores da igreja desaprovavam essa situação. O celibato era o caminho para o cônego moderno. Ethelwold teve uma firme confrontação com os felizes maridos

de Winchester em 964. Ofereceu-lhes a opção entre as esposas e as funções. Como todos optassem por suas esposas, foram afastados da catedral para serem substituídos por uma equipe de monges celibatários de Abingdon.

Não se pode imaginar o devoto bispo Ethelwold achando graça de enigmas sobre cebolas ou os prazeres de bater manteiga. A aproximação do milênio testemunhou um novo elemento de ascetismo puritano, reclamando o controle da religião: a Igreja Babá Rigorosa. O crítico Ethelwold resolveu censurar a jovem Santa Edith de Wilton por um novo estilo de vestimenta, que considerava grandioso demais. "Cristo pediu o coração", disse ele.

"Tem toda razão, padre", respondeu Edith. "E eu lhe dei meu coração".¹¹⁹

Edith, que morreu com apenas vinte e dois anos de idade, depois de uma vida irrepreensível, pôde ter sido capaz de enfrentar o velho sacerdote porque era a filha de um rei, embora o produto da união do rei Edgar com Wulfrida, sua amante no Kent. Ao final do século X, a humildade de Edith inspirara um culto de poços sagrados em Kent, Staffordshire e Herefordshire. As águas desses poços eram consideradas eficazes no tratamento de problemas de olhos.

De um modo geral, a igreja não encontrava resistência ao reivindicar mais controle sobre a vida cotidiana — e à medida que procurava, em particular, moldar os arranjos de casamento, que até então se contentara em deixar aos cuidados do costume local. Os casamentos anglo-saxões eram cerimônias populares tradicionais, que remontavam aos tempos pagãos. Um casal podia parar na entrada da igreja para uma bênção do padre, mas a essência da cerimônia era o ritual de seculares brindes, votos e discursos, com a participação do resto da aldeia. Esse vínculo secular também podia ser rompido de uma maneira secular. Embora os registros sejam escassos, por causa da filtragem da igreja em anos posteriores, parece que os anglo-saxões se separavam e divorciavam quando tinham de fazê-lo, sem complicações éticas. A única preocupação da comunidade era prática: a divisão apropriada dos bens e os cuidados com as crianças. Um código legal anglo-saxão declara que uma mulher pode sair do casamento por sua própria iniciativa, se assim quiser; e se ela ficar com os filhos e cuidar deles, também tinha o direito à metade dos bens.¹²⁰

Os códigos antigos preocupavam-se em proteger as mulheres contra os riscos da vida numa sociedade injusta, dominada pelos homens. Se a poesia épica daquele tempo projetava o etos masculino agressivo do bando de guerreiros, os códigos garantiam os direitos opostos do sexo fisicamente mais frágil. Pode parecer uma consequência improvável de um processo de legislação que fluía através das confabulações de monarcas homens com seus conselheiros homens, mas refletia diretamente os valores consagrados na linguagem de *englisc*: os homens eram chamados *waepnedmenn*, "pessoas com armas", enquanto as mulheres eram *wifmenn*, "pessoas-esposas", com o *wif* derivado da palavra para "*weaving*" (tecelagem). Num mundo em que a ordem era incerta e as lojas virtualmente inexistentes, o trabalho do homem era proporcionar proteção, enquanto a mulher proporcionava roupas. Essa divisão de responsabilidade refletia-se nas coisas com que os anglo-saxões pagãos eram enterrados: os esqueletos masculinos são encontrados com espadas, lanças e escudos; as mulheres eram sepultadas com rocas, telas de tapeçaria e pequenas caixas de costura simbólicas, que continham agulhas, linha e até amostras de tecidos.

Por volta do ano 1000, as pessoas não eram mais enterradas dessa maneira. A igreja dizia aos crentes que não precisariam de adornos ou acessórios físicos no outro mundo. A medida que a igreja assumia o controle, um tom moralista era incluído na equação local: "Se uma mulher durante a vida do marido comete adultério com outro homem...", dizia a Lei 53 de Canuto, "seu marido legal ficará com todos os seus bens, e ela perderá seu nariz e orelhas."¹²¹

Esse terrível regulamento — que não impunha uma penalidade similar para o homem adúltero — teve vida breve. Morreu com Canuto em 1035. A única outra lei inglesa a tratar o adultério com tanta brutalidade foi aprovada seiscentos anos depois, como parte da tentativa de Oliver Cromwell tornar a Inglaterra devota. Os princípios legais latentes da vida anglo-saxônia eram essencialmente liberais. Cada homem — e mulher — tinha seu preço, o chamado *wergild*. Até mesmo as violações de ordem moral eram reguladas de acordo com seus termos pragmáticos: "Se um homem livre deita com a esposa de um homem livre", dizia uma lei de Kent, "que pague por isso com o *wergild* dela, e providencie outra esposa com seu próprio dinheiro."¹²²

Essa atitude de moral pública baseada no dinheiro era aplicada de maneira implacável em toda a escala social. Se um homem deitava com uma virgem que era uma escrava na família real, devia uma reparação de cinquenta xelins; se era uma das escravas trabalhando no moinho de trigo real, a reparação era de vinte e cinco xelins... e se era uma escrava da mais baixa classe, o pagamento era de doze xelins.¹²³

Ao final do século IX, o iluminado rei Alfred usou o mesmo princípio nas questões de assédio sexual: um homem que acariciava o seio de uma mulher livre, sem ser convidado, incorria numa multa de cinco xelins, enquanto jogar a mulher no chão, mas sem chegar a violá-la, custava dez xelins. O estupro era seis vezes mais grave. A violação de uma mulher livre exigia uma reparação de sessenta xelins... pagável, como todas as outras multas, diretamente a ela.

Era outro princípio da lei anglo-saxônia que já se tornara consolidado por volta do ano 1000. A lei do casamento tratava essencialmente da divisão dos bens. Os contratos de casamento em geral envolviam negociações entre os chefes masculinos das famílias sobre o *morgengifu*, literalmente o presente da manhã, pago pelo marido depois da conclusão satisfatória da noite de núpcias. Mas o pagamento, que podia ser de quantias substanciais e muita terra, ia para a própria mulher. Assim, as jovens tinham um sólido interesse financeiro para manterem a virgindade até o casamento.

As leis não exigiam expressamente que a noiva fosse virgem. Se o marido não tinha queixa, a lei não via necessidade de se intrometer. Mas o rei Aethelbert estipulou que o presente da manhã deveria ser devolvido pela esposa nos casos de fraude. Era uma proteção para o marido que pagara o presente da manhã a uma mulher que esperava uma criança de outro homem.¹²⁴ Uma das leis de Alfred concedia uma certa indulgência pelos crimes de paixão: um homem que encontrava "outro homem com sua esposa, dentro de portas fechadas ou sob a mesma coberta; ou se encontra outro homem com sua legítima filha ou sua irmã ou sua mãe, se ela foi dada em casamento a seu pai, pode lutar contra o intruso com impunidade. Se ele matar o homem, os parentes do morto não terão permissão para vingá-lo".¹²⁵

Há uma orientação prática e firme nessas leis anglo-saxônicas. Desde os primórdios ficou estabelecido o princípio de que uma esposa não pode ser considerada responsável pela atividade

criminosa do marido... embora ela fosse julgada tão culpada quanto ele se os fatos provassem que era sua cúmplice: "Se alguém roubar de tal maneira que a esposa e os filhos não saibam de nada", dizia a lei do século VI do rei Ine, de Wessex, "ele pagará sessenta xelins como multa. Mas se roubar com o conhecimento de todas a sua família, todos irão para a escravidão." Canuto refinou o princípio quatrocentos anos depois: uma mulher não podia ser considerada culpada pelo roubo do marido, decidiu ele, a menos que o bem roubado fosse encontrado em um dos lugares específicos pelos quais a esposa, como guardiã das chaves da família, era responsável, como a despensa, qualquer arca grande, ou qualquer arca pequena, do tipo usado para guardar jóias.¹²⁶

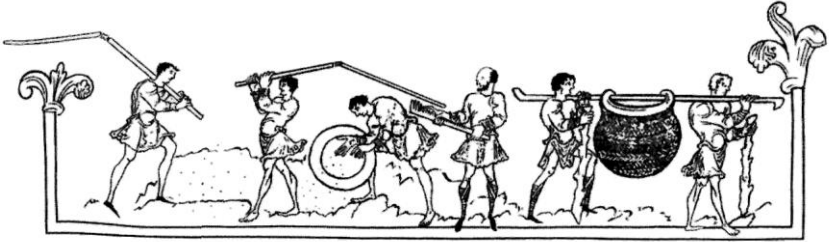
O desenho do calendário para o mês de novembro talvez descreva a terrível penalidade aplicada aos que eram suspeitos de roubo. Mostra uma figura esquentando um ferro no fogo. A suposição óbvia pode ser a de que se trata de um ferreiro forjando alguma coisa, talvez uma ferradura. Essa interpretação, no entanto, não combina com as figuras ao redor, que são mais bem explicadas por outra suposição.

A esquerda do desenho aparece uma pilha de tábuas. É bem possível que a figura ao lado, captada pelo artista no ato de carregar algumas tábuas, não tivesse boas intenções. Acusado de roubo, ele é levado ao ordálio por dois agentes de justiça em trajes cerimoniais, à direita do desenho, um dos quais segurando um pergaminho judicial enrolado. O suspeito está agora descalço e estende as mãos para o macabro teste. Terá de segurar o ferro em brasa e dar nove passos. Depois, as queimaduras serão tratadas e permanecerão cobertas por uma semana. Se os ferimentos estiverem ficando bons, quando as bandagens forem removidas, ele será julgado inocente. Mas se os ferimentos estiverem infeccionados, o que pode muito bem resultar em sua morte de qualquer forma, ele sofrerá a penalidade para o roubo no ano 1000: o enforcamento até a morte.

A forca se destacava do lado de fora de cada cidade medieval e nas encruzilhadas rurais, exibindo sua carga macabra, que ficava balançando ao vento até que as aves limpassem os ossos. Não era uma vista das mais agradáveis, nem tinha essa intenção. Junto com o julgamento pelo ordálio, o enforcamento era o dissuasivo mais eficaz que se podia ter numa época sem polícia ou prisões. Não caia nas malhas da justiça, dizia o recado. Não vale o risco.

O risco era imenso para os que não podiam pagar as reparações. O sistema de *wergild* significava que os ricos podiam pagar por suas violações, ao preço de 125 libras de prata para cada vida humana. Assim, enquanto um nobre assassino podia evitar a pena de morte, pagando pela vida que tirara, era mais do que improvável que um ladrão tivesse recursos para qualquer restituição. Não sabemos se as mulheres eram enforcadas, da mesma maneira que os homens. Mas parece provável que fosse um aspecto da vida e morte no ano 1000 a que se aplicava a igualdade sexual.

DEZEMBRO



O FIM DE TUDO,
OU UM NOVO COMEÇO?

Então vi descer do céu um anjo, com a chave de um abismo e uma grande corrente nas mãos. Ele agarrou o dragão, a serpente antiga, que é o Diabo ou Satanás, e o acorrentou por mil anos; jogou-o no abismo, que fechou e lacrou por cima, a fim de que não pudesse mais seduzir as nações até se passarem mil anos. Depois disso ele deve ser solto por algum tempo.

— *Apocalipse 20:1-3*

NÃO HAVIA COLUNISTAS DE FOFOCAS NO ANO 1000. Mas se *Vanity Fair* existisse, com toda certeza teria arrumado espaço para os escritos de Ralph Glaber. Era um monge borgonhês que escreveu em cinco volumes uma história do seu tempo, nossa principal fonte de informações sobre a maneira como as pessoas se sentiam no ano 1000 sobre a mudança no calendário, de um milênio para o seguinte. Deixando de lado as ansiedades do computador, a maioria das pessoas de hoje aguarda com ansiedade a chegada de 2000 e os anos subseqüentes, com um relativo otimismo. Mas há mil anos as pessoas nunca tinham passado por um marco assim. Passagens bíblicas, como o Apocalipse de São João, propunham desagradáveis possibilidades. O mundo chegaria ao fim? Haveria outro milênio? A vida continuaria, mas de alguma forma menos agradável, refletindo a libertação de Satanás, como São João descrevera?

Ralph Glaber escreveu sua história com essas indagações na mente. Ele ingressou em seu primeiro mosteiro em 997. Com apenas uma dúzia de anos, parece que tinha um comportamento perturbador, que o distinguia de seus companheiros. Como um historiador expressou, Glaber tinha "um instinto para a dissidência", ¹²⁷ pois no curso de seus cinquenta anos foi afastado de mosteiros em Auxerre, Champeaux, Dijon, Beze, Suze e finalmente a grande abadia de Cluny. Mas as andanças de Glaber lhe proporcionaram uma colcha de retalhos de perspectivas, um fato raro para aquela época. Mantinha um contato permanente com os rumores que circulavam no ano 1000. Como não era um eremita metido numa cela, escrevia num estilo descontraído, quase como se conversasse. Se é impossível confirmar tudo o que escreveu, ainda assim ele oferece uma

visão nítida e verossímil de como algumas pessoas, pelo menos, experimentaram o primeiro milênio.

Na aproximação do ano 1000, Glaber recolheu relatos sobre um cometa assustador que cruzara o céu:

Apareceu no mês de setembro, não muito depois do anoitecer, e permaneceu visível por quase três meses. Brilhava com tanta intensidade que sua luz parecia iluminar a maior parte do céu. Desaparecia quando o galo cantava. Mas se é uma nova estrela que Deus lança no céu, ou se Ele apenas aumenta o brilho normal de outra estrela, só Ele pode decidir. (...) O que parece determinado com o maior grau de certeza é que esse fenômeno no céu nunca aparece sem que os homens o considerem o sinal de algum acontecimento misterioso e terrível. E, de fato, um incêndio logo consumiu a igreja de São Miguel o Arcanjo, construída num promontório no oceano (Mont-Saint-Michel, ao largo da costa da Bretanha), que sempre foi o alvo de uma veneração especial no mundo inteiro.¹²⁸

Além da descrição do espetacular cometa de 989 — conhecido hoje como cometa de Halley — Glaber descreveu outros augúrios:

No sétimo ano do milênio... quase todas as cidades da Itália e Gália foram devastadas por violentos incêndios. A própria Roma foi em grande parte destruída pelo fogo. (...) Como uma só, (as pessoas) soltaram um terrível grito e correram para se confessar ao Príncipe dos Apóstolos.¹²⁹

Muitos homens eminentes morreram nessa ocasião, registrou Glaber, embora isso ocorra também em quase todas as épocas. Houve uma erupção de heresia na Sardenha. "Tudo isso combina com a profecia de São João, que disse que o demônio ficaria livre depois de mil anos",¹³⁰ escreveu o monge.

Glaber conhecera o Demônio, que apareceu várias vezes ao pé de sua cama. Como o monge recordou de suas visões, o Príncipe das Trevas era uma figura peluda, preta, encurvada, nariz achatado, barbicha, lábios grossos. Sussurrou pensamentos sediciosos, numa

tentativa de subverter o santo homem: "Por que vocês monges perdem tempo com vigílias, jejuns e mortificações?", arrulhou Lúcifer numa visita. "Um dia, uma hora de arrependimento, é tudo o que se precisa para alcançar a bem-aventurança eterna. (...) Então por que se dar ao trabalho de levantar ao som do sino, quando pode continuar a dormir?"¹³¹

Alguns historiadores têm citado esse típico episódio de Dr. Fausto para desacreditar a confiabilidade do testemunho de Glaber. Mas o relato do monge sobre sua visão ressaltava o paradoxo que a doutrina do arrependimento apresenta para qualquer cristão: se o arrependimento garante a salvação, por que não desfrutar alguns saborosos pecados antes de se arrepender? Se qualquer coisa, o sonho de Glaber indicava o raciocínio de uma mente cética... e sua história não se fixava excessivamente na sombria profecia de São João sobre o sofrimento do milênio. Depois do relato dos desastres naturais da década de 990, o monge passou para 1003:

*Pouco antes do terceiro ano depois do milênio, no mundo inteiro, mas especialmente na Itália e na Gália, os homens começaram a reconstruir igrejas, embora de um modo geral as existentes fossem construídas direito e nem um pouco desprezíveis. Mas parecia que cada comunidade cristã tentava superar todas as outras no esplendor da construção. Era como se o mundo inteiro estivesse se libertando, se desvencilhando do fardo do passado e vestindo-se por toda parte com um manto branco de igrejas.*¹³²

Glaber descreveu um mundo que prendera a respiração, esperando o pior... e o pior não acontecera. Enquanto viajava pelos campos, entre as grandes casas monásticas da Borgonha, o monge teve a oportunidade de observar diretamente a explosão de construções eclesiásticas de pedra que caracterizou o início do século XI. Aconteceu por todo o norte da Cristandade. A julgar pelas evidências da Inglaterra anglo-saxônia, havia grupos de pedreiros que viajavam de uma comunidade para outra, apresentando propostas pelas quais construíam igrejas paroquiais com plantas praticamente idênticas. Os prédios deviam tremeluzir, claros e belos, na verde paisagem medieval, como Glaber os descreveu... e como ocorre até hoje.

Glaber vinculou seu "manto branco" de novas igrejas a um mundo que se lançava em um novo começo. Mas trinta anos depois outras ansiedades assomaram. Em termos estritos, o reino de Deus na Terra não começou até a morte e ressurreição do Salvador, que ocorreu, segundo o Novo Testamento, quando Jesus tinha trinta e três anos. Portanto, 1033 não podia ser o ano em que as terríveis predições do Livro do Apocalipse se consumariam?

*Depois de muitos prodígios que irromperam no mundo antes, depois e em torno do milênio do Senhor Cristo escreveu Glaber, houve muitos homens capazes, de intelecto profundo, que previram outros, igualmente grandes, à aproximação do milênio da Paixão do Senhor, e esses acontecimentos assombrosos logo se manifestaram.*¹³³

A heresia tornou a surgir por volta do ano 1030, desta vez entre os lombardos. Houve horríveis períodos de fome, que forçaram os homens ao canibalismo, figuras amadas e distintas da igreja morreram, peregrinos partiram para Jerusalém, em vastas quantidades, sem precedentes. Glaber escreveu: "Acreditava-se que a ordem das estações e os elementos... haviam mergulhado num caos total, e com isso viria o fim da humanidade. (...) Não podia pressagiar outra coisa que não fosse o advento do amaldiçoado Anticristo, que segundo o testemunho divino deve aparecer no fim do mundo."¹³⁴

O Livro IV da *History* de Glaber descreveu as manifestações que se seguiram à feliz passagem do "apocalipse" de 1033:

No aniversário do milênio da Paixão do Senhor, as nuvens se abriram em obediência à misericórdia e bondade divina e o céu risonho começou a brilhar, com suaves brisas soprando. (...) A esta altura, na região da Aquitânia, bispos, abades e outros homens devotados à sagrada religião começaram a reunir conselhos de todas as pessoas. (...) Quando as notícias dessas assembléias se espalharam, toda a população compareceu em alegria, disposta a seguir por unanimidade qualquer coisa que fosse ordenada pelos pastores da igreja. Uma voz descendo do céu não poderia ter feito mais, pois todos ainda se

encontravam sob o efeito da calamidade prévia e temiam a perda futura da abundância.¹³⁵

O relato de Glaber é confirmado por outras fontes. Por várias décadas, no meio do século XI, imensas multidões reuniam-se nos campos abertos da França para venerar relíquias e prestar juramentos de paz. O movimento tornou-se conhecido como "Paz de Deus". Historiadores econômicos têm explicado o fenômeno em termos do desejo da igreja de proteger suas propriedades numa época de pequenas guerras. A pregação populista incitava os sentimentos contra os nobres à margem da lei. É bem provável que alguns pregadores invocassem as angústias do milênio para seus propósitos.

O teólogo Abbo de Fleury recordou um sermão pré-milênio em sua juventude que fazia exatamente isso. Um pregador parisiense anunciara que "assim que o número de mil anos for completado, o Anticristo virá e o juízo final se seguirá em breve".¹³⁶ Abbo desdenhou as ansiedades do pregador, citando algumas passagens alternativas das escrituras. Na Inglaterra, porém, o eloquente arcebispo Wulfstan, de York, não teve reservas ao invocar os medos do milênio. Foi em 1014, quando a guerra entre Ethelred e os invasores dinamarqueses era mais encarniçada, que o maior pregador da Inglaterra compôs seu famoso *Sermão do Lobo Para o Inglês*:

Caros amigos. (...) Este mundo tem pressa e se aproxima cada vez mais do seu fim. Sempre acontece que quando mais dura, pior se torna. E assim deve ser, porque o advento do Anticristo se torna ainda mais terrível por causa dos pecados das pessoas. Com isso, será brutal e se espalhará terrível pelo mundo inteiro.¹³⁷

O sermão inflamado de Wulfstan chegou até nós sob a forma escrita. Era para ser lido pelos monges e entregue aos padres das paróquias. Mas em sua paixão arrebatada, quase que se pode ouvir a voz retumbante do arcebispo ao dizê-lo pessoalmente. Mesmo na tradução, sua prosa ainda conserva o ritmo compulsivo de Jesse Jackson ou Martin Luther King:

O demônio enganou este povo demais. Há pouca fé entre os homens, embora eles falem palavras justas.

Crimes demais foram praticados sem qualquer controle nesta terra. (...) As leis do povo se deterioraram por completo desde que Edgar morreu; e os lugares sagrados estão expostos por toda parte aos ataques. As casas de Deus estão privadas de seus ritos antigos, despojadas de tudo o que é apropriado. As ordens religiosas há muito tempo que são desprezadas. As viúvas são obrigadas a casar de uma maneira indigna. Muitas pessoas estão reduzidas à miséria. Os pobres são enganados de uma maneira infame, iludidos com intensa crueldade, em sua profunda inocência, vendidos para a posse de estrangeiros em terras distantes. Com uma cruel injustiça, crianças pequenas são escravizadas por pequenos furtos nesta nação. Os direitos dos homens livres foram suprimidos e os direitos dos escravos, restritos, os direitos de caridade, negligenciados. Para resumir, as leis de Deus são odiadas e seus mandamentos, desprezados.¹⁵⁸

Pregando em 1014, Wulfstan não fez qualquer referência aos aniversários de 1000 e 1033 que Glaber tanto destacou, mas suas palavras continham o mesmo senso de passagem de algum limiar assustador no tempo. As pessoas prendiam a respiração na Inglaterra, como Glaber descreveu que ocorria na França. Datas não eram uma preocupação de Wulfstan, mas sim os sofrimentos da Inglaterra. O arcebispo não tinha a menor dúvida de que os vikings, em seus navios de dragão, agiam como instrumentos do Anticristo: "Nós lhes pagamos sempre, mas eles nos humilham todos os dias. Devastam e incendeiam, saqueiam e roubam, levam os despojos para sua frota. E pronto! Que outra coisa é clara e evidente em todos esses acontecimentos, se não a ira de Deus?"¹³⁹

A medida que o ano 2000 se aproxima, os historiadores modernos têm debatido se as preocupações expressas por Glaber e Wulfstan constituem evidências de que a Cristandade marcou o primeiro milênio como um momento no tempo especialmente significativo. Os que duvidam da confiabilidade do testemunho de Glaber, e explicam o sermão de Wulfstan exclusivamente em termos dos sofrimentos da Inglaterra às mãos dos vikings, ressaltam os muitos testamentos ingleses feitos na década de 990. Foram todos escritos na suposição calma e inequívoca de que o mundo continuaria exata-

mente como sempre fora. Não há um único testamento ou qualquer outro documento anglo-saxão que faça qualquer referência a um iminente apocalipse. Com toda certeza, seria um erro imaginar multidões reunidas na Engla-lond, para fazer a contagem regressiva, ao estilo moderno, para o fim de uma era e o início de outra.

O desenho para dezembro do Calendário de Trabalho de Julius, nosso encontro final com o grupo de figuras descontraídas que tanto trabalharam, com a maior disposição, mês após mês, ao longo do ano, versa sobre negócios, como sempre. Os homens estão malhando cereais, joeirando e carregando o produto de sua colheita, pronto para o próximo ano, num cesto de vime trançado. Há todos os motivos para acreditar que foi exatamente assim que a Engla-lond preparou-se para e saudou o início do segundo milênio. Só os letrados se encontravam em posição de se preocuparem com o que aconteceria quando o ano DCCCCLXXXVIIIJ* se tornasse um simples M. Teriam alguma dificuldade para concordar sobre o dia e a hora específicos em que o momento deveria ser marcado: 25 de dezembro? 1º de janeiro? Dia da Anunciação (25 de março)?

A profusão de possíveis pontos de partida para um "ano novo" mostrava como o tempo era dividido de maneira imprecisa para a maioria das pessoas no ano 1000 — e tinham uma tremenda autoridade por sua vaguidão. Era absurdo e impertinente, argumentou o filósofo Santo Agostinho de Hippo, o homem impor seus cálculos mortais às obras de Deus. De acordo com a escola de "negócios como sempre" dos historiadores modernos, as preocupações do milênio de Glaber e Wulfstan não tinham mais significado do que as jeremiadas dos crédulos e depressivos que se angustiam em cada sociedade — os equivalentes medievais dos crentes em OVNI, Triângulo das Bermudas e Arquivos X.

E no entanto, no entanto... A atração do extraordinário sermão de Wulfstan deriva do vigor com que capta e expressa o espírito do seu tempo. O sentimento intenso de desastre tem uma ressonância que é mais profunda do que a imaginação de um único clérigo. A história de Ralph Glaber ressoa com o mesmo eco. Sua narrativa pode ter sido pitoresca, mas não surgiu do nada. Pecado, punição e Anticristo estavam obviamente ligados nessas intensas visões contemporâneas a uma preocupação comum com uma encruzilhada no

* 999 — os anglo-saxões seguiam o estilo de numeração romano mais antigo.

tempo. O mundo mudava; e embora seja da natureza do mundo mudar, o final do primeiro milênio proporcionou a algumas pessoas o estímulo para considerar esse fato com uma seriedade extra, ponderando sobre o assombro e desespero contidos no chavão eterno.

Em Roma, o inquietante novo milênio foi introduzido por um novo e preocupado Papa. Uma leitura precisa do Livro do Apocalipse não prevê que o mundo terminará com a conclusão de mil anos. Em vez disso, profetiza que o Demônio será solto para cometer suas maldades. A medida que as pessoas olhavam ao redor, em busca de indicações de onde ou quem o Anticristo podia ser, fixaram-se no Papado e em seu novo e controvertido ocupante, Gerbert de Aurillac, que assumira o título de Papa Silvestre I.

Com o nome da pequena cidade da Aquitânia em que nasceu, em 941, Gerbert foi para a Espanha quando jovem, a fim de estudar as técnicas matemáticas e científicas dos sarracenos. Também estudou os textos clássicos de Platão e Aristóteles, além dos poemas de amor perigosamente seculares de Ovídio. Gerbert estudou ainda as doenças do olho. Como um músico de talento, desenvolveu sua versão do novo órgão de foles mecânico. Construiu um planetário, cheio de esferas de madeira, a fim de determinar os movimentos dos corpos celestes. Escreveu um tratado sobre o astrolábio. Se alguém personificou o espírito ansioso de uma nova era foi esse homem inteligente e controvertido, que fez tantos inimigos quanto Ralph Glaber, mas se elevou de uma maneira significativa a alturas muito maiores.

Foi o apoio da dinastia ottoniana que proporcionou a Gerbert sua eminência. Inspirados pela ambição de Otto I, o rei alemão que tentava reconstituir o império de Carlos Magno e transferir seu quartel-general para Roma, os ottonianos dominaram a política na Europa nas décadas que levaram ao milênio. Gerbert atraiu a atenção de Otto II em um dos debates filosóficos que eram os equivalentes da época às lutas em disputa pelo título de peso-pesado. Estudiosos e estudantes viajavam por toda a Europa para acompanhar esses debates públicos, aclamando um dos doutos concorrentes, enquanto argumentavam os prós e contras de uma proposição filosófica.

Gerbert triunfou num debate que se prolongou durante um dia inteiro em Ravena, em novembro de 980. Sua agilidade mental lhe proporcionou a vitória na proposição de que a física é um ramo da matemática, não uma disciplina separada. Otto presidira o torneio

como um mestre-de-cerimônias e árbitro. Avaliou Gerbert como uma inteligência excepcional que poderia conferir lustro às suas ambições. Os ottonianos procuravam por classe onde quer que pudessem encontrá-la. Na década de 930, Otto I casara com Edith, irmã do rei Athelstan, para adquirir um pouco do lustro da dinastia real mais antiga da Europa, a casa de Wessex. Depois da morte de Otto II, em 983, Gerbert permaneceu um protegido, conselheiro e matemático da corte do seu sucessor, Otto III, apenas uma criança ao ascender ao trono. Ele também dava conselhos ao duque franco Hugo Capeto, que se tornou rei da França em 987, em parte graças aos conselhos e influência do astuto religioso.

Assim, era de se esperar que a excepcional inteligência e a grande influência política de Gerbert passassem a inspirar inveja e desconfiança. O homem devia ter feito um pacto com o Diabo, diziam seus detratores, que também usavam a atração de Gerbert por instrumentos científicos e a mania de estudar o céu como uma prova de necromancia. Os estudos que Gerbert fazia de manuscritos antigos, obtidos através de seus relacionamentos com os infieis sarracenos, agravavam sua posição. Quando ele se tornou Papa, graças à influência de Otto III, na véspera do milênio, os críticos concluíram que já dispunham de todas as provas de que precisavam. Gerbert, o primeiro Papa francês, só poderia ter obtido o trono papal pela venda de sua alma, disseram. O Anticristo alcançara o poder na Cristandade, como São João profetizara.

Gerbert morreu apenas três anos depois, o que foi considerado uma confirmação final de sua apostasia. O Demônio não pudera esperar para reclamar o que era seu. A lenda foi a de que o último desejo de Gerbert foi o de que seu corpo fosse cortado em pedaços separados, a fim de que Satã não pudesse levá-lo por completo. Essa história foi levada tão a sério que seis séculos e meio depois, em 1648, pesquisadores do Vaticano exumaram seu corpo. O esqueleto estava intato.

Quando Gerbert tornou-se Papa, em 999, a escolha do título de Silvestre II convidava a uma comparação deliberada com o primeiro Silvestre, que fora bispo de Roma na época de Constantino, o mais antigo imperador cristão. Mas a festa do primeiro Silvestre era no dia 31 de dezembro, a véspera do Ano-novo na Roma clássica. A ligação do segundo Silvestre com a data pagã foi mais lenha na fogueira de seus críticos. A inovação mais suspeita do novo Papa

foi a sua defesa do ábaco, a exótica máquina de calcular que estava revolucionando a aritmética da época. O uso dos numerais romanos tinha um efeito paralisante sobre os cálculos. Era bastante difícil somar MCXIV e CXCIX, mas multiplicar um conjunto de letras por outro era virtualmente impossível. O estudioso Alcuíno disse que 9.000 devia ser considerado o limite máximo, além do qual não era mais possível calcular. Quando isso era escrito como MMMMMMMMMM, pode-se compreender o que ele dizia.

Com o ábaco, no entanto, esses cálculos complexos podiam ser efetuados através dos movimentos de contas numa estrutura. Na Europa Ocidental, era mais comum o movimento de peças num tabuleiro quadriculado, o que explica o desenvolvimento na Inglaterra, no início do segundo milênio, da casa de contabilidade do governo com o nome de *exchequer*, o tabuleiro de cálculos, como persiste até hoje. Assim como os cálculos convencionais foram suplantados pelo moderno microchip, o mecanismo do ábaco eliminou a necessidade de escrever os números, acelerando os cálculos de uma maneira mágica. Seu efeito potencial sobre os processos comerciais, intelectuais e científicos da época foi comparável ao impacto do computador hoje.

O ábaco foi uma das novas e desconcertantes dimensões para o pensamento matemático e geral, que também incluíram o zero e o infinito. Esses são dois dos conceitos fundamentais necessários para compreender um universo que opera por suas próprias regras de lógica, em vez de ser o inescrutável brinquedo de um criador divino. Abriram a porta para um novo mundo. O florescimento de todas essas novas idéias estava no futuro... e não chegaram à Inglaterra antes de 1066. Mas graças a Gerbert de Aurillac, o Bill Gates do primeiro milênio, chegaram na Cristandade quase que exatamente com o ano 1000. Depois de sua chegada, a vida nunca mais seria a mesma.

O ESPÍRITO INGLÊS

E há também uma necessidade de que cada um deva compreender de onde veio e o que é... e o que vai se tornar.

— *Wulfstan, Arcebispo de York de 1002 a 1023*

UMA INGLATERRA VERDE E APRAZÍVEL, COM amplo espaço para respirar, o som de passarinhos e sinos de igreja, o cheiro intenso de fumaça de lenha ao final de uma tarde de outono: a vida no ano 1000 pode ser evocada com algumas imagens muito atraentes. São complementadas pelos tesouros de beleza fascinante que foram recuperados de igrejas anglo-saxônicas e sítios arqueológicos: dois anjos de marfim entrelaçados com extrema delicadeza, de Winchester, esvoaçando para o céu, impulsionados como a semente de dupla hélice do falso-plátano;¹⁴⁰ uma presa de morsa, agora no Museu de Liverpool, que deve ter sido esculpida por volta do ano 1000, com duas ovelhas espiando de baixo da manjedoura do Menino Jesus;¹⁴¹ e do túmulo do grande arcebispo Wulfstan, que morreu em 1023, um fino e requintado alfinete de bronze para manto — presumivelmente, o próprio alfinete com que prendia as vestes antes de subir ao púlpito — com uma minúscula treliça gravada na cabeça em forma de diamante.¹⁴² Não se faria um melhor trabalho hoje.

Mas também, numa sepultura em Kingsworthy, Hampshire, foram encontrados os ossos de uma mãe com o esqueleto de seu bebê já no canal de nascimento. A mulher deve ter morrido durante o trabalho de parto, sem qualquer ajuda da medicina, muito menos o drástico recurso da cesariana, que não é registrada como sendo tentada na Inglaterra até o século XVI; e não há registro de alguma mulher sobrevivendo ao procedimento até o século XVIII.¹⁴³ A reconstituição da pélvis da mãe de Kingsworthy mostra que era estreita e apertada, enquanto os ossos do bebê são maiores do que a média, sugerindo um peso ao nascimento de quatro quilos a quatro

e meio.¹⁴⁴ Portanto, a melhor explicação para esses restos mortais — como para outro esqueleto trágico, encontrado em Londres, com ossos fetais dentro do abdômen — é de que a mãe morreu quase que certamente de pura exaustão, depois de longas horas a tentar em vão dar à luz uma criança que não tinha a menor possibilidade de nascer pelos meios normais. Morte, doença e desconforto eram companheiros do cotidiano no ano 1000. Viver ao longo da ronda anual de labuta descrita no Calendário de Trabalho de Julius representava um autêntico triunfo do espírito humano.

As coisas mais simples eram muito difíceis de realizar. A fabricação de uma única moeda exigia um enorme tempo e esforço, assim como acionar o torno manual para fazer um copo de madeira, do tipo que uma máquina produz hoje em vastas quantidades. Cada artefato básico representava horas de habilidade, esforço e engenhosidade, em troca de uma recompensa material mínima. Reis e religiosos eminentes viviam em relativo conforto, mas não havia margens de lucros grandes ou exageradas para ninguém. Para a vasta maioria das pessoas comuns, a vida era uma luta, até mesmo nos menores aspectos. Imagine usar um traje de baixo de lã, áspera, tecida à mão, já que não havia algodão. Só os ricos podiam se dar ao luxo de usar roupas de linho... e teria uma textura que deixaria a pele moderna coçando. A poesia do ano 1000 celebrava as qualidades do herói... e cada homem e mulher tinha de ser exatamente isso só para sobreviver de um dia para outro.

A diferença mais óbvia entre o ano M e o ano MM é a de bilhões de pessoas a mais para as quais o segundo milênio possuirá algum significado. Hoje, os sistemas judaico, budista e muçulmano de contar o tempo ainda predominam em suas culturas, onde o ano 2000 será respectivamente 5760, 2544 e 1420. Mas o conceito do ano 2000 e um novo milênio adquiriu um significado para muitas sociedades não-cristãs do mundo, quanto menos não seja por causa dos sistemas de computadores, que se tornaram mais ligados do que era tencionado ao sistema de data popularizado há treze séculos por Beda, o Venerável. Por motivos grandiosos, banais ou apenas coincidentes, a cultura que se desenvolvia no enevoadado canto noroeste da Europa espalhou seus valores por todo o mundo moderno... e os desenhos e versos latinos do Calendário de Trabalho de Julius fornece algumas indicações sobre como e por que isso aconteceu.

O Calendário é dedicado ao trabalho e oração. Sua mensagem é a de que se deve trabalhar sem questionar, da mesma maneira como se cultua Deus. Essa ética do trabalho fundamental, posta em prática durante a maior parte do milênio seguinte, viria a constituir a base do sucesso material na Inglaterra e em todos os outros países que a partilharam. Já nesses desenhos há insinuações do que aconteceria no Ocidente industrial. O lavrador de janeiro conduz seus bois alimentados em baias como se fossem máquinas. São animais, mas ele os usa como enormes motores que podiam realizar muito mais trabalho em menos tempo do que seria possível apenas com o trabalho humano, sem qualquer ajuda. Foi esse tipo de energia mecânica que produziu o excesso de alimentos que sustentaria, durante os séculos subseqüentes, a crescente proporção de ingleses vivendo em cidades... e foi através das cidades que se acabou conquistando a prosperidade coletiva e a liberdade política coletiva.

Numa análise da Europa no ano 1000, vamos constatar que havia muitas sociedades para as quais se podia prever riqueza e império à frente da Inglaterra... e potencialmente à custa da Inglaterra. Os ambiciosos imperadores ottonianos controlavam as antigas capitais de Carlos Magno e do Império Romano. Em Constantinopla, os soberanos de Bizâncio mantinham a tradição da grandeza imperial da cidade. Na Espanha, os sarracenos ameaçavam com conquistas adicionais, na direção dos reinos cristãos ao norte. E havia ainda os impérios baseados em Bagdá, Pérsia e Índia... e mais ao leste, Coréia, China e Japão.

Mas todas essas estruturas de poder de domínio local eram autocracias — e a autocracia, a longo prazo, provaria não ser o caminho para o futuro. Era inflexível e cheia de preconceitos, com uma resistência fatal ao espírito de inovação de que o progresso depende. Os ingleses podiam parecer tolos quando pagavam o Danegeld aos bárbaros vikings por volta do ano 1000, mas pelo menos sabiam como gerar seu dinheiro através da livre iniciativa, em vez da conquista brutal. Os impostos que sem dúvida provocaram muitos protestos só podiam ser cobrados e pagos com tanta freqüência se houvesse, em última análise, um consentimento popular.

Consentimento e cooperação social figuram entre os elementos mais difíceis de definir em qualquer sociedade, mas demonstrariam ser cruciais para o futuro a longo prazo do sistema inglês. Partilhar a tecnologia da equipe de arado era um exercício de organização comunitária. A descrição do arcebispo Wulfstan sobre a maneira

como uma propriedade agrícola devia ser administrada no ano 1000 dependia do trabalho escravo e baseava-se na autoridade do senhor local. Essa autoridade, no entanto, só podia operar pelo respeito aos direitos da comunidade. Os ingleses descreviam-se como "súditos" no ano 1000, como fazem hoje, mas dez séculos de desenvolvimento político lhes valeriam direitos e privilégios que os tornaram a inveja de "cidadãos" em outros países.

Um fato menos atraente, os ingleses estavam prestes a iniciarem uma longa fase de sua história em que não teriam muito respeito pelos direitos dos outros. Dentro de cem anos, lançariam o seu programa de expansão global, que começou com as Cruzadas, a oportunidade aproveitada com a maior exultação pela Cristandade para devolver aos infiéis um sólido gosto da agressão que a Europa já sofrera. A Inglaterra aderiu ao ataque sem a menor hesitação. Podia agradecer aos normandos pelos cavalos de combate, os castelos de pedra e os grandes avanços na tecnologia militar, mas financiou tudo isso com a riqueza que vinha das fontes da antiga economia anglo-saxônia. A arqueologia nos fala sobre a cunhagem que ao mesmo tempo expressava e possibilitava a crescente potência do comércio inglês. Isso foi reforçado pelas melhorias contemporâneas na matemática. Os numerais árabes apareceram pela primeira vez num documento ocidental em 976. Embora séculos fossem transcorrer antes que esses numerais se tornassem parte do uso comercial comum, apontavam o caminho para a numeração em que se baseou a moderna ciência, tecnologia, comércio e economia.

Os testamentos e outros documentos que nos chegaram da Inglaterra anglo-saxônia revelam outro ingrediente do futuro dessa sociedade. A precisão meticulosa com que esses documentos descrevem cada detalhe dos limites de uma propriedade demonstra a seriedade com que se considerava o patrimônio no ano 1000. Embora isso não fosse absolutamente exclusivo da Inglaterra, seria outro ingrediente no sucesso futuro do país. No século XVIII, Edmund Burke argumentaria que a santidade da propriedade era o requisito básico da iniciativa econômica, já que o incentivo não pode ter significado se a sociedade não garante a posse segura da propriedade.¹⁴⁵

Como hoje aguardamos um milênio em que a organização global, supranacional, parece ser uma chave óbvia para o futuro, alguns podem considerar a nacionalidade como um conceito superado. Mas a nacionalidade foi o motor do progresso da Inglaterra nos séculos subseqüentes ao ano 1000. O fascinante sermão do

arcebispo Wulfstan a seus compatriotas foi ao mesmo tempo um lamento sombrio e um toque de clarim para despertar o sentimento nacional da Inglaterra. A geografia foi um fator vital. A língua proporcionou outro. Apesar da democracia, tecnologia e iniciativa econômica inglesas assegurarem muitas conquistas ao longo dos mil anos seguintes, foi a força e flexibilidade da língua inglesa que garantiu a mais universal de todas as conquistas.

Os documentos mais antigos escritos em *englisc* tendiam por natureza para a formalidade, se eram documentos legais, e para o heroísmo convencional, se eram poemas. Mas há um poema do Old English que transmite alguma coisa do questionamento interior, junto com o espírito estóico de destino, que inspirou homens e mulheres a continuarem a batalhar com as realidades da vida na passagem do primeiro milênio:

*Muitas e muitas vezes, com a graça de Deus,
Homem e mulher põem uma criança
No mundo e a vestem de cores alegres;
Amam e ensinam, enquanto as estações passam,
Até que os jovens ossos fortalecem,
Pernas e braços se alongam...*

Intitulado *The Fortunes of Men*¹⁴⁶ (literalmente As Fortunas dos Homens), o poema era uma meditação sobre o destino — *wyrd* em *englisc*, "o que será" —, pois depois de descrever a inocente alegria de mãe e pai criando seus filhos o autor anônimo passava a examinar os diferentes destinos que uma criança do primeiro milênio poderia encontrar no curso de sua vida:

*A fome vai devorar um, a tempestade afogar outro,
Um será abatido pela lança, outro retalhado em batalha...*

The Fortunes of Men apresentava um amplo catálogo dos riscos que um jovem — ou seus preocupados pais — podiam temer na Inglaterra do ano 1000, de cair de uma árvore na época da colheita da maçã a uma briga numa festa em que a bebida correu livre:

*Um vai cair, sem asas, do alto da árvore...
Um vai balançar do laço de uma corda...
A ponta da espada tirará a vida de um*

*No banco da taverna, atacado por um bêbado
Encharcado de vinho. Suas palavras foram imprudentes...*

Mas a vida também podia oferecer alegria e realização: "o êxtase de um jovem", sugeriu o poeta, "... força na luta corpo a corpo... habilidade com a lança e o arco-e-flecha... sorte nos dados... uma mente astuta para o xadrez". Ao falar da parte melhor da vida, *The Fortunes of Men* mostrou os prazeres seculares com que as pessoas sonhavam na passagem do primeiro milênio. É verdade que a natureza dos prazeres que o poeta projetou para os favorecidos pelo Destino e Deus sugeria ambições nitidamente masculinas. A lista de desejos do poeta por esporte, dinheiro fácil e diversão na taverna era a mesma de qualquer jovem vigoroso no século XX:

*Um vai se deliciar na alegria
Dos homens na taverna tomando cerveja...
Um vai sentar ao lado de sua harpa
Aos pés do seu senhor, ganhando tesouros...
Um vai domar o arrogante pássaro selvagem,
O falcão em seu punho, até conseguir
Que ele se torne manso, preso na correia...*

O poeta deixou a grande pergunta para os leitores: para que lado sua vida irá... para a felicidade ou para alguma tragédia? E *wyrd*, a resposta no ano 1000, era um desafio tão imponderável quanto o "*What Will Be*", o que será, nos dias de hoje. Só Deus podia dizer... ou o Destino.

O que C. S. Lewis chamou de "esnobismo da cronologia" nos encoraja a presumir que, só porque vivemos por acaso depois dos nossos ancestrais e podemos ler livros que nos oferecem algum relato do que lhes aconteceu, devemos também saber mais do que eles. Claro que temos mais fatos à nossa disposição. Temos mais riqueza, tanto pessoal quanto nacional, melhor tecnologia e meios infinitamente mais eficientes de preservar e prolongar nossas vidas. Mas fica em aberto se demonstramos hoje mais sabedoria ou bom senso. Ao olharmos para trás, no esforço de descobrir como as pessoas lidavam com as dificuldades cotidianas da existência, podemos também considerar se, com toda a nossa sofisticação, seríamos capazes de enfrentar os desafios do mundo deles com a mesma coragem, bom humor e filosofia.

Notas

O Calendário de Trabalho de Julius pode ser estudado na Biblioteca Britânica em Londres, de acordo com as regras e condições de acesso à Sala de Manuscrito. Está catalogado como Cotton MS Julius A.VI. Veja as obras de Patrick McGurk relacionadas na bibliografia, para a última transcrição acadêmica e análise do documento publicada. Veja também Baker e Lapidge por uma transcrição e tradução do texto no cabeçalho da página do calendário. O dr. David Hill, da Universidade de Manchester, preparou uma importante análise ilustrada do calendário, do ponto de vista das técnicas agrícolas anglo-saxônicas, ainda inédita, *The Turning Year*. Além das idéias e temas sugeridos por nossas entrevistas com os especialistas relacionados nos Agradecimentos, detalhes importantes do texto vêm das seguintes fontes, cujos detalhes completos podem ser encontrados na bibliografia:

1. Ver Tite, p. 79, para uma descrição da biblioteca de Sir Robert Cotton.
2. Fell, p. 21.
3. Ver Werner, p. 108, para uma tabela da altura das pessoas em Londres ao longo dos séculos, baseada em escavações que remontam aos tempos pré-históricos. Mostra, por exemplo, que a altura média do homem saxão era de 1,72m, em comparação com a média moderna de 1,74m (e a média do homem vitoriano era 1,66m). A tabela também mostra que a mulher Saxônica média era mais alta do que a londrina moderna, cuja altura média é de 1,61 m. A altura equivalente para a mulher vitoriana era 1,56m.
4. *Ibid.*
5. Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, pp. 174, 175.
6. Derry e Williams, p. 57; Daumas, pp. 468-470.
7. Beda, p. 186.
8. *Ibid.*, p. 189.
9. *Encyclopaedia Britannica*, Macropaedia, vol. 3, pp. 595 e seguintes, Calendário.
10. Farmer, pp. 339, 340.
11. Herzfeld, p. X.
12. Beda, p. 75.
13. Phillips, p. 40.
14. *Aelfric's Lives of the Saints*, citado em Brooke, *Popular Religion*, p. 37.
15. *Ibid.*
16. Whitelock, *Anglo-Saxon Wills*, p. 39. Aelfflaed era a viúva de Byrhtnoth, herói da Batalha de Maldon.
17. *Ibid.*, p. 55.
18. Whitelock, *English Historical Documents*, p. 536.

19. É lugar-comum da pesquisa arqueológica a constatação de que os volumes do cérebro humano não se alteraram de maneira significativa desde os primeiros tempos históricos.
20. Heaney, linhas 216-222.
21. Johnson, p. 26.
22. McCrum, p. 55. Deve-se presumir que números significativos de britônicos permaneceram em suas casas e se tornaram assimilados pelos invasores, mas não há possibilidade de determinar quantos.
23. *Ibid.*, p. 58.
24. Nossos agradecimentos a Stephen Pollington por fornecer esses exemplos de diálogos de Old English e nórdico.
25. McCrum, p. 71.
26. Swanton, *Anglo-Saxon Chronicle*, pp. 106, 109.
27. *Ibid.*, registros para 962, 973 e 978.
28. McCrum, pp. 70, 71.
29. Daumas, p. 489.
30. Whitelock, *Anglo-Saxon Wills*, pp. 111, 112.
31. Crossley-Holland, p. 262.
32. Finberg, p. 220.
33. *Ibid.*, p. 224. O tratado é conhecido como *Gerefa*.
34. Crossley-Holland, p. 261.
35. Aelfric, "Sermão Sobre o Sacrifício do Dia de Páscoa", em Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, pp. 149-152.
36. Langland, p. 81.
37. Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, pp. 121 e seguintes.
38. Hagen, *Handbook*, p. 107.
39. *Ibid.*, p. 112.
40. Beda, p. 226.
41. Hagen, *Handbook*, p. 109.
42. Hagen, *Second Handbook*, p. 93.
43. *Ibid.*, p. 163.
44. Whitelock, *Anglo-Saxon Wills*, p. 65.
45. Hagen, *Second Handbook*, pp. 230, 231.
46. Enigma do Livro de Exeter, citado em Hagen, *Second Handbook*, p. 233.
47. *Beowulf*, em Crossley-Holland, p. 89.
48. Hooke, p. 207.
49. Whitelock, *English Historical Documents*, p. 829.
50. Andrew Pulsiano, "The Ghost of Asser", em Pulsiano e Treharne, p. 255.
51. Daumas, p. 506.
52. Finberg, p. 76.
53. *Ibid.*, p. 190.
54. Pollington, *English Warrior*, Apêndice III.
55. Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, pp. 181, 182.
56. *Anglo-Saxon Chronicle*, citado em Finberg, pp. 183, **184**.
57. Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, p. 175.
58. Derry e Williams, p. 90.
59. Hill, "Towns as Structures and Functioning Communities", em Hooke, p. 207.
60. Whitelock, *Beginnings*, p. 116.

61. *Ibid.*, p. 129.
62. *Ibid.*, p. 132.
63. *Ibid.*, p. 133.
64. Beda, p. 359.
65. Southern, p. 44.
66. *Ibid.*, pp. 34, 35.
67. Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, p. 173.
68. Eodger, p. xxiii.
69. *Ibid.*, pp. 4-16.
70. *Metres of Boethius*, de Alfred, metre 20, linhas 161-175, citado em Griffiths, *Anglo-Saxon Magic*, p. 236.
71. Robert Worth Frank, Jr., em Sweeney, p. 227.
72. Camporesi, p. 18.
73. Gilbert, p. 15.
74. Citado por Rose Graham em Barraclough, *Social Life*, p. 74.
75. Banham, *Monasteriales Indicia*. Todas as referências são tiradas desse livro lúcido e esclarecedor, que inclui uma série de ilustrações.
76. McGurk, "*Metrical Calendar*", p. 88.
77. Citado em Hagen, *Second Handbook*, p. 363.
78. Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, p. 174.
79. Hagen, *Handbook*, p. 20.
80. Hoskins, p. 81.
81. Fichtenau, p. 272.
82. Power, p. 108.
83. Fell, p. 146.
84. Griffiths, *Anglo-Saxon Magic*, p. 58.
85. *Ibid.*, p. 65.
86. Jones, *Medieval Medicine*, p. 39.
87. Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, p. 263.
88. Power, p. 24.
89. *De Temporum Ratione*, capítulo 35, citado em Griffiths, *Anglo-Saxon Magic*, p. 66.
90. Livro das Sanguessugas de Bald, I 72, citado em Swanton, *Anglo-Saxon Prose*, p. 259.
91. Citado em Griffiths, *Anglo-Saxon Magic*, p. 66.
92. Bokonyi, "*Stockbreeding and Herding in Medieval Europe*", em Sweeney, p. 53.
93. Hagen, *Second Handbook*, p. 49.
94. *Ibid.*
95. Hagen, *Handbook*, p. 99.
96. Daumas, p. 276.
97. Derry e Williams, p. 67.
98. Encantamento do alemão antigo, citado em Power, pp. 23, 24.
99. Rodrigues, p. 151.
100. Hill, "*A Handful of Grit*".
101. Claiborne, pp. 349-364.
102. *De Natura Rerum*, capítulo 36, citado em Griffiths, *Anglo-Saxon Magic*, p. 230.
103. *De Tonitruis Libellus*, citado em Griffiths, *Anglo-Saxon Magic*, pp. 230-231.
104. Swanton, *Anglo-Saxon Chronicle*, 885 d.C.

105. Herbert, *Lost Gods*, p. 15.
106. Power, p. 23.
107. Herbert, *Lost Gods*, p. 20.
108. Beda, p. 76.
109. *Ibid.*, p. 133.
110. Hill, "*The Grane and the Gyr Falcon*".
111. Howarth, p. 175.
112. Crossley-Holland, p. 241.
113. Porter, *Riddles*, p. 67.
114. Fell, p. 17.
115. Swanton, *Anglo-Saxon Chronicle*, 913 d.C.
116. Fell, p. 109.
117. Beda, p. 245.
118. Fell, p. 109.
119. *Ibid.*, p. 126.
120. *Ibid.*, p. 57.
121. Whitelock, *English Historical Documents*, p. 426.
122. Fell, p. 64.
123. *Ibid.*, p. 47.
124. *Ibid.*, pp. 57-59.
125. Leyser, p. 49.
126. Fell, p. 59.
127. Focillon, p. 64.
128. France, p. III.
129. *Ibid.*, p. 75.
130. *Ibid.*, p. 93.
131. *Ibid.*, p. 216.
132. *Ibid.*, pp. 115, 117.
133. *Ibid.*, p. 171.
134. *Ibid.*, pp. 193, 205.
135. Thompson, pp. 47, 48.
136. Focillon, p. 54.
137. *Sermo Lupi ad Anglos*, parágrafo inicial, traduzido para o inglês moderno pelo dr. Andy Orchard.
138. Crossley-Holland, pp. 294-295.
139. *Ibid.*, p. 297.
140. Reproduzido em Campbell, p. 196.
141. *Ibid.*, p. 197.
- 142.. *Ibid.*, p. 201.
143. Porter, Roy, pp. 231, 277.
144. Deegan e Scragg, p. 17.
145. Landes, p. 32. Veja os capítulos iniciais deste estimulante livro para uma análise mais ampla dos problemas.
146. Crossley-Holland, p. 304.

Bibliografia

* * *

Esta bibliografia relaciona os livros e artigos sobre os quais o texto se baseou, além do material fornecido pelas entrevistas indicadas nos Agradecimentos. Aos leitores estimulados a pesquisas adicionais, recomendamos as fontes de referências mais facilmente disponíveis: *The Anglo-Saxon World* (Oxford University Press, 1982), traduzido e editado por Kevin Crossley Holland, e *Anglo-Saxon Prose*, de Michael Swanton (Everyman, 1933).

- Attwater, Donald. *A New Dictionary of Saints*. Tonbridge Wells: Burns Sc Oates, 1993.
- Baker, Peter S. e Lapidge, Michael. *Byrhtferth's Enchiridion*. Londres: Early English Text Society, 1995.
- Banham, Debby. *Monasteriales Indicia*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1991.
- Banks, F.R. *English Villages*. Londres: Batsford, 1963.
- Barber, Richard. *The Penguin Guide to Medieval Europe*. Londres: Penguin, 1994.
- Barnes, W. *Early England and the Saxon-English*. Londres: John Russell Smith, 1859.
- Barroclough, Geoffrey. *The Crucible of Europe*. Londres: Thames & Hudson, 1976.
- _____, ed. *Social Life in Early England*. Ensaios da Associação histórica. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1960.
- Beckwith, John. *Early Medieval Art*. Londres: Thames & Hudson, 1969.
- Beda. *Ecclesiastical History of the English People*. Editado por D.H. Farmer. Traduzido para o inglês moderno por Leo Sherley-Price. Londres: Viking Penguin, 1955.
- Brent, Peter. *The Viking Saga*. Londres: Weidenfeld and Nicholson, 1975.
- Britnell, Richard H. *The Commercialisation of English Society*. Manchester: Manchester University Press, 1996.
- Brooke, Christopher. *Europe in the Central Middle Ages, 962-1154*. Londres: Longmans, 1964.
- _____. *The Structure of Medieval Society*. Londres: Thames & Hudson, 1971.
- Brooke, Christopher e Brooke, Rosalind. *Popular Religion in the Middle Ages*. Londres: Thames & Hudson, 1984.
- Brown, Michelle P. *Anglo-Saxon Manuscripts*. Londres: British Library, 1991.
- Brown, Ron. *Beekeeping — A Seasonal Guide*. Londres: Batsford, 1992.
- Cahill, Thomas. *How the Irish Saved Civilisation*. Nova York: Nan A. Talese/Doubleday, 1996.

- Campbell, James (com Eric John e Patrick Wormald). *The Anglo-Saxons*. Pxford: Phaidon, 1982.
- Camporesi, Piero. "Bread of Dreams", *History Today*, Vol. 39, abril de 1989.
- Cheney, C.R., ed. *Handbook of Dates for Students of English History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Claiborne, Robert. *Climate, Mand and History*. Londres: Angus & Robertson, 1973.
- Crook, John, ed. *Winchester Cathedral: Nine Hundreds, 1093-1993*. Chichester: Deão & Capítulo da Catedral de Winchester em conjunto com Phillimore, 1993.
- Crossley-Holland, Kevin, ed. *The Anglo-Saxon World — An Anthology*. Oxford: Oxford University Press, 1982.
- Daumas, Maurice. *A History of Technology & Invention*, Vol. I. Londres: John Murray, 1980.
- Davis, Ralph H.C. *The Normans and Their Myth*. Londres: Thames & Hudson, 1976.
- _____. *The Medieval Warhorse*. Londres: Thames & Hudson, 1989.
- Deegan, Marilyn e Scragg, D.C, eds. *Medicine in Early Medieval England*. Manchester: Centro de Estudos Anglo-Saxões, 1987.
- Derry, T.K. e Williams, Trevor. *A Short History of Technology from the Earliest Times to A.D. 1900*. Oxford: Clarendon Press, 1960.
- Diamond, Jared. *Guns, Germs and Steel*. Londres: Vintage, 1998.
- Drummond, J.C. e Wilbraham, Anne. *The Englishman's Food*. Londres: Pimlico, 1991.
- Duby, Georges. *Van Mil*. Paris: Editions Gallimard/Julliard, 1980.
- Edson, Evelyn. *Mapping Time and Space: How Medieval Mapmakers Viewed Their World*. Londres: British Library, 1997.
- Erdoes, Richard. *A.D. 1000: Living on the Brink of Apocalypse*. San Francisco: Harper & Row, 1998.
- Faith, Rosamond. *The English Peasantry and the Growth of Lordship*. Londres: Leicester University Press, 1997.
- Farmer, David. *Oxford Dictionary of Saints*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- Fell, Christine. *Women in Anglo-Saxon England*. Londres: British Museum, 1984.
- Fichtenau, Heinrich. *Living in the Tenth Century*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- Finberg, H.P.R. *The Formation of England 550-1042*. Londres: Hart-Davis, MacGibbon, 1974.
- Fletcher, Richard. *The Conversion of Europe*. Londres: HarperCollins, 1997.
- Flint, Valerie I.J. *The Rise of Magic in Early Medieval Europe*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- Focillon, Henri. *The Year 1000*. Evanston, Nova York: Harper Torchbooks, 1971.
- France, John, ed. e trad. *Rodulfus Glaber Opera*. Oxford: Clarendon Press, 1989.
- Gilbert, Martin. *Atlas of British History*. Londres: J.M. Dent, 1993.
- Griffiths, Bill. *Aspects of Anglo-Saxon Magic*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1996.

- _____. *The Battle of Maldon*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1991.
- _____. *An Introduction to Early English Law*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1995.
- Hagen, Anne. *A Handbook of Anglo-Saxon Food: Processing and Consumption*. Pinner: Anglo-Saxon Books, 1992.
- _____. *A Second Handbook of Anglo-Saxon Food and Drinking: Production and Distribution*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1995.
- de Hamel, Christopher. *Medieval Craftsmen — Scribes and Illuminators*. Londres: British Museum Press, 1992.
- Heaney, Seamus, trad. *Beowulf*, Books Section, *Sunday Times*, Londres, 26 de julho de 1998.
- Henson, Donald. *A Guide to Late Anglo-Saxon England from Alfred to Eadger II*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1998.
- Herbert, Kathleen. *Looking for the Lost Gods of England*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1994.
- _____. *Peace-Weavers and Shield-Maidens: Women in Early English Society*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1997.
- Herzfeld, George. *An Old English Martyrology*. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner para Early English Text Society, reeditado em 1997.
- Hill, David. *An Atlas of Anglo-Saxon England*. Oxford: Basil Blackwell, 1981.
- _____. "A Handful of Grit — Anglo-Saxon Bee-Keeping", *Beekeeper's Quarterly*, verão de 1994, p. 28.
- _____. "The Crane and the Gyrfalcon in Anglo-Saxon England", *Medieval Life*, 1994.
- Hooke, Della, ed. *Anglo-Saxon Settlements*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.
- Hoskins, WG. *The Making of the English Landscape*. Londres: Pelican, 1970.
- Howarth, David. *1066: The Year of the Conquest*. Londres: Penguin, 1981.
- Hyland, Ann. *The Medieval Warhorse from Byzantium to the Crusades*. Dover, New Hampshire: Allan Sutton Publishing, 1994.
- Johnson, Hugh. *The World Atlas of Wine*. Londres: Mitchell Beazley, 1971.
- Jones, Gwyn. *The Vikings*. Londres: Folio Society, 1997.
- Jones, Peter Murray. *Medieval Medicine in Illuminated Manuscripts*. Londres: British Library, 1998.
- Kemble, John. *Anglo-Saxon Pines*. Pinner: Anglo-Saxon Books, 1991.
- Landes, David. *The Wealth and Poverty of Nations*. Londres: Little, Brown, 1998. [Ed. Bras.: *A riqueza e a pobreza das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1998].
- Lang, James. *Anglo-Saxon Sculpture*. Aylesbury: Shire Publications, 1988.
- Langland, William. *Piers the Ploughman*. Traduzido para o inglês por J.F. Goodridge. Londres: Viking Penguin, 1959.
- Lash, Jennifer. *On Pilgrimage*. Londres: Bloomsbury, 1998.
- Latouche, Robert. *The Birth of Western Economy*. Londres: Methuen, 1961.

- Leyser, Henrietta. *Medieval Women: A Social History of Women in England 450-1500*. Londres: Phoenix, 1996.
- Leyser, Karl. *Communications and Power in Medieval Europe*. Londres e Rio Grande, Ohio: Hambledon Press, 1994.
- Manchester, William. *A World Lit Only by Fire*. Boston: Little, Brown, 1992.
- Mays, Simon. *The Archaeology of Human Bones*. Londres: Routledge, 1998.
- McCrum, Robert, MacNeil, Robert e Cran, William. *The Story of English*. Londres: Faber & Faber, 1992.
- McGurk, Patrick e outros. *An Eleventh Century Anglo-Saxon Illustrated Miscellany: British Library Cotton Tiberius B.V. Oart 1*. Copenhagen: Early English Manuscripts in Facsimile, 1983.
- McGurk, Patrick. "The Metrical Calendar of Hampson", *Analecta Bollandia*, 1986, Tomo 104, Fasc. 1-2, pp. 79-125.
- Morant, G.M. "A First Study of the Craniology of England and Scotland from Neolithic to Early Historic Times, with Special Reference do the Anglo-Saxon Skulls in London Museum", *Biometrika*, Vol. 18, 1926.
- Moss, H. St. L.B. *The Birth of Middle Ages, 395-814*. Oxford: Oxford University Press, 1961.
- Murray, Alexander. *Reason and Society in the Middle Ages*. Oxford: Clarendon Press, 1978.
- Ohler, Norbert. *The Medieval Traveller*. Woodbridge: Boydell Press, 1989.
- Paor, Liam de. *Ireland and Early Europe*. Dublin: Four Courts Press, 1997.
- Pearson, Karl e Davin, Adelaide. "On the Biometric Constants of the Human Skull", *Biometrika*, Vol. 16, 1924.
- Phillips, Fr. Andrew. *The Hallowing of England*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1994.
- Pollington, Stephen. *The English Warrior from Earliest Times to 1066*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1996.
- _____. *An Introduction to the Old English Language and Its Literature*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1994.
- _____. *Wordcraft: Wordhoard and Worldlists*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1993.
- Porter, John. *Anglo-Saxon Riddles*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1995.
- Porter, Roy. *The Greatest Benefit to Mankind*. Londres: HarperCollins, 1997.
- Postan, Michael M. *Essays on Medieval Agriculture and General Problems of the Medieval Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- Power, Eileen. *Medieval People: A Study of Communal Psychology*. Londres: Penguin, 1937.
- Pulsiano, Phillip e Treharne, Elaine. *Anglo-Saxon Manuscripts and Their Heritage*. Aldershot and Brookfield, Vermont: Ashgate, 1998.
- Rodger, N.A.M. *The Safeguard of the Sea — A Naval History of Britain*. Londres: HarperCollins, 1997.

- Rodrigues, Louis J. *Anglo-Saxon Verse Charms, Maxims and Heroic Legends*. Pinner: Anglo-Saxon Books, 1993. Rollason, David. *Saints and Relics in Anglo-Saxon England*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- Rosener, Werner. *Peasants in Middle Ages*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- Sawyer, Peter H., ed. *Anglo-Saxon Charters: An Annotated List and Bibliography*. Londres: Royal Historical Society, 1968.
- Smith, Alan. *Sixty Saxon Saints*. Hockwold-cum-Wilton: Anglo-Saxon Books, 1994.
- Southern, R.W. *The Making of the Middle Ages*. Londres: Arrow Books, 1959.
- Stafford, Pauline. *Queen Emma and Queen Edith*. Oxford: Blackwell, 1997.
- Staniland, Kay. *Medieval Craftsmen — Embroiderers*. Londres: British Museum Press, 1991.-
- Stratton, John M. *Agricultural Records, A.D. 220-1968*. Londres: John Baker, 1969.
- Swanton, Michael, trad. e ed. *The Anglo-Saxon Chronicle*. Londres: J.M. Dent, 1997.
- _____. *Anglo-Saxon Prose*. Londres: J.M. Dent, 1993.
- Sweeney, Del, ed. *Agriculture in the Middle Ages*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1995.
- Thompson, Damian. *The End of the Time*. Londres: Minerva, 1997.
- Thorndike, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science*. Nova York: Macmillan, 1923.
- Tite, Colin. *The Manuscript Library of Sir Robert Cotton: The Panizzi Lectures*. Londres: British Library, 1993.
- Walsh, Michael. *A Dictionary of Devotions*. Tonbridge Wells: Burns & Oates, 1993.
- Werner, Alex, ed. *London Bodies: The Changing Shape of Londoners from Prehistoric Times to the Present Day*. Londres: Museum of London, 1998.
- Wheeler, A. e Jones, A.K.G. *Fishes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- Whitlock, Dorothy. *Anglo-Saxon Wills*. Cambridge: Cambridge University Press, 1930.
- _____. *The Beginnings of English Society*. Londres: Penguin, 1952.
- _____. *English Historical Documents, c. 500-1042*. Londres: Eyre & Spottiswoode, 1995.
- Wormald, Francis, ed. *English Kalendars before A.D. 1100*. Londres: Henry Bradshaw Society, 1934.
- Wormald, Patrick, ed. (com D. Bullough e R. Collins). *Ideal and Reality in Frankish and Anglo-Saxon Society*. Oxford: Basil Blackwell, 1983.

Índice

- Ábaco, efeito do, 160
Abbo de Fleury (teólogo), 155
Abingdon, abadia, 80
Aborto, 107
Açúcar, 118
Aelfflaed (mulher da nobreza), testamento de, 31
Aelfhrhyth, rainha viúva da Inglaterra, 140, 141
Aelfric (mestre-escola de Wessex), 20,27,53, 54, 95, 107, 112; *Colloquy*, 49, 79, 103
Aelfwold, bispo, testamento de, 31-32
Aethelflaed, "Dama dos Mércios", 142
Aethelings, 141, 143
Agostinho de Hippo, Santo, 22, 35, 93, 96, 122, 157
agricultura, 33, 36, 40; como sistema autoritário, 50; apicultura, 118-120; lavradores e, 33, 43, 91; administração de propriedade, 50-51, 116-117, 164; animais de criação, 69, 82, 116, (como máquinas) 163; floresta, 79; frutos e legumes, 117; colheitas e festivais de colheita, 50, 103, 104, 116-117, 133; secagem do feno, 91, 98; e "hiato da fome", 91-92, 103; monges e, 92; sucesso da, 80-81,134. *Ver também* arados e aração
Alcuíno (erudito e mestre-escola de Yorkshire), 56
Aldhelm, São, 134
Aldwulf, rei de East Anglia, 122
Alemanha, 67, 123; tribos da, 34, 47
Alfred "o Grande", rei de Wessex, 26, 71, 96, 132,134,143; estratégia de defesa de, 36, 37, 73, 80, 86; descendentes de, 38, 39, 61, 97, 142, 143; genealogia de, 120-121, 122; leis de, 145-146; sistema solar explicado por, 87-88; sobe ao trono, 140-141
Alphege, arcebispo de Canterbury, 130
Altura do corpo, 19
Alucinógenos, 92, 110
Anglos, 34, 35
Anglo-saxões: Bretanha invadida por, 19, 34, 35, 80; civilização floresce, 75; e fronteira de Danelaw, 37; primeiros reinos, 21; e língua inglesa, 35; folclore de, *ver* folclore; conhecimento do mundo, 26; leis de, *ver* códigos legais; legado de, 33; cortes reais de, 60-61; e escravidão, 32, 48; como mercadores, 83; nomes de aldeias e lugares de, 44-46, 49-50, 69, 79. *Ver também* Inglaterra
Anglo-Saxon Chronicle, 34, 37, 38-39, 55, 73-74, 86,142; genealogia de Alfred, 121; sistema de data usado por, 23
Animais, fazenda. *Ver* agricultura
Ano-novo, dia de, 23, 157
Ano-novo, véspera de, 159
"Anos da Graça", 23
Anticristo, 154-156. *Ver também* Demônio
Anunciação, Festa da, 23
Apicultura, 118-120
Apocalipse, Livro do, 151, 154, 157-158
"Apocalipse", 154, 156
"Aquecimento global", 120
Árabes, 47, 97, 133, 141
Arados, 20, 33, 45, 46, 57, 79; lavradores arando, 20, 46-47, 49, 50, 121, 162; tecnologia melhorada, 116, 164
Aristóteles, 97, 158
Armas. *Ver* guerra
Armstrong, Neil, 35
Arqueológicas, descobertas, 117; esqueletos animais, 69, 82,116; moedas, 65, 73,164; excrementos, 105; sepulturas, 19-20, 107, 118, 145, 161-162; casas e utensílios domésticos, 59, 60, 79; em Terra Nova, 87; armas, 72, 131; e clima, 119-120
arquitetura, 39, 45-46. *Ver também* casas e utensílios domésticos
artesanato, 161
Artur, rei da Bretanha, 130
Árvores. *Ver* florestas; madeira e tecnologia de trabalhar a madeira
Assuntos militares. *Ver* guerra
Athelney, ilha de, 36

- Athelstan, "Rei de toda a Bretanha", 38; juramento de fidelidade a, 128; Otto I casa com irmã de, 158; Saltério de, 97; Segundo Código de Leis de, 67
- Átila o Huno, 26
- Austen, Jane, 45
- Bagdá, império baseado em, 163
- "Bald, Livro de Sanguessugas de", 109-112
- Banquetes. *Ver* festivais
- Barking, abadessa de, 82
- Barley (*Beow*) (figura folclórica mítica), 121
- Barulho, 44
- Basilio, São, 104
- Batalha de Hastings. *Ver* Conquista normanda (1066)
- Batalha de Maldon, 71-73, 130, 131
- Batalhas marítimas, 86
- Bayeux, tapeçaria de, 132
- Beda, o Venerável, 15, 27, 36, 55, 88, 111, 143; e os anglos, 34; e o calendário, 21, 22, 23, 53, 162; e paganismo, 121-123; sobre o tempo, 120; textos, 23
- Benedito, São, e Norma Beneditina, 93-95, 117
- Beowulf*, 32, 59, 61, 130
- Bibliotecas: Catedral de Canterbury, 107, 133-134; Cotton, sistema de catalogação, 14; Catedral de Exeter, 134; mosteiros, intercâmbio entre, 116-117
- Bizantino, Império, 71, 84, 163
- Bonifácio, São, 123
- Breughel, Pieter o Velho, 92
- Britônicos, 22, 34
- Bronze, Idade do, 122-123
- Budista, sistema de data, 162
- Burgos (*burhs*), 80, 82, 86, 142. *Ver também* vida em comunidade
- Burke, Edmund, 164
- Byrhtnoth, líder na Batalha de Maldon, 72, 130
- Caça, 127
- Caedmon (poeta), 143
- Calendário de Trabalho de Julius, 13-15, 95, 162; letras dominicais e números dourados, 24; função de, 15, 25, 28, 162; ilustrações, 14, 20, 31-33, 59, 84, 98-99, 103; e o milênio, 157; origem e desenvolvimento do, 97-99
- Calendário: sistema de Anno Domini, 22, 23; desenvolvimento de, 20, 53; divergências sobre, 21-22; judaico, budista e muçulma-
no, 21, 162; romano, 21, 22-23, 97; equinócio da primavera e, 43. *Ver também* Calendário de Trabalho de Julius
- Câmara dos Lordes, 69
- Cambridge, como porto marítimo, 86
- Canadá, chegada escandinava no, 87
- Canibalismo, 56, 154
- Canja de galinha, 57. *Ver também* comida e bebida
- Canterbury, 22, 37, 66, 122, 131
- Canterbury, Catedral de, 93; Calendário de Trabalho de Julius produzido na, 95, 98; biblioteca na, 107, 133
- Canto (como culto), 26, 93-94, 134
- Canto gregoriano, 93-94
- Cantos hebraicos, 93
- Canuto, rei da Inglaterra, 75, 123, 140; leis de, 145, 146-147
- Carga da Brigada Ligeira, 72
- Carlos Magno, imperador do Ocidente, 56, 61, 69, 88, 98, 163
- Carpinteiros, 79-80
- Cartas de jogar, 133
- Casamento, 20, 144, 146; e divórcio, 144-145
- Casas e utensílios domésticos, 45-46, 58-60, 79-80, 106, 162
- Cauterização, 112
- Celebrações. *Ver* festivais
- Celtas, 34, 79
- Cérebro, capacidade do, 32
- Cerne Abbas, gigante de, 28
- Cerveja, 60
- César, Júlio, 97
- Cesariana, 162
- Chester, bispo de, 82
- Cidades. *Ver* vida em comunidade
- Cláudio, imperador de Roma, 39
- Cluny (França), mosteiro em, 105, 151
- Códigos legais, 55, 66, 70, 144-148, 164
- Colesterol, 57
- Colheita. *Ver* agricultura
- Colheres-peneiras, 60
- Colombo, Cristóvão, 86
- Comércio de lã, 69-70
- Comércio. *Ver* econômicas, condições
- Comida e bebida, 56-61, 105; bebidas, 60, 117; pão, 104; frutas e legumes, 105, 117; carne, aves, peixe, 56-58, 105, 115, 117, 127; "mês dos bolos", 121; pratos e copos para, 79; escassez de (fome). *Ver* econômicas, condições; especiarias, 83, 110; açúcar e mel, 60, 117-120
- comportamento sexual, 68; celibato do clero, 143; leis relativas, 145-146

- "Companheiros do fogo", 131-132
 Conquista normanda (1066), 15,35, 47, 68, 75, 117; batalha de Hastings, 131-133; e pesquisa de Domesday (1086), 48, 104, 119-120; e restrições à caça, 128; e tecnologia militar, 164
 Constantino I "o Grande" (imperador), 159
 Contabilidade, casa de (Inglaterra), 160
 Copérnico, 88
 Coprólito, 105
 Coreano, Império, 163
 Corações, 39, 68, 96
 Corte real, 26, 61
 Cotton, Sir Robert, 14
 Crime, punição por, 145-148, 156
 Cristianismo: e o calendário, 21-22, 23-25; controle da igreja sobre vida cotidiana, 144-146; igrejas construídas, 45-46, 153-154; igrejas dedicadas a santos, 26-28; e as Cruzadas, 164; dissolução de mosteiros, 14, 68; e doutrina do arrendimento, 153; celebração da Páscoa, 50, 53-55, 61; aceitação européia de, 71, 123; e heresia, 152, 154; estabelecimento do, na Irlanda, 22; e magia, 27, 122; e medos do milênio, 151-158, 159; missionários do, 22, 26, 35, 45, 93, 122, (monges beneditinos) 92-94, 116-117, (mulheres) 142-143; santos do. *Ver* santos; dias de santos
 Cristo: nascimento de, 23; figura de, na cruz cumbriana, 123; lenda de Glastonbury sobre, 27; milagres realizados por, 25-26, 107; Paixão de, 21, 53,154,155. *Ver também* Anticristo
 Cromwell, Oliver, 145
 Crucificação, a, 21. *Ver também* Cristo
 Cruzadas, as, 117, 164
 Culto, função do, 25

 Danegeld, 73, 74, 163
 Danelaw, 37, 38, 71, 74, 129
 Danes (dinamarqueses), campanha inglesa contra, 22, 142, 155; higiene de, 106; e nomes de lugares, 44; dominam Inglaterra, 75, 123, 130, 140, 163. *Ver também* vikings
De Temporum Ratione (Beda), 122
 Demônio, 24, 26, 152-153, 159; exorcismo do, 108; profecias de libertação do, 151, 152-153, 154, 155, 158
 destino, poema do Old English com meditação sobre, 165-166
 deuses nórdicos, 122, 123
 Diana, princesa de Gales, 28

 Dias da semana, nomes para, 122
 Dias de santos, 23, 26, 32, 39-40, 143, 159; relacionados no Salterio de Athelstan, 97
 Dinheiro. *Ver* moedas e cunhagem
 Diocleciano, imperador de Roma, 23, 26
 Dionysius Exiguus (Dioniso o Pequeno), 22, 23
 Direito de propriedade. *Ver* econômicas, condições
 Doença. *Ver* saúde, estado de
 Domesday, pesquisa de, 48, 104, 119
 Droitwich, salinas e fomalhas de, 81
 Dunstan, São, arcebispo de Canterbury, 39, 68, 96, 143

 Eadwig, rei dos ingleses, 68
 Eanfled de Kent, rainha da Northumbria, 21
 East Anglia, vikings em, 36, 71, 74 *Ecclesiastical History of the English People* (Beda), 23
 Econômicas, condições, 162; o ábaco e, 160; e facilidades comunitários, 104; fome, 55-57, 80,154, ("hiato da fome") 91-92,103; animais de fazenda e, 116, 163; livre iniciativa, 50, 81; no milênio, 155-156; dinheiro, *ver* moedas e cunhagem; e movimento "Paz de Deus", 155; população, 20, 44, 80; propriedade, 31, 81-82, 145-146, 164 (*ver também* testamentos e legados); prosperidade, 65, 67, 78-69, 74, 80, 127, 163, 164; e escravidão, 47-49, 55, 164; tributação, 118, 123; comércio, 48, 68-70, 81, 83-86, 110; guerra e, 133
 Edgar, rei da Inglaterra, 39, 96, 144, 155
 Edith (irmã de Athelstan), 159
 Edith de Wilton, Santa, 144
 Edmund II (Ironside), rei dos ingleses, 75
 Educação, 36, 46-47. *Ver também* mosteiros
 Edward o Confessor, rei dos ingleses, 57,140
 Edward o Mártir, rei dos ingleses, 140
 Edward o Velho, rei de Wessex, 142
 Elfgar (dono de propriedade em Bishopsworth), 82
 Elfwear (dono de terra em Worcester), 139
 Elizabeth II, rainha da Inglaterra, 39
 Ely, 117, 119
 Emma da Normandia (esposa de dois reis ingleses), 74, 140-142
 Encantamentos, 110, 119
 Enfermidade. *Ver* saúde, estado de Enigmas, 133-135, 143-144
 Eostre (deusa do amanhecer), 53
 Equinócio da primavera, 43
 Eriksson, Leif, 87, 88, 120

- Escandinávia, 53, 87; incursões na Bretanha da, *ver* danes, vikings
 Escócia, 34, 96, 103; defesa de *Macbeth*, 110
 Escravidão, 31, 32, 48, 57, 128, 145-146, 155-156; como fonte de trabalho, 47, 164; como punição por crime, 48, 146, 156; comércio de escravos, 48, 68, 72; guerra como fonte de, 47-48
 "Esnobismo de cronologia", 166
 Espinho de Glastonbury, 27
 Esportes e passatempos, 133-134
 Essex, 31, 34, 36, 71, 74
 Estêvão, rei da Hungria, 123
 Estradas romanas, 37, 86
 Ethelbert, rei de Kent, 122
 Ethelred "o Despreparado", rei da Inglaterra, 61, 65-66, 70-71, 73-75, 97, 155; casa com Emma da Normandia, 74, 140
 Ethelwold, bispo, 141, 144
 Ética do trabalho, 162
 Eucaristia, 53-54
 Excrementos, 105
Exeter Book (coleção de enigmas), 134
 Exorcismo, 108
 Expectativa de vida, 20
- Famílias reais, 141, 143; orações para, 96
 Faroe, ilhas, 58, 87
 Fazendas. *Ver* agricultura
 Fé, 28, 107, 111
 Feno, colheita do, 91, 98
 Festa da Anunciação, 23
 Festivais, 21, 24, 26; e banquetes, 50, 56, 58-61, 82; colheita, 50-51, 103, 112; frenesis rurais, 92. *Ver também* calendário; Páscoa; dias de santos
 Florestas: conhecimento de árvores, 110; valor de, 80, 116
 Folclore, 32, 35-36, 40, 72, 142-143
 Fome. *Ver* econômicas, condições
Fortunes of Men, The (poema do Old English), 165, 166
 França, 120. *Ver também* Normandia
Frank pledge, 129
- Gabriel, anjo, 23
 Gales e os galeses, 34, 48
 Galileo Galilei, 88
 Gall, St., mosteiro, 117
 Geatfleda (dama da Northumbria), 48
 Genevieve, Santa, 26
 Gerbert de Aurillac, 158-160
 Glaber, Ralph, 151-155, 156
- Grande Júri, 70
 Graves, Robert, 32
 Greenwich, hora de, 22
 Gregório I "o Grande" (Papa), 22, 27, 93, 122
 Guarda varangiana (Constantinopla), 70
 Guerra: Batalha de Hastings, 131-133; Batalha de Maldon, 72-73, 130, 131; tapeçaria de Bayeux, mostra, 131-132; regra fundamental da, 130-131; caçada como treinamento para, 134; erros militares, 72; líderes militares, 129-130, 131; tecnologia militar, 164; cavalaria, 132-133, 164; batalhas marítimas, 86; "muralha de escudos", 131-132, 142; como fonte de escravos, 47-48; esportes e passatempos relacionados com, 133; armas, 72, 131-132
 Guilherme de Malmesbury (historiador), 142
 Guilherme I, o Conquistador, rei da Inglaterra, 15, 58, 75, 132, 133, 140
- Halley, cometa de, 152
 Harald Hardrade, rei da Noruega, 132-133
 Harold I Harefoot, rei dos ingleses, 140
 Harold II, rei dos ingleses, 131-132
 Harthacanute, rei dos ingleses, 140
 Heaney, Seamus, 33
 Henrique I, rei da Inglaterra, 58
 Henrique V, rei da Inglaterra, 86
 Henrique VIII, rei da Inglaterra, 14, 68
 Heresia. *Ver* Cristianismo
 Herodes, rei da Judeia, 23
 "Hiato da fome". *Ver* econômicas, condições
 Hilda, Santa, 143
 Holanda, invasões da, 34, 35
 Hugo Capeto, rei da França, 159
 "Humores", quatro, 111
- Idade do Ferro, 79
 Idos, 24
 Igreja Católica, 22, 26, 53, 54, 71; e unção de reis, 96. *Ver também* Cristianismo; mosteiros
 Igreja de São Paulo (Londres), incêndio da, 39
 Igrejas. *Ver* Cristianismo
 Império chinês, 163
 Império Romano, controle ottoniano do, 163
 Impostos, 118, 123, 163
 Índia, 26, 163
 Índias Orientais, comércio, 83
 Indústria ocidental prenunciada, 162
 Ine, rei de Wessex, 147

Infanticídio, 55

Inglaterra: anglo-saxônia, *ver* anglo-saxões; batalhas pela, 128 (*ver também* vikings); e o calendário, 22-23; cristianização da, 22, 92-94; comunidades da, *ver* vida em comunidade; casa de contabilidade desenvolvida, 160; nas Cruzadas, 164; dinamarquesa, 75, 123, 130, 140, 163; dividida em condados, 70; economia e comércio, *ver* econômicas, condições; como "Engla-lond", 36, 39; saúde nos períodos georgiano e vitoriano, 19; história, *ver* *Anglo-Saxon Chronicle*; lugares mágicos, 19-20; erros militares, 72; medos do milênio, 155-157; identidade nacional, 164-165; marinha, 75, 86; relações com a Normandia, 71-72, 74; população, 20, 43-44, 80; ocupação romana, *ver* Romanos, os; família real, 96, 141 (*ver também* coroações); portos marítimos, 85-86; minas de prata, 67; unificada, 39; padrões de vegetação, 45; ética do trabalho, 163

Irlanda, 26, 34, 97, 141; e o calendário, 21-22; monges missionários da, 22, 117; escravidão na, 48, 72

Isidoro de Sevilha, 26

Islândia, 86, 87, 120, 123

Jack Frost, 24

Japônês, Império, 163

Jejum, 56

Jesus Cristo. *Ver* Cristo

João I (Papa), 22

João o Apóstolo, São, 22; profecias de, 151-153

Jogos, 133

John Barleycorn, 121

José de Arimatéia, São, 27

Judaico, sistema de data, 21, 162

Juliano, imperador de Roma, 104

Juramento de fidelidade. *Ver* senhor Jutos, os, 34

Kiev, vikings como príncipes de, 71 KL

(Calendas), 24

Lammas, Dia de, 103, 112. *Ver também* festivais

Latrinas, 104-106

Lavradores. *Ver* agricultura

Lepra, 107

Lewis, C.S., 166

Life of St. Dunstan, 68

Lincolnshire, nomes de lugares em, 44

Lindisfarne, monges de, 21

Língua inglesa: aparecimento e desenvolvimento da, 34-38, 165; dias da semana, 122; *englisc*, 34, 37, 68, 140, 145, 165; significado de "lord", "port", 85; Old English, 35, 44, 48, 165; *pidgin*, 37; origem das palavras "Welsh", "borough", "orchard", 34, 80, 116. *Ver também* nomes

Língua nórdica, 37-38, 129

Linguagem dos sinais, 95-96

Línguas, 37-38, 129; linguagem de sinais, 95-96.

Ver também língua inglesa

Liudprand, bispo de Cremona, 84

Lombardia, 83, 154

Londres, 37, 66; clima de, 120; pestilência e incêndio em (962 d.C.), 39; rendição para anglo-saxões, 80; rendição para Sweyn, 74

LSD (ácido lisérgico), 92

Luciano, São, 26

Lugares, nomes de. *Ver* nomes

Lupercalia (festival da fertilidade romano), 40

Macbeth (Shakespeare), 110

Maria do Egito, Santa, 25

Maria, mãe de Jesus, 23, 25, 122; início do culto de, 141

Matemática, 23, 24, 160, 164

Matemática ocidental, 23, 164

Mead, 59, 60

Medicina. *Ver*, saúde, estado de

Medidas do crânio, 32

Medos do milênio, 151-158, 159, 165

Mel, 60, 118

Melton (cidade), evolução do nome, 44

Mercado de gado, 82

Mércia, reino de, 34, 35, 142

Midlands, as, 34, 37, 142

Milagres, 25, 27-28, 107

Minas de prata, 67

Missionários. *Ver* Cristianismo

Moedas e cunhagem, 65-67, 80, 123, 162; apresentação de soberanos em, 25, 65, 73; data mais antiga conhecida, 66

Moinhos de água, 104

Monarquia. *Ver* famílias reais

Monasteriales Indicia (manual de linguagem de sinais), 95

Mosteiros, 80; agricultura por, 92-93, 116-117; e *Anglo-Saxon Chronicle*, 37; criatividade de, 97-99; como estabelecimentos educacionais, 92-93, 94, 95, 97; Glaber expulso de, 151; dissolução de, por

- Henrique VIII, 14, 68-69; vida e condições de vida em, 93-97, 105, 106, 117; Lindisfarne, 21; monges como missionários, *ver* Cristianismo; orações e sermões em, 25, 93-94; dirigidos por mulheres, 82, 143-144; segregação sexual de, 143; linguagem de sinais usada em, 95-96; vikings destroem, 96
- Muçulmano, sistema de data, 162
- Mulheres: igualdade de, 139-140, 147-148; nobres como servidoras de vinho, 60-61; leis relacionadas com, 145-147; e casamento, 20; mosteiros dirigidos por, 82, 142-144; poder e autoridade das, 31-32, 49, 82, 140-144
- "Muralha de escudos". *Ver* guerra
- Nação-estado, conceito, 164
- Natal, 53. *Ver também* festivais
- Nomes: pessoais (e apelidos), 46, 61, 83; lugares, 44, 69. *Ver também* língua inglesa
- Nonas, 24
- Normandia, 71-72, 74, 75-76
- Numerais árabes, 164
- Numerais romanos, 23, 24, 160
- Obscenidades, 35
- Odo, bispo de Bayeux, 132
- Old English. *Ver* língua inglesa
- Old Norse, língua, 129
- Oração, 28, 45; dos trabalhadores, 118, 121; na vida monástica, 25, 93-94; para a família real, 96; vs. sacrifício, 122
- orla celta, 34
- Oswy, rei de Northumbria, 21
- Otoniana, dinastia (Otto I, Otto II, Otto III), 159, 163
- Ovelhas e tosquia, 69
- Ovídio, 158
- Oxford, 74, 80, 86
- Pactos de suicídio, 55
- Paganismo, 40, 53, 121-124, 144, 145, 160
- Palavras de impreciação, 35
- Pannage*, 116
- Pão, 103. *Ver também* comida e bebida
- Parto, 161-162
- Páscoa, festa da, 21
- Páscoa: cálculo da data, 21-22, 24, 143; celebração da, 50, 53-55, 59-61; e Quaresma, 21, 56
- Patrício, São, 22
- Paulo de Tebas, São, 26
- Paulo, São, 26
- Pávia, comércio com, 83
- "Paz de Deus", movimento, 155
- Pentecostes, 53. *Ver também* festivais
- "Pequeno Ideal" (época quente), 120
- Pepys, Samuel: *Diaries*, 23
- Persa, Império, 163
- Pescadores e peixes, 57-58, 105
- Peste Negra, 20
- Pictos, 22
- Piers Plowman*, 55, 91, 103
- Pimenta-do-reino como "tesouro", 83, 110
- Platão, 97, 158
- Plínio o Velho, 20, 110
- Poesia anglo-saxônica, 32, 59, 116; quantidade sobrevivente, 68; primeiros cristãos, 143; *The Fortunes of Men*, 165-166; heróis de, 72-73, 130, 145; enigmas, 134. *Ver também* Beowulf
- política de poder, 128-130. *Ver também* senhor
- população, 20, 44, 80
- Porcos como alimento, 115-116. *Ver também* comida e bebida
- Port*, significado original, 85
- Pouso na lua, linguagem anunciando, 35
- Protestantismo, 54. *Ver também* Cristianismo
- Pulgas, 106
- Quaresma. *Ver* Páscoa
- Rectitudines Singularum Personarum*, 49
- Redwald, rei de East Anglia, 122
- Reeve* (intendente), 50, 81, 85; *shire reeve* (xerife), 70, 85, 128
- "Rei Ano" na tradição pagã, 53
- Renascença, a, 99
- Ricardo II, duque da Normandia, 71-72, 74, 140
- Ritos de fertilidade, 28, 40
- Roda de fiar, 69
- Roma, 34; queda de, 47, 80
- Romanos, 45, 116, 119; calendários, 21, 22-23, 97; festival da fertilidade, 39; Bretanha ocupada, 80, (partida) 19, 34
- Roupas, 19-20, 144, 162
- Rússia, vikings como príncipes da, 71, 120
- Saco de lá, 69
- Sal, comércio de, 81
- Saltério de Utrecht, 98
- Santa Maria* (navio de Colombo), 86

- Santos, 22, 25-28, 82, 144; igrejas dedicadas a, 26-28; pão comido por, 104; irlandeses, 97
- Sardenha, heresia na, 152
- Sarracenos, 158, 163
- Sassenach*, origem do termo, 34
- Satã. *Ver* Demônio
- Saúde, estado de, 19-20; parto, 161; doença, 20, 106, 107, (amuletos contra) 109, exorcismo e, 108-109; fé e, 27-28, 107, 111; e enfermarias monásticas, 94; nutrição e, 57, 58, 104; remédios, 109-112, 119, 144; saneamento e, 105-107; e cirurgia, 108
- Saxões, 33, 34. *Ver também* anglo-saxões
- Secundinus, São, 26
- Senhor, fidelidade (*fealty*) a, 128-129; comunidade reconhece autoridade de, 49, 164; como gângster, 129-130; significado do termo, 56; como protetor, 49-50
- Sepulturas, escavação de. *Ver* arqueológicas, descobertas
- Sermão do Lobo Para o Inglês* (Wulfstan de York), 155
- Sexta-feira da Paixão, 53. *Ver também* Páscoa
- Shakespeare, William, 103, 110
- Shetland, ilhas, 87
- Silvestre I (Papa), 159
- Silvestre II (Papa), 158-160
- Simão Estilita, São, 25, 26
- Sistema de contagem. *Ver* matemática
- Sistema feudal, 47
- Sistema solar, compreensão do, 87-88
- "Sobre o Cálculo do Tempo" (Beda), 22
- Sweyn Forkbeard, rei da Dinamarca e da Inglaterra, 74
- Swithin, St., 27, 82
- Tâmisa, rio, 80
- Tempo, 120
- Terra Nova, 87, 120
- Testamentos e legados, 47, 59, 69, 81-82, 164; do período do milênio, 156; de mulheres, 31-32, 49, 82, 140
- Timóteo, São, 26
- Tinta, 13
- "Tomado por elfos", 108
- Trabalhos árduos, 20, 51, 92-93. *Ver também* agricultura; escravidão
- Trepanação, 108
- Valentim, São, 39
- Veneza, primeiro carregamento de açúcar para, 118
- Vicente, Dia de São, 33
- Vida em comunidade, 46; organização comunitária, 104-105, 164; divisões sociais, 92-93; cidades, 80, 81-83, 86; aldeias, 43-46, 49-50, 80
- Vidro, 46
- Vikings: Cristianismo praticado por, 70, 123; e nomes de lugares, 44; ataques dos, 70-75, 80, 85, 110, 163, (derrotas de Aethelflaed) 142-143, (defesa de Alfred contra) 36-37, 73, 80 (mosteiros destruídos) 96, (tempo e) 119-120, (como obra do Anticristo), 156; comércio com, 48, 70. *Ver também* danes, as aldeias. *Ver* vida em comunidade
- Vinhedos, 32-33, 116-117, 119
- Vinho e garrafas de vinho, 59
- Vladimir de Kiev, rei dos rus, 123
- Wapentakes*, 129
- Washington, George, 36
- Watling Street (estrada romana), 37
- Wergild*, sistema de, 145, 147
- Wessex, 27, 34, 36, 37, 73; casa real de, 123, 158
- Westminster, Abadia de, 39
- Westminster, biblioteca (de Sir Robert Cotton), 14
- Whitby, Sínodo em, 21, 143
- Winchester, 37, 66, 74, 107, 143, 161; documentos de, 81, 82-83, 110
- Winchester, Catedral de, 27, 93, 123
- Woden (deus nórdico), 121, 122, 123
- Wulfgeat de Donnington, testamento de, 31
- Wulfhelm, arcebispo, 80
- Wulfrida, amante do rei Edgar, 144
- Wulfstan, arcebispo de York, 72-73, 116-117, 161; pensamentos sobre administração de propriedade, 49-51, 57, 58, 59, 116-117, 164; pensamentos sobre o milênio de, 155-156, 157, 158, 165
- Xadrez, 133-134
- Xerife. *Ver* reeve

Impressão e acabamento:

GRÁFICA PAYM

Tel. (011)4392-3344

O *Ano 1000* é um retrato vigoroso e surpreendente da vida na Europa há mil anos... um mundo que já conhecia os neurocirurgiões, os incorporadores imobiliários e até mesmo o colunista social. Ao descobrirem esses detalhes maravilhosamente inesperados, Robert Lacey e Danny Danziger trazem esse mundo distante para perto de nós. Como as pessoas sobreviviam sem açúcar? Como os monges se comunicavam se não tinham permissão para falar? Por que julho era chamado "o mês da fome"? O *Ano 1000* responde a essas perguntas e revela segredos como a receita para uma forma medieval de Viagra e um alucinógeno chamado "pão louco". No espírito do moderno jornalismo investigativo, Lacey e Danziger entrevistaram os maiores historiadores e arqueólogos. A pesquisa levou-os a um documento antigo e pouco conhecido do período, o Calendário de Trabalho de Julius, um guia que nos conduz devolta no tempo para um mundo encantador, um mundo de reis e foliões, santos e trabalhadores escravos, paganismo persistente e profunda fé cristã. Este livro, informativo e exuberante, termina quando a sombra do milênio se estende sobre a Europa e a cristandade. Enquanto os profetas do Juízo Final prevêem o fim do mundo, o ano 1000 testemunha o aparecimento de conceitos desconcertantes, o infinito e o zero, e o ábaco. São presságios do futuro. O *Ano 1000* analisa os ingredientes humanos e sociais que possibilitariam o sucesso e a realização nos mil anos seguintes.

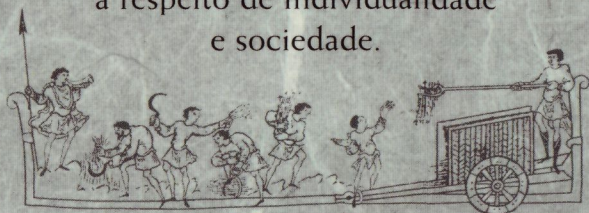
Robert Lacey é autor de Majesty, The Kingdom e Ford, The Men and the Machine. As entrevistas de Danny Danziger já foram publicadas por importantes jornais britânicos, como The Sunday Times. Juntos, são os fundadores e co-editores da revista Cover.

Consulte nosso catálogo completo
e últimos lançamentos em:
www.campus.com.br

Os riscos eram muitos; a moradia, sem conforto; os odores, desagradáveis; mas a vida na Europa na virada do primeiro milênio não era tão ruim.

Se você encontrasse um cidadão inglês no ano 1000, a primeira coisa que o chocaria seria a sua altura – maior do que a de qualquer ser vivo de hoje. Os anglo-saxões não eram somente altos, eram mais bem alimentados e saudáveis do que muitos britânicos de apenas algumas gerações atrás. Em um estilo leve e bem-humorado, os autores apresentam o medieval *Calendário de Trabalho de Julius*, um documento que detalha o cotidiano do ano 1000, para reconstruir o espírito e a realidade do período.

Lacey e Danziger levam o leitor a uma divertida e bem-documentada viagem, mês a mês, durante um único ano, abordando questões como crença religiosa, superstição, medicina, culinária, agricultura e política, além de idéias contemporâneas a respeito de individualidade e sociedade.



ISBN 85-352-0455-5



9 788535 204551